

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Ambrose Pierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé  
Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar*

*Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente*

4

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS N° 4

2° Semestre de 2001

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

## *Edição*

Tinta Permanente  
tintapermanente@mail.pt

## *Direcção*

Luísa Costa Gomes  
lcg@ip.pt

## *Orientação Gráfica*

Jorge Silva

## *Revisão*

José Lima

## *Impressão*

Coingra

## *Distribuição*

Sodilivros

## *Tiragem*

2 500 exemplares

## *Depósito legal*

166893/01

## *Administração*

Empresa de Palavras  
Edição de Livros  
e Revistas, Ld<sup>a</sup>

## *Sede*

Av. Igreja, 9 - 3º Esq.  
1700-230 Lisboa  
Tel. 218 126 149  
Fax 218 492 521

## *Delegação*

Av. Inf. D. Henrique, 71  
Escrit. 222  
9500-150 P. Delgada  
Tel. 296 628 135  
Fax 296 306 474

# Índice

Ambrose Bierce <i>Parker Adderson, filósofo</i> .....	5
Henry James <i>A coisa propriamente dita</i> .....	17
Gertrude Stein <i>Lição um</i> .....	55
Marcel Aymé <i>O passa-paredes</i> .....	67
Margaret Atwood <i>O homem de Marte</i> .....	83
Armando Silva Carvalho <i>Nome de flor</i> .....	115
Hélia Correia <i>Vilegiatura</i> .....	125
Tiago Salazar <i>O caso da bicha solitária</i> .....	137



Ambrose Bierce

**Parker Adderson, filósofo**

*Tradução de Luísa Costa Gomes*

**Ambrose Bierce** (1842-1914?). Sobre a secretária havia, diz-se, um crânio e uma caixa de charutos. O crânio era de um antigo amigo seu, a caixa de charutos continha as cinzas de um crítico rival. Parece que nem sorria ao afirmá-lo. A morte foi o tema de eleição de um dos mais detestados e temidos verrinosos humoristas do seu tempo. Deixou cerca de noventa histórias, distribuídas por três gêneros : a história de terror, as histórias de guerra e a tall tale, em que tudo pode acontecer e, mais cedo ou mais tarde, acontece. Nascido numa família religiosa temente às chamas do Inferno, no meio primitivo rural do Ohio, Ambrose Gwinett Bierce alistou-se no exército de Lincoln aos dezoito anos. Acabada a Guerra Civil com uma honrosa folha de serviço, encontrou-se em São Francisco sem modo de vida certo. Começou a escrever e alcançou tal notoriedade escandalosa com a sua coluna, que foi o primeiro a ser contratado por Hearst quando este começou The Examiner. A sua primeira coleção de histórias, antes publicadas em jornais, apareceu em livro em 1891. As Complete Short Stories, cuja edição levou a Bierce quatro anos a preparar, saíram em edição monumental em 1912. No ano seguinte, Bierce visitou pela última vez os lugares das suas grandes batalhas durante a Guerra Civil e desapareceu no México destruído pela Revolução, para não mais ser visto. Parker Adderson, Filósofo foi retirado de The Complete Short Stories of Ambrose Bierce (University of Nebraska Press, 1984).

— O seu nome, prisioneiro?

— Já que o perderei amanhã ao romper do dia, de pouco me vale escondê-lo. É Parker Adderson.

— Posto?

— Algo modesto; os oficiais são demasiado preciosos para os deixarem arriscar-se na perigosa actividade de espião. Sou sargento.

— De que regimento?

— Tem de me desculpar; a resposta poderia, creio, dar-lhe uma ideia das forças que tem na sua frente. Essa informação vim eu obtê-la às suas linhas, não concedê-la.

— Não lhe falta espírito.

— Se tiver paciência e esperar, achar-me-á bem enfadonho amanhã.

— Como sabe que vai morrer amanhã de manhã?

— É o que se costuma fazer com espiões apanhados à noite. É um dos rituais agradáveis da profissão.

Nesta altura o general pôs de parte a dignidade própria de um oficial confederado de

alta patente e grande renome, para sorrir. Mas quem estivesse em seu poder ou caído em sua desgraça não teria augurado nada de bom desse sinal exterior e visível de aprovação. Não era afável, nem contagioso; não se comunicava aos outros que lhe estavam expostos — o espião detido que o provocara e o guarda armado que o trouxera para a tenda e se postara, um pouco afastado, vigiando o prisioneiro à luz amarelada da vela. Sorrir não fazia parte do dever daquele guerreiro; fora destacado com outro objectivo. Retomaram a conversa; a sua natureza era a de um julgamento por crime capital.

— Confessa, portanto, que é espião, que veio ao meu acampamento disfarçado, como está, com o uniforme de um soldado confederado, para secretamente obter informação sobre o volume e o moral das minhas tropas.

— Principalmente, sobre o volume. A disposição já eu conhecia. É bem sombria.

O general animou-se de novo; o guarda, com um sentimento mais severo da sua responsabilidade, acentuou a gravidade da expressão e empertigou-se. Rodando o chapéu cinzento da farda sobre o indicador, o espião observou calmamente à sua volta. O interior da tenda era bastante simples, uma tenda de campanha vulgar de metro e setenta por dois e pouco, iluminada por um coto de vela cravado no cabo de uma baioneta, esta enfiada no tampo da mesa de pinho a que se sentara o general, agora atarefado a escrever e aparentemente esquecido do involuntário convidado. Um velho tapete de trapo cobria o chão de terra batida, e uma arca de couro ainda mais velha, outra cadeira e um rolo de cobertores era tudo o que havia na tenda; sob o comando do general Clavering, a simplicidade e a penúria da “pompa e circunstância” tinham atingido o seu desenvolvimento

máximo. Num prego grande espetado no poste de entrada da tenda, tinham pendurado um cinto com um longo sabre, uma pistola no coldre e, de modo assaz absurdo, uma faca de mato. Dessa arma tão pouco militar, dizia o general que era lembrança dos dias pacíficos em que era civil.

A noite era de tempestade. A chuva caía torrencialmente sobre a lona, com o som monótono, semelhante ao rufar do tambor, familiar a quem vive em tendas de campanha. À medida que caía sobre ela a assuada das bâtegas de chuva, a estrutura frágil estremecia, baloiçava e retesava-se nas estacas e nas cordas que a seguravam.

O general acabou de escrever, dobrou a meia folha de papel e dirigiu-se ao soldado que guardava Adderson:

— Tassman, leva isto ao meu oficial às ordens; depois volta cá.

— E o preso, meu General? — disse o soldado, fazendo a continência e lançando um olhar interrogativo na direcção do desgraçado.

— Faz o que te disse — respondeu o oficial, brusco.

O soldado pegou no bilhete e curvou-se um pouco para sair da tenda. O General Clavering virou o seu belo rosto para o espião do Exército Federal, olhou-o nos olhos, sem hostilidade e disse:

— A noite vai má, meu caro.

— Para mim, claro.

— É capaz de adivinhar o que escrevi?

— Algo que vale com certeza a pena ler. E — pode ser vaidade minha — aventure-me a supor que menciona o meu nome

— Sim; é um memorando para que se leia, à alvorada, uma ordem às tropas sobre a sua execução. E outras notas para orientação do

chefe da polícia militar no preparativo dos pormenores.

— Espero, general, que o espectáculo seja planeado de forma inteligente, porque eu mesmo irei assistir.

— Há algum preparativo que queira fazer? Deseja, por exemplo, ver o capelão?

— Dificilmente me garantiria um repouso mais longo, privando-o do dele.

— Meu Deus, homem! Acaso pretende ir ao encontro da morte apenas com chalaças? Sabe que este assunto é sério?

— Como posso sabê-lo? Nunca estive morto em dias da vida. Já ouvi dizer que a morte é assunto sério, mas nunca da parte dos que passaram por ela.

O General ficou um momento em silêncio; o homem interessava-o, talvez o divertisse — um género que ainda não encontrara.

— A morte — disse ele — é, no mínimo, uma perda — a perda da felicidade que temos, e da oportunidade de ter mais.

— Uma perda de que nunca poderemos ter consciência pode ser suportada com dignidade e por isso esperada sem apreensão. Já deve ter reparado, General, que de todos os mortos com que, como soldado, teve o prazer de juncar o seu caminho, nenhum dá sinais de o lamentar.

— Se estar morto não é condição de lamentar, o morrer — o acto de morrer — parece ser nitidamente desagradável para quem não tenha perdido o poder de sentir.

— A dor é desagradável, sem dúvida. Nunca sofro sem um maior ou menor grau de desconforto. Mas quem vive mais tempo, fica-lhe mais exposto.

Aquilo a que chama morrer é apenas a última  
**10** dor na realidade, não existe “morrer”. Supo-

nha, para ilustrar este ponto, que eu tentava fugir. Apontar-me-á o revólver que de forma tão cortês tem escondido no colo, e...

O General corou como uma rapariga, depois riu baixo, mostrando os dentes brilhantes, inclinou ao de leve a bela cabeça e não disse nada. O espião continuou:

— Dispara e eu acabo por ter no estômago o que não engoli. Caio, mas não estou morto. Passada meia hora de agonia, estou morto. Mas em qualquer instante dessa meia hora, estive ou vivo, ou morto. Não há período de transição. Quando for enforcado amanhã de manhã, será o mesmo; enquanto estiver consciente, estarei vivo; quando morto, inconsciente. A natureza parece ter ordenado assim as coisas no meu próprio interesse; é como eu próprio o teria feito. É tão simples — acrescentou com um sorriso — que quase nem vale a pena ser enforcado.

No fim do seu comentário fez-se um longo silêncio. O General continuava sentado, impassível, olhando para a cara do homem, mas aparentemente sem ter tomado atenção ao que fora dito. Era como se os olhos dele tivessem montado guarda ao preso enquanto o espírito se ocupava com outras coisas. De repente, inspirou fundo, estremeceu, como quem acordasse de um sonho terrível, e exclamou quase imperceptivelmente:

— A morte é horrível! — disse este homem de morte.

— Era horrível para os nossos antepassados selvagens — disse o espião com gravidade — porque não tinham inteligência para dissociarem a ideia da consciência, da ideia das formas físicas em que se manifesta; assim como uma ordem ainda mais inferior de inteligência, a do macaco, por exemplo, é incapaz de imaginar uma casa sem ninguém

e, vendo uma cabana derruída imagina um habitante doente. Para nós, é horrível porque herdámos a tendência para pensar que assim é, explicando essa noção com teorias selvagens e fantasiosas de outro mundo, como os nomes dos lugares dão origem a lendas que os explicam e a conduta irracional a filosofias que a justificam. Pode enforcar-me, General, mas aí termina o seu poder maléfico; não me pode condenar ao paraíso.

O General parecia não ter ouvido; a fala do espião apenas canalizara os seus pensamentos para uma direcção pouco familiar, mas aí seguiram com vontade independente até às suas próprias conclusões. A tempestade acabara, e algo do espírito solene da noite se transmitia às suas reflexões, dando-lhes o tom sombrio de um temor sobrenatural. Talvez houvesse nelas um elemento de presciência.

— Não gostaria de morrer — disse. — Não esta noite.

Foi interrompido — se é que pretendia falar mais — pela entrada de um oficial do seu estado-maior, o Capitão Hasterlick, chefe da polícia militar. Isto fê-lo cair em si; o olhar ausente desapareceu-lhe do rosto.

— Capitão — disse, acenando à continência do oficial — este homem é um espião ianque, capturado nas nossas linhas na posse de papéis que o incriminam. Confessou. Como está o tempo?

— A tempestade passou e a lua brilha.

— Ainda bem; reúna uma coluna de homens, conduza-o imediatamente à parada e fuzile-o.

Escapou um grito agudo da boca do espião. Lançou-se para a frente, esticou o pescoço, abriu muito os olhos, cerrou os punhos.

— Por amor de Deus! — gritou, rouco, quase sem poder articular — não está a falar a sério!

**12** Esqueceu-se; eu só devo morrer de manhã.

— Nunca disse que seria de manhã — respondeu o General, friamente — você é que partiu do princípio de que seria. Morre agora.

— Peço-lhe, meu General... — imploro-lhe que se lembre disto. Vou ser enforcado! Leva tempo a erguer o patíbulo... duas horas... uma hora. Os espíões são enforcados; tenho os meus direitos, segundo a lei marcial. Por amor de Deus, General, veja como é curto...

— Capitão, siga as minhas instruções.

O oficial desembainhou a espada e fixando os olhos no preso apontou em silêncio para a abertura da tenda. O preso hesitou; o oficial agarrou-o pelo colarinho e empurrou-o ao de leve para a frente. Ao aproximar-se do poste da tenda, o exaltado deu um salto e com a agilidade de um gato agarrou pelo punho a faca de mato, retirou a arma da bainha e afastando o oficial do caminho, precipitou-se sobre o general com a fúria de um louco, atirando-o ao chão e caindo depois de cabeça em cima dele. A mesa virou-se, a vela apagou-se, e lutaram às cegas no escuro. O chefe da polícia militar precipitou-se para ajudar o oficial superior e acabou ele mesmo prostrado em cima das formas que lutavam ainda. Vinham insultos e gritos informes, grunhidos de raiva e dor da confusão de membros e corpos; a tenda caiu sobre eles e a luta continuou debaixo das dobras que os envolviam e lhes tolhiam os movimentos. O soldado Tassman, voltando de entregar o recado e conjecturando vagamente a situação, atirou ao chão a espingarda e agarrando ao acaso a agitada lona, em vão tentou arrastá-la de cima dos homens; e a sentinela que marchava de um lado para o outro diante da entrada, não se atrevendo a sair do seu posto nem que lhe caísse o céu em cima, disparou a espingarda. O tiro alarmou o acampamento; tambores rufaram o alerta, **13**

cornetas tocaram a reunir, trazendo ao luar chusmas de homens seminus, vestindo-se em corrida e formando às ordens cortantes dos oficiais. Assim já estava bem; em formação, os homens estavam controlados; ficaram em posição de apresentar armas enquanto o estado-maior do General e os homens da sua escolta restabeleciam a ordem levantando a tenda caída e separando os ensanguentados actores, sem fôlego de tão estranha contenda.

Sem fôlego, pela certa, estava um deles: o Capitão estava morto; o cabo da faca de mato, saindo-lhe da garganta, enterrara-se-lhe debaixo do queixo até a ponta ficar presa no ângulo do maxilar e a mão que desfechara o golpe fora incapaz de retirar a arma. Na mão do morto estava a sua espada, firme num amplexo que desafiava a força dos vivos. A lâmina estava manchada de vermelho até aos copos.

Ajudado a levantar-se, o General deixou-se cair de novo por terra com um gemido e desmaiou. Para além de alguns ferimentos tinha dois golpes de espada — um que lhe atravessava a coxa, o outro o ombro.

O espião sofrera o menor agravo. Fora o braço direito partido, os ferimentos não eram maiores do que os que se podiam sofrer num combate vulgar com as armas que a natureza dava. Mas estava atordoado e parecia não dar fé do que se passara. Esquivou-se aos que lhe davam assistência, acobardado no chão e fazendo protestos ininteligíveis. A cara dele, inchada de murros e manchada de pingos de sangue, mostrava-se ainda assim branca debaixo do cabelo desgrenhado — tão branca como a de um cadáver.

— O homem não está louco — disse o médico, preparando ligaduras e respondendo a uma pergunta.

— Sofre de pânico. Quem é ele e que posto

O soldado Tassman começou a explicar. Era a oportunidade da vida dele; não omitiu nada que pudesse de algum modo acentuar a importância da sua própria relação com os eventos da noite. Quando acabou a história e estava pronto a começar outra vez, ninguém lhe deu atenção.

O General recobrou a consciência. Ergueu-se sobre o cotovelo, olhou em volta, e, vendo o espião agachado junto à fogueira, guardado à vista, disse simplesmente:

— Levem esse homem para a parada e fuzilem-no.

— O General delira — disse um oficial que estava junto dele.

— Não delira nada — disse o oficial às ordens. Recebi dele um memorando sobre este assunto; deu essa mesma ordem a Hasterlick — isto com um aceno de mão na direcção do chefe da polícia militar morto — e, por minha fé!, será executada.

Passados dez minutos, o sargento Parker Adderson, do exército federal, filósofo e homem de espírito, ajoelhado ao luar e pedindo incoerentemente que lhe poupassem a vida, foi fuzilado por vinte homens. Quando a rajada se ouviu no ar afiado da meia noite, o General Clavering, jazendo branco e quedo no brilho avermelhado da fogueira, abriu os grandes olhos azuis, olhou com bonomia os que o rodeavam e disse :

— Está tudo tão silencioso!.

O médico lançou ao oficial às ordens um olhar grave e expressivo. Os olhos do doente foram fechando, e assim ficou deitado por uns momentos; depois, o rosto inundado de um sorriso de inefável doçura, disse, num sussurro:

— Isto é que deve ser a morte — e assim morreu.



Henry James

**A coisa propriamente dita**

*Tradução de Abel Barros Baptista*

**Henry James** (1843-1916) publicou «*The Real Thing*» pela primeira vez em Abril de 1892, na revista *The Black and White*. No ano seguinte, compilou-o no livro *The Real Thing and Other Tales*, e em 1909 viria a incluí-lo no vol. XVIII da célebre «*New York Edition*» (versão a que se reporta esta tradução). É uma das várias histórias de escritores e artistas que James escreveu — a mais conhecida das quais será talvez *The Figure in the Carpet* — e uma ficção particularmente eloquente a respeito da natureza da representação artística.

## I

Quando a mulher do porteiro, que costumava atender à porta, me anunciou «um cavalheiro com uma senhora», imaginei logo — o que me acontecia com frequência nesses dias, pois a vontade gerava o pensamento — que queriam posar. Neste caso verificou-se que assim era, embora não no sentido em que eu teria preferido. De qualquer modo, à primeira vista, nada indicava que podiam não ter vindo fazer o retrato. O cavalheiro, um homem dos seus cinquenta anos, muito alto e empertigado, com um bigode ligeiramente grisalho e um casaco cinzento escuro que lhe assentava muitíssimo bem — em que reparei profissionalmente, e não quero dizer enquanto barbeiro ou sequer alfaiate —, ter-me-ia saltado à vista como uma celebridade se as celebridades em regra dessem nas vistas. Uma verdade que aprendera há algum tempo era que as pessoas que ostentam uma boa dose de fachada quase nunca são, digamos, instituições públicas. Um relance pela senhora ajudou a recordar esta lei paradoxal: também ela

parecia demasiado distinta para ser uma «personalidade». De resto, duas variações dificilmente se encontrariam juntas.

Nenhum deles falou logo, limitaram-se a prolongar um certo embaraço preliminar, que sugeria que cada um queria dar ao outro a oportunidade de falar. Visivelmente tímidos, ficaram parados, deixando que os observasse, o que era, como depois percebi, a coisa mais prática que podiam ter feito: o embaraço servia assim o seu propósito. Já tinha visto pessoas com terrível relutância em dizer que desejavam coisa tão vulgar como serem retratadas numa tela; mas os escrúpulos dos meus novos amigos pareciam quase insuperáveis. Ora, o cavalheiro poderia ter dito: «Queria um retrato da minha mulher.» E a senhora poderia ter dito: «Queria um retrato do meu marido.» Talvez não fossem marido e mulher — isso naturalmente tornaria a situação mais delicada. Talvez quisessem ficar juntos no retrato — caso em que deveriam ter trazido uma terceira pessoa para tratar do assunto.

— Vimos da parte do Sr. Rivet — disse por fim a senhora, com um ligeiro sorriso que teve o efeito de uma esponja húmida sobre uma pintura «aguada», como que vaga alusão a uma beleza desaparecida. Tão empertigada e, em proporção, tão alta como o companheiro, embora com menos uns bons dez anos sobre os ombros, parecia tão triste quanto pode parecer uma mulher com um rosto desprovido de qualquer expressão: aquela colorida máscara oval revelava o desgaste de uma superfície exposta. A mão do tempo aplicara-se nela livremente, mas não apenas para simplificar. Era magra e rija, e tão bem vestida, de azul escuro, com lapelas e bolsos e botões, que era óbvio que usava o mesmo alfaiate que o marido.

O casal tinha um indefinível ar de prosperidade, e decerto o dinheiro lhes permitia muitos

luxos. Se eu estava em vias de ser mais um desses luxos, convinha-me ponderar bem as minhas condições.

— Ah, Claude Rivet recomendou-me? — perguntei, acrescentando que era muita bondade dele, embora pudesse considerar que não seria nenhum sacrifício, uma vez que só pintava paisagens.

A senhora encarou o cavalheiro muito fixamente, e este olhou em redor. Depois de fitar o chão por uns instantes cofiando o bigode, virou para mim os olhos simpáticos:

— Ele disse que o senhor seria a pessoa indicada.

— Quando alguém quer posar, tento ser.

— Sim, sim, é isso que queremos — disse a senhora ansiosamente.

— Juntos?

Os visitantes entreolharam-se. O cavalheiro gaguejou:

— Se pudesse fazer qualquer coisa *comigo*, suponho que seria o dobro.

— Sim, claro, paga-se mais por duas figuras do que por uma.

— Também nos parece — confessou o marido.

— Muita bondade sua — respondi, apreciando aquela inesperada solidariedade, pois julguei que falava do pagamento ao artista.

Uma sensação de estranheza despontou no rosto da senhora:

— Referimo-nos a ilustrações, o Sr. Rivet disse que talvez quisesse uma.

— Eu?... Uma ilustração? — também eu estava confundido.

— Quisesse desenhá-la, percebe? — disse o cavalheiro, corando.

Só então percebi o favor que Claude Rivet **21**

me tinha prestado: disse-lhes que eu fazia gravuras para revistas, livros de histórias e crónicas da vida contemporânea, necessitando por isso de recorrer bastante a modelos. Era verdade, mas não era menos verdade — e posso confessá-lo agora, deixando ao leitor o cuidado de adivinhar se o faço porque tal aspiração deu em tudo ou deu em nada — que não conseguia tirar da cabeça a glória, para já não falar dos proventos, de grande pintor de retratos. As «ilustrações» punham a comida na mesa, enquanto esperava que a minha fama fosse perpetuada num outro domínio da arte — que sempre me pareceu de longe mais interessante. Não era motivo de vergonha esperar também que daí viesse a minha fortuna: mas que esta estava bem longe de se fazer indicava-o o facto de os meus visitantes quererem ser «tratados» de graça. Estava desapontado, porque, em sentido pictórico, *vira-os* imediatamente. Já lhes tinha apanhado o tipo, já decidira o que fazer — algo que de todo lhes teria desagradado, como percebi depois.

— Ah, então são... ah... — fui dizendo, logo que dominei a surpresa. Não conseguia soltar o raio da palavra, «modelos», que parecia ali tão pouco adequada.

— Não temos muita experiência — disse a senhora.

— Precisamos de fazer alguma coisa, e pensámos que um artista do seu género talvez pudesse empregar-nos de algum modo — explicou o marido. Acrescentou ainda que não conheciam muitos artistas, que tinham ido primeiro ao sr. Rivet — que conheceram anos antes num sítio em Norfolk onde estava a desenhar — tentando a sorte: pinta paisagens, claro, mas por vezes, como eu estaria recordado, colocava nelas figuras humanas.

— Também costumávamos desenhar um pouco

**22** — referiu a senhora.

— É muito esquisito, mas temos mesmo de fazer qualquer coisa — continuou o marido.

— É claro que já não somos *muito* jovens — admitiu ela, com um sorriso abatido.

Observando que eu poderia querer saber mais alguma coisa a seu respeito, o marido estendeu-me um cartão que retirou de uma impecável carteira (os acessórios eram todos novos) onde se lia «Major Monarch». Por muito impressionantes que fossem estas palavras, não acrescentavam muito ao que eu já sabia. Mas o visitante acrescentou:

— Deixei o exército, e tivemos a infelicidade de perder todo o nosso dinheiro. Na verdade os nossos recursos são assustadoramente escassos.

— Um aborrecimento terrível — disse Mrs. Monarch.

Era evidente que queriam ser discretos, com o cuidado de não se gabarem de pertencer à alta sociedade. Percebi que até estavam dispostos a reconhecer que havia nisso algum inconveniente, embora ao mesmo tempo pressentisse a convicção de que, a um nível menos superficial — era a sua consolação na adversidade —, também *tinham* alguns pontos fortes. E tinham-nos certamente, posto me parecessem preponderantemente sociais: por exemplo, ajudar a dar um aspecto requintado a uma sala de visitas. É certo, por outro lado, que qualquer sala de visitas é, ou devia ser sempre, um quadro.

Na sequência da alusão que a mulher fizera à idade, o major Monarch observou:

— Naturalmente, achamos que é mais pela figura que podemos servir. Ainda nos aguentamos muito bem.

Nesse instante vi que a figura era realmente o ponto forte do casal. Aquele «naturalmente» não soou pretensioso e até esclareceu a questão.

— Sobretudo *ela* — continuou, apontando com a cabeça para a mulher, com aquela descontraída falta de circunlóquios de quem acabou de jantar. Só pude responder, como se estivéssemos de facto à mesa, terminando o vinho, que ele também estava bastante bem, o que o levou a dizer:

— Pensámos que, se tiver que desenhar pessoas da nossa condição, seríamos indicados. Particularmente *ela* — sabe, para uma senhora num livro.

Eu estava a achar a situação tão engraçada, que para me divertir um pouco mais, esforcei-me por adoptar o ponto de vista deles; e apesar do embaraço de me ver a apreciar fisicamente, como se fossem animais ou negros, duas pessoas com as quais só podia estabelecer uma dessas relações em que se deixam as críticas subentendidas, olhei para Mrs. Monarch judiciosamente, o suficiente para exclamar, após alguns momentos, com convicção:

— Oh, sim, uma senhora num livro!

Singularmente, ela parecia-se muito com uma péssima ilustração.

— Podemos pôr-nos de pé, se quiser — disse o major, e ergueu-se à minha frente com um verdadeiro ar imponente.

Tirei-lhe as medidas num relance: tinha um metro e noventa e era o perfeito cavalheiro. Valia bem o salário que lhe quisesse pagar um clube em processo de formação e necessitado de boa imagem, para que se postasse na janela da frente. O que imediatamente me surpreendeu foi que, ao cabo e ao resto, vindo ter comigo, falhassem a sua vocação: podiam tirar melhor partido de qualquer actividade com fins publicitários. É claro que não pensei em nada de particular, mas via-os dando muito dinheiro a ganhar a alguém — não a si próprios. Havia neles qual-

**24** quer coisa que se prestava a um fabricante de

coletes, a um gerente de hotel ou a um vendedor de sabonetes. Podia imaginá-los trazendo ao peito, bem pregada e dando bastante nas vistas, uma etiqueta dizendo «Nós usamos sempre»; e via o desembaraço com que promoveriam um restaurante.

Mrs. Monarch permaneceu quieta, não por orgulho mas por timidez, até que o marido lhe disse:

— Levanta-te, minha querida, mostra como és elegante.

Ela obedeceu, mas não precisava de se levantar para o mostrar. Foi até à ponta do estúdio e voltou para trás, ruborescendo, os olhos agitados postos no marido. Ocorreu-me um episódio a que assisti acidentalmente em Paris, onde estava com um amigo, um dramaturgo que ali produzia uma peça. Uma actriz veio ter com ele pedindo que lhe desse um papel. Deu uns passos à sua frente, andou para trás e para diante, como Mrs. Monarch agora fazia. Aliás, fazia-o muito bem, mas absteve-me de elogiar. Era estranho ver uma pessoa como ela solicitando um trabalho tão mal pago: dava a aparência de ter um rendimento de dez mil libras por ano. O marido usou a palavra que a definia: era, no jargão corrente de Londres, essencialmente, tipicamente, «elegante». A sua figura, na mesma ordem de ideias, era conspícua e irrepreensivelmente «correcta». Para uma mulher daquela idade, tinha uma cintura surpreendentemente fina; além disso o cotovelo fazia a curvatura ortodoxa e ela mantinha a cabeça inclinada na forma convencional: mas porque viera procurar-me *a mim*? Devia ter tentado exhibir casacos numa grande loja. Receei que os meus visitantes, além de pobres, fossem também um tanto «artísticos», o que teria sido uma grande complicação. Quando voltou a sentar-se, agradei-lhe, observando que o que um desenhador mais valoriza num modelo é a capacidade para se manter imóvel.

— Oh, *ela* consegue — disse o major Monarch. E acrescentou, jocosamente: — Mantive-a sempre bem quieta.

— Não sou uma dessas horríveis irrequietas, pois não? — perguntou ela ao marido, que dirigiu a resposta para mim:

— Talvez não seja deslocado referir — já que estamos a tratar de negócios, não é verdade? — que quando casei com ela, era conhecida como A Bela Estátua.

— Por favor!... — exclamou Mrs. Monarch, pesarosa.

— É claro que eu precisaria de alguma expressão — repliquei.

— É *claro!* — exclamaram ambos.

— E também devem saber que ficarão cansadíssimos.

— Oh, nós *nunca* nos cansamos — apressaram-se a dizer.

— Têm algum tipo de experiência?

Hesitaram, olharam um para o outro.

— Já fomos fotografados... *imensamente* — disse Mrs. Monarch.

— Ela refere-se aos tipos que nos têm pedido para nos fotografarem — acrescentou o major.

— Estou a perceber... por causa da vossa excelente aparência.

— Não sei bem o que eles achavam, mas andavam sempre atrás de nós.

— Nunca precisávamos de pagar para ter fotografias — sorriu Mrs. Monarch.

— Podíamos ter trazido algumas, minha querida — observou o marido.

— Não sei se ainda temos. Demos tantas — explicou-me ela.

— Com os nossos autógrafos e coisas  
**26** desse género — disse o major.

— E podem encontrar-se nas lojas? — perguntei, apenas para ser agradável sem ofender.

— Oh, sim, as *dela*, costumavam encontrar-se.

— Agora já não — disse Mrs. Monarch, com os olhos postos no chão.

## II

Podia imaginar as «coisas desse género» que punham nas fotografias que autografavam, e estava certo de que as escreviam com bela caligrafia. Era estranha a rapidez com que fiquei com tantas certezas sobre tudo o que lhes dizia respeito. Se agora estavam pobres a ponto de precisarem de trabalhar para ganhar uns tostões, nunca deviam ter vivido em grande desafogo. A aparência foi o seu principal capital, e alegremente lá foram tirando partido da carreira que esse recurso lhes traçou. Mostrava-se na cara o vazio, o profundo repouso intelectual de vinte anos de visitas a casas refinadas, que lhes deram aquela agradável entoação. Fazia ideia das luminosas salas de visitas, cheias de revistas que nunca lia, em que Mrs. Monarch passava o tempo; dos arbustos bem regados por onde caminhava, admiravelmente equipada para qualquer actividade. Fazia ideia das ricas peças de caça que o marido ajudara a matar e do magnífico vestuário com que, à noite, se dirigia à sala de fumo para falar delas. Podia imaginar as polainas e os impermeáveis, os típicos *tweeds* e mantas de viagem, os tacos, estojos de apetrechos e guarda-chuvas impecáveis; e podia imaginar a exacta aparência dos criados e a variedade compacta da sua bagagem nas plataformas das estações de província.

Davam gorjetas pequenas, mas agrada- 27

vam; não faziam nada de especial, mas eram bem-vindos. Em todo o lado ficavam bem, satisfazendo a atracção geral pela estatura, a compleição e a «forma». Sabiam-no, mas sem vaidade nem vulgaridade, e por isso se respeitavam. Não eram superficiais, levavam a sério o que faziam e mantinham a linha — era a sua ocupação: pessoas com tanto gosto pela actividade tinha que ter alguma. Imagino que conseguiram inculcar alguma animação na mais monótona das casas. Mas depois acontecera qualquer coisa — não interessa o quê, o pequeno rendimento diminuiu, reduziu-se ao mínimo —, e agora precisavam de fazer alguma coisa para ganhar uns cobres. Os amigos podiam gostar deles sem gostarem de os sustentar. Algo os tornava dignos de crédito — as roupas, as maneiras, a condição. Mas se o crédito é um grande bolso em que de vez em quando as moedas tilintam, o tilintar devia ser pelo menos audível. Era nisso que queriam que os ajudasse. Felizmente não tinham filhos, como também logo adivinhei. Talvez quisessem ainda que os nossos assuntos se mantivessem secretos, e daí que pensassem na «figura geral»: a reprodução do rosto iria traí-los.

Gostei deles — quase como os seus amigos devem ter gostado, pareceu-me —, eram muito simples, e não via razão para não os utilizar se me servissem. Mas, de certo modo, não obstante todas as perfeições que revelavam, custava-me acreditar neles. Afinal, tratava-se de amadores, e o ódio ao amatorismo era a paixão reguladora da minha vida. Conjugada com isto, havia outra perversidade: uma preferência inata pelo objecto representado em detrimento do real, cujo defeito tendia a ser uma falta de representação. Eu gostava das coisas que pareciam existir, porque com essas uma pessoa sente-se segura. Se *existiam* ou não, era uma questão secundária e quase

sempre infrutífera. Havia outros aspectos a considerar, o primeiro dos quais era eu recorrer já a dois ou três recrutas, designadamente uma jovem de Kilburn, de pés grandes e roupa de alpaca, que há mais ou menos dois anos posava para as minhas ilustrações e com quem ainda estava — talvez ignobilmente — satisfeito. Expliquei-lhes francamente a situação, mas tinham vindo mais precavidos do que eu supunha. Concluíram que o momento era oportuno quando Claude Rivet lhes falou da projectada *édition de luxe* de um dos escritores do nosso tempo — um romancista incomparável, que, muito tempo desprezado pelo vulgo e amado pelos atentos (será preciso mencionar o nome de Philip Vincent?), tivera já na velhice a felicidade de ver chegar a alvorada e depois a plena luz de todo um dia de elevada crítica, uma estima que, da parte do público, tinha qualquer coisa de expiação. A edição em causa, projectada por um editor de bom gosto, era praticamente um acto de reparação: as xilografuras com que seria enriquecida constituíam uma homenagem da arte inglesa a um dos mais independentes representantes das letras inglesas. O Major e Mrs. Monarch confessaram-me que tinham esperança de que me servisse deles para a minha parte do empreendimento. Como sabiam que iria ilustrar o primeiro livro, *Rutland Ramsay*, tive que deixar claro que a minha participação no conjunto da edição dependia do que viesse a fazer com o primeiro livro, uma espécie de teste. Se o meu trabalho não agradasse, a editora dispensar-me-ia sem quaisquer delongas. Tratava-se, para mim, de um momento crítico, e naturalmente andava a fazer preparativos especiais, a entrevistar novas pessoas, para o caso de vir a necessitar delas e assim assegurar os melhores tipos. Mas deixei claro que preferia encontrar dois ou três bons modelos que servissem para todo o trabalho.

— Teríamos que... vestir roupas diferentes com muita frequência? — perguntou timidamente Mrs. Monarch.

— Sim, claro, isso é quase metade do trabalho.

— E somos nós que temos de arranjar essas roupas?

— Não, não, tenho muitas. Os modelo vestem — ou despem — o que o pintor quiser.

— E são... as mesmas?

— As mesmas?

Mrs. Monarch olhou de novo para o marido.

— Oh, ela apenas quer saber — explicou ele — se as roupas são usadas por toda a gente.

Tive que confessar que sim, e acrescentei que algumas (tinha muitas do século passado, genuínas e engorduradas) foram muito usadas, cem anos atrás, por homens e mulheres muito marcados pela vida.

— Vestiremos qualquer coisa desde que nos sirva — disse o major.

— Eu trato disso, no desenho serve tudo.

— Creio que me daria melhor com livros modernos. Poderia vir vestida como o senhor quisesse — disse Mrs. Monarch.

— Ela tem muita roupa em casa, deve servir para cenas contemporâneas — continuou o marido.

— Oh, imagino que em certas cenas estaria perfeitamente à vontade.

E de facto, pensando em algumas histórias que tentava ilustrar sem o trabalho de as ler, lembrava-me das variações desleixadas de expedientes vulgares cujas veredas arenosas a boa senhora talvez ajudasse os leitores a atravessar. Mas também aqui tinha de reconhecer que, para este tipo de trabalho — a rotina mecânica do dia a dia —, já estava bem apetrechado,

as pessoas com quem trabalhava eram mais do

— Pensámos que podíamos ser mais como *certas* personagens — disse Mrs. Monarch, com alguma brandura, pondo-se de pé.

O marido também se levantou. Ficou a olhar-me com vaga ansiedade, quase imperceptível, tocante de ver num homem daquele porte.

— Não seria uma boa ajuda ter... ter...? — demorava-se, queria que o ajudasse, formulando o que ele queria dizer. Mas não podia ajudá-lo — não sabia o que ele queria dizer.

— A coisa propriamente dita, sabe? Um cavalheiro, ou uma senhora.

Não me custou concordar em termos gerais, admitindo que seria de facto bastante bom; o que encorajou o major Monarch a dizer, soluçando:

— É terrível... já tentámos tudo.

O soluço era comunicativo. Era de mais para a mulher. Antes que me desse conta, Mrs. Monarch deixara-se cair no divã e rompera em lágrimas. O marido sentou-se a seu lado, segurando-lhe a mão, e logo ela rapidamente enxugou os olhos com a outra, encarando-me de seguida. Fiquei embaraçadíssimo.

— Não há um maldito emprego que eu não tenha procurado, esperado, suplicado. Imagina a que ponto chegámos antes de vir aqui? Secretariado e esse género de coisas? Obtém-se mais facilmente um título de nobreza. Sou forte, faria *qualquer coisa*, estafeta ou carregador de carvão. Usaria um chapéu com laços dourados para abrir portas de carruagens à frente das capelistas. Podia andar pelas estações a carregar malas ou ser carteiro. Mas nem sequer nos *olham*, já há milhares tão bons como nós a fazer esses trabalhos. *Cavalheiros*, pobres coitados que antes bebiam o próprio vinho e empregavam caçadores.

Tentei reconfortá-los conforme pude, e em pouco tempo estavam os dois outra vez de **31**

pé enquanto marcávamos uma hora, a título experimental. Tratávamos disso quando a porta se abriu e Miss Churm entrou com o guarda-chuva molhado. Tinha que apanhar um transporte até Maida Vale e depois vinha a pé durante quase um quilómetro. Estava ligeiramente molhada, e um bocado descomposta. Poucas vezes a via entrar que não pensasse como era curioso que uma pessoa que em si mesma não era nada pudesse no entanto ser tanta coisa na pele de outros. Ela era a pobre Miss Churm, mas também uma grande heroína de romance. Era uma vulgar mulher sardenta, mas podia representar qualquer coisa, da grande dama à pastora, e tinha este dom como podia ter tido uma bela voz ou um longo cabelo. Escrevia muito mal e adorava cerveja, mas tinha dois ou três «pontos fortes», e prática, e jeito, e bom senso, e uma espécie de sensibilidade bizarra, e um amor pelo teatro, e sete irmãs, e nem uma ponta de respeito, especialmente pelo *h* aspirado. A primeira coisa em que os meus visitantes repararam foi o guarda-chuva molhado, o que visivelmente os fez estremecer na sua perfeição impecável. Começara a chover depois de terem chegado.

— Estou ensopada, *haviam* muitas pessoas na caminete — disse Miss Churm. — Quem me dera morar ao pé da estação.

Pedi-lhe que se preparasse o mais depressa possível, e ela entrou na sala em que costumava mudar de roupa. Mas antes de ir perguntou-me o que era para vestir desta vez.

— Então não sabe? A princesa russa — respondi. — Aquela dos «patos reais», de veludo preto, para o folhetim do *Cheapside*.

— Patos reais? Cada uma! — exclamou Miss Churm, saindo debaixo do olhar intenso dos

**32** meus visitantes. Quando chegava atrasada,

arranjava-se num abrir e fechar de olhos, e retive de propósito os meus visitantes para que, vendo-a, formassem uma ideia do que eu pretendia deles. Referi que ela correspondia muito bem à minha noção do que devia ser um modelo, que era realmente muito capaz.

— Acha que ela se parece com uma princesa russa? — perguntou o major Monarch, um tanto alar-mado.

— Quando eu a faço parecer, sim, parece de facto.

— Ah, é o senhor que a *faz* parecer...! — observou ele, não sem razão.

— Não se pode pedir mais, há muitos com quem não se consegue fazer nada.

— Pois então, aqui está uma senhora — e com um sorriso persuasivo deu o braço à mulher — que já está feita!

— Ora, não sou nenhuma princesa russa — protestou Mrs. Monarch, um pouco seca. Percebi que conhecera algumas e não gostava delas. Já estava aí um tipo de complicação que eu nunca teria com Miss Churm.

A rapariga voltou com o vestido de veludo negro — já muito desbotado e quase a cair-lhe pelos ombros magros abaixo — e um leque japonês nas mãos vermelhas. Lembrei-lhe que na cena que estávamos a fazer ela tinha que olhar por cima de alguém:

— Não me lembro de quem, mas não interessa. Olhe por cima da cabeça de alguém.

— Olho antes por cima do fogão — e foi para perto do lume. Pôs-se em posição, assumiu uma atitude elevada, inclinou a cabeça um pouco para trás e o leque um pouco para a frente e, ao menos para os meus olhos suspeitos, parecia distinta e encantadora, estrangeira e perigosa. Deixámo-la as- **33**

sim, e desci as escadas com o major e Mrs. Monarch.

— Creio que não me seria difícil fazer aquilo — disse Mrs. Monarch.

— A senhora deve achá-la desprezível, mas tem que ter em conta a alquimia da arte.

Como quer que fosse, partiram muito mais tranquilos, convencidos da evidente vantagem de serem a coisa propriamente dita. Imaginei-os a estremecer só de pensar em Miss Churm, a qual, por sua vez, reagiu muito divertida quando lhes contei o que pretendiam.

— Bem, se ela conseguir posar, eu vou para contabilista — disse.

— Ela é muito senhora — disse eu, só para a irritar.

— Pois pior para si. Quer dizer que não se pode virar do avesso.

— Serve para os romances da moda.

— Ah, sim, serve de certeza — respondeu comicamente a minha modelo. — Já não são maus que chegue sem ela?

Em conversa, falara-lhe mal deles muitas vezes.

### III

Foi na elucidação de um mistério num desses romances que pus Mrs. Monarch à prova pela primeira vez. O marido veio com ela, para o caso de poder ajudar — era perfeitamente claro que, por regra, preferia acompanhá-la. Perguntei-me a princípio se não seria para zelar pela «posse», se não iria mostrar-se ciumento e intrometido. Era uma ideia que me

**34** incomodava, e se se tivesse confirmado rapi-

damente teria posto termo ao nosso relacionamento. Mas depressa percebi que não se tratava de nada disso e que, além da hipótese de vir a ser requerido, acompanhava a mulher porque não tinha mais nada para fazer. Quando ela se afastava dele, a sua ocupação também desaparecia — e ela *nunca* se tinha afastado dele. Julguei, e com razão, que, na situação difícil em que se encontravam, o seu principal conforto estava na união estreita, em que não havia qualquer ponto fraco: um verdadeiro casamento, estímulo para os indecisos, osso duro de roer para os pessimistas. A sua morada era humilde (lembro-me de ter pensado mais tarde que só tinham isso de realmente profissional), e podia imaginar o quarto deplorável em que o major ficaria sozinho. Podia lá ficar, de modo mais ou menos severo, com a mulher — não poderia lá ficar de modo nenhum sem ela.

O major tinha demasiado tacto para tentar ser útil ou tornar-se agradável quando não era possível recorrer aos seus serviços; então, se me via demasiado absorvido no trabalho para conversar, sentava-se e simplesmente esperava. Mas eu gostava de o fazer falar: fazia com que o meu trabalho, quando não o interrompia, ficasse menos mesquinho e menos especial. Ouvi-lo era combinar a excitação de sair com a economia de ficar em casa. Só havia uma dificuldade: é que eu parecia não conhecer nenhuma das pessoas que ele e a mulher tinham conhecido. Acho que, durante o tempo do nosso relacionamento, deve ter perguntado muitas vezes a si mesmo que raio de gente conhecia eu. Não tinha na cabeça uma ideia que valesse um tostão furado, de modo que nunca aprofundávamos nada, limitávamo-nos a falar de couros, ou mesmo de bebidas (albardeiros e alfaiates e onde comprar barato um bom clarete) e coisas como «bons comboios» e os hábitos da caça **35**

miúda. Os conhecimentos dele nestas matérias eram espantosos, chegava a combinar o agente ferroviário com o ornitólogo. Quando não conseguia falar de assuntos importantes, falava alegremente de coisas insignificantes, e como eu não podia acompanhá-lo nas reminiscências da vida mundana, era capaz de baixar a conversa ao meu nível sem qualquer esforço visível.

Um tão diligente desejo de agradar tornava-se comovente num homem que com toda a facilidade poderia derrubar outro. Sem que lhe pedisse, cuidava do lume e dava opinião sobre a tiragem do fogão, e percebia-se que achava que no meu estúdio muita coisa deixava a desejar. Lembro-me de lhe ter dito que, se fosse rico, lhe pagaria um salário só para me ensinar a viver. Por vezes deixava escapar um ocasional suspiro, que talvez significasse qualquer coisa como isto: «Dêem-me nem que seja uma barraca como esta, e verão o que eu sou capaz de fazer com ela!» Quando eu queria trabalhar com ele, vinha sozinho, o que ilustra a coragem superior das mulheres. A mulher conseguia suportar aquele segundo andar solitário, e era de um modo geral mais discreta, mostrando, através de pequenas reservas, que tinha plena consciência da conveniência de manter as nossas relações num plano vincadamente profissional, impedindo que descambassem para um plano pessoal. Quis deixar claro que tanto ela como o major estavam ali como empregados, não como amigos, e que se me aceitava como um superior perante quem devia manter as distâncias, nem por isso me considerava suficientemente bom para estar ao seu nível.

Posava com grande intensidade, dando à tarefa o máximo de concentração, conseguindo permanecer quase imóvel durante uma hora como se estivesse perante a lente de um fotógrafo. Via-se

que tinha sido fotografada muitas vezes, mas de certo modo a própria tendência que a tornava excelente para esse propósito também a tornava inadequada para o meu. De início, fiquei satisfeitíssimo com aquele ar de grande dama, e era um prazer seguir-lhe as linhas, apreciar-lhes a beleza, ver como conduziam bem o lápis. Mas depois de algumas discussões, comecei a achá-la de uma rigidez incorrigível: por mais que me esforçasse, o desenho parecia sempre uma fotografia ou uma cópia de fotografia. Na sua figura não havia qualquer variedade de expressão, e ela própria não tinha sentido da variedade. Dir-me-ão que isso me competia a mim, que se tratava de saber colocá-la na pose adequada. Coloquei-a em todas as posições imagináveis, mas ela conseguia apagar as diferenças. Era sempre uma senhora, com certeza, e além disso sempre a mesma senhora. Era a coisa propriamente dita, mas sempre a mesma coisa. Houve alturas em que me exasperava a serenidade da confiança com que se julgava a coisa propriamente dita: no modo como ela e o marido lidavam comigo estava implícito que nisso residia a minha sorte. E entretanto fui dando comigo a inventar caracteres que se aproximassem deles, em vez de fazer com que se transformassem da maneira hábil que para a pobre Miss Churm, por exemplo, não era impossível. Fizesse o que fizesse, tomasse as precauções que tomasse, ela saía sempre alta de mais nos desenhos, pondo-me no dilema de ter representado uma fascinante mulher de dois metros de altura, a qual, talvez por respeito para com a minha bem mais limitada altura, estava muito longe da minha noção de mulher fascinante.

Com o major as coisas corriam ainda pior. Não tinha meio de o impedir de crescer, de modo que só me servia para representar gigantes musculosos. Eu gostava imenso da variedade, cultivava as **37**

particularidades humanas, o detalhe revelador; pretendia caracterizar em pormenor, e nada me parecia mais odioso do que ficar preso a um tipo. Tinha discutido o assunto com amigos e afastara-me deles, porque defendiam que era impossível não se ficar preso a um tipo e que, se o tipo tivesse grande beleza — pense-se em Rafael ou Leonardo —, a prisão era uma vantagem. Eu não era Leonardo nem Rafael, talvez não passasse de um jovem moderno e pretensioso, ainda à procura, mas defendia que a última coisa a sacrificar seria o carácter. Quando me asseveravam que a forma obsessiva podia muito bem ser um carácter, eu perguntava, talvez superficialmente: «De quem?» Se podia ser de qualquer um, acabava por não ser de ninguém.

Depois de ter desenhado Mrs. Monarch uma boa dúzia de vezes, compreendi mais claramente do que até então que o valor de uma modelo como Miss Churm residia precisamente no facto de não ter características positivas, combinado, é claro, com esse outro facto de não ter realmente senão uma curiosa e inexplicável tendência para a imitação. A sua aparência normal era como uma cortina que, quando lhe pediam, fazia subir para um desempenho espectacular. Este desempenho era meramente sugerido: meia palavra para o bom entendedor, bela e cheia de vida. Por vezes, embora eu a achasse em si mesma desprovida de encantos, parecia-me de uma beleza demasiadamente insípida, e repreendia-a, dizendo-lhe que figuras desenhadas a partir dela eram monotona-mente (*bêtement*, era o termo que usávamos) graciosas. Nada a irritava mais, porque se orgulhava de posar para personagens que entre si nada tinham em comum. E nesses momentos acusava-me de lhe destruir a «reputação».

**38** Esta curiosa qualidade retraiu-se um tanto com

as visitas frequentes dos meus novos amigos. Miss Churm era muito solicitada, nunca tinha falta de trabalho, e por isso não tive escrúpulos em dispensá-la de vez em quando para trabalhar mais à vontade com os outros. Era sem dúvida divertido, de início, trabalhar com a coisa propriamente dita: era divertido desenhar as calças do major Monarch, eram a coisa propriamente dita, ainda que ele saísse colossal. Era divertido desenhar a parte de trás do penteado de Mrs. Monarch (tão matematicamente impecável) e a particular tensão «elegante» do corpete apertado. Prestava-se especialmente a posições com o rosto meio de lado ou indistinto, e era excelente vista de costas e em *profils perdus*. Quando se endireitava, tomava naturalmente uma dessas posturas em que os pintores de corte representam rainhas e princesas, o que até me levou a considerar a tentativa de convencer o editor do *Cheapside* a publicar um autêntico romance real, *A Tale in the Buckingham Palace*. Por vezes, porém, a coisa propriamente dita e o faz de conta defrontavam-se: quero dizer que Miss Churm, vindo marcar hora ou trabalhar em dias em que havia muito trabalho a fazer, encontrava os detestáveis rivais. Para estes, o encontro a bem dizer quase não se dava, porque não lhe prestavam maior atenção do que prestariam a uma criada, não por deliberada altivez, mas simplesmente porque ainda não sabiam relacionar-se profissionalmente com os colegas, como acho que teriam gostado de se relacionar — ou pelo menos o major gostaria. Não podiam falar dos transportes, pois vinham sempre a pé; e não saberiam mais o que dizer, já que ela não se interessava por bons comboios ou clarete barato. Além disso, devem ter sentido no ar que se divertia à custa deles e secretamente escarnecia da sua constante afectação. Não era pessoa para esconder desconfianças se tivesse oportunidade de as mos-

trar. Por outro lado, Mrs. Monarch não a achava muito limpa: de outro modo, porque se teria dado a tanto trabalho para me dizer — coisa tão fora da sua conduta habitual — que não gostava de mulheres sujas?

Um dia em que calhou a jovem estar presente com os outros modelos — também aparecia às vezes, quando não atrapalhava, só para conversar —, pedi-lhe que tivesse a amabilidade de dar uma ajuda a servir o chá, coisa que ela sabia fazer e que eu, vivendo modestamente, com poucos recursos domésticos, pedia muitas vezes aos modelos que fizessem. Gostavam de lidar com as minhas coisas, era uma forma de quebrar a rotina da pose — por vezes também a louça —, e dava-lhes uma sensação de vida boémia. Quando voltei a encontrar Miss Churm, surpreendeu-me que fizesse uma cena por causa deste episódio, acusando-me de ter querido humilhá-la. Na altura não se mostrara ofendida, até acedeu ao pedido, prestável e de bom grado, e parecia divertir-se a desempenhar uma pequena comédia, perguntando a uma Mrs. Monarch calada e absorta se queria leite e açúcar, com um tom de voz exageradamente afectado. Tentou tantas entoações diferentes — como se também ela quisesse passar pela coisa propriamente dita — que cheguei a recear que os outros se ofendessem.

Ora eles estavam decididos a não se ofenderem com nada, e aquela comovente paciência dava a medida da grande necessidade em que se encontravam. Esperariam horas, sem se queixarem, até que eu estivesse pronto para eles; haveriam de voltar na esperança de serem precisos e iriam embora de boa cara se não o fossem. Costumava acompanhá-los à porta para ver a magnífica serenidade com que se retiravam.

Tentei arranjar-lhes trabalho, apresentando-os  
**40** a vários artistas, mas, por motivos que entendia

muito bem, não «pegavam», e fui ganhando consciência, com alguma angústia, de que, após tais desapontamentos, caíam de novo sobre mim com um peso cada vez maior: era uma honra que me concediam, considerar-me quem estava mais dentro da *sua* forma. Não eram suficientemente românticos para interessarem os pintores, e naquele tempo não havia muitos artistas a trabalhar em gravura. Além disso, estavam de olhos postos no grande trabalho de que lhes tinha falado: instalara-se neles o desejo secreto de fornecer a correcta essência da minha reparação pictórica do grande romancista. Sabiam que, para esse trabalho, eu não queria figurinos de teatro, nem enfeites baratos e desusados, já que tudo seria contemporâneo, satírico e presumivelmente requintado. Se lhes arranjasse lugar, teriam o futuro assegurado, pois o trabalho seria demorado e a ocupação estável.

Certo dia, Mrs. Monarch veio sem o marido, cuja ausência atribuiu a uma necessidade de ir à City. Enquanto posava com a inquietante rigidez habitual, bateram à porta, e no toque reconheci de imediato um modelo à procura de trabalho. Logo a seguir entrou um jovem, estrangeiro, como facilmente percebi: de facto um italiano que ignorava qualquer palavra inglesa além do meu nome, o qual pronunciou de tal maneira que parecia incluir todos os outros. Eu nunca tinha ido a Itália, nem era versado na língua; mas como ele não era tão limitado — algum italiano o é? — que dependesse apenas desse meio de expressão, deu-me a entender, através de uma mímica trivial mas graciosa, que procurava exactamente o tipo de trabalho que aquela senhora estava a fazer. Não fiquei logo impressionado e, enquanto desenhava, emiti alguns sons rudes a desencorajá-lo e a despedi-lo. Ele, porém, manteve-se firme, não impertinente, mas com uma expressão nos olhos de fidelidade mu- **41**

da, à maneira de um cão, que redundava num descaramento inocente: como um criado educado, que estivesse na casa há muitos anos, injustamente alvo de suspeita. Reparei de súbito que esta exacta atitude e esta expressão formavam um quadro, e aí disse-lhe que esperasse e se sentasse até que pudesse atendê-lo. No modo como obedeceu já se percebia outro quadro, e ainda observei outros, enquanto trabalhava, no jeito com que, admirado, olhava o estúdio, a cabeça atirada para trás para ver o tecto. Era como se estivesse a fazer o sinal da cruz na basílica de São Pedro. Antes de terminar, disse para comigo: «Este tipo não tem onde cair morto, mas é um verdadeiro tesouro.»

Quando Mrs. Monarch se levantou para sair, atravessou a sala como um raio para lhe abrir a porta, e lá ficou, com o olhar puro e extasiado do jovem Dante enfeitiçado pela jovem Beatriz. Como em tais situações nunca fiz questão da indiferença típica dos criados ingleses, notei que daria um bom criado, e precisava tanto de um, embora não lhe pudesse pagar apenas para isso, quanto de um bom modelo. Em suma, decidi que adoptaria este brilhante aventureiro se ele estivesse disposto a cumprir as duas funções. Ficou radiante com a proposta, e nem por isso me dei conta da minha precipitação (não sabia nada a seu respeito). Revelou-se um empregado aceitável, embora fosse um ajudante pouco eficiente, e tinha no mais elevado grau o *sentiment de la pose*. Não um sentimento cultivado, mas instintivo, parte do feliz instinto que o trouxera à minha porta e o ajudara a soletrar o nome escrito no cartão nela pregado. A meu respeito não tinha tido senão um palpite: a partir da forma da minha janela virada a norte, vista do lado de fora, supôs que se tratava de um estúdio e que um estúdio devia ter um artista lá dentro. Vagueara

**42** por Inglaterra, tentando fazer fortuna, como ou-

tros emigrantes, dedicando-se, com um sócio e um carrinho de mão verde, ao negócio dos sorvetes. Os sorvetes derreteram e o sócio dissolveu-se no comboio. Usava calças justas amarelas com riscas avermelhadas — e chamava-se Oronte. Tinha a pele amarelada, mas clara, e quando lhe vesti algumas das minhas velhas roupas parecia um inglês. Era tão bom como Miss Churm, a qual, se necessário, podia parecer uma italiana.

#### IV

Achei que Mrs. Monarch, quando voltou com o marido, ficou com o rosto ligeiramente contraído ao encontrar Oronte instalado. Era estranho ter que reconhecer num reles *lazzarone* um rival do seu magnífico major. Foi ela a primeira a sentir o perigo, de que o major permaneceu anedoticamente inconsciente. Entretanto Oronte serviu-nos chá, precipitando-se em dezenas de confusões (nunca tinha estado envolvido num processo tão bizarro), e ela deve ter ficado com melhor impressão a meu respeito por finalmente ter «estrutura». Viram alguns desenhos que eu fizera da «estrutura», e Mrs. Monarch deu a entender que nunca teria percebido que era ele o modelo:

— Já os desenhos que faz a partir de *nós*, são exactamente como nós — recordou-me ela, sorrindo em triunfo. E eu reconheci que era esse justamente o seu defeito. Quando desenhava os Monarchs, fosse porque fosse, não conseguia escapar-lhes e entrar na personagem que pretendia representar. Nem tinha o menor interesse em que os modelos pudessem ser reconhecidos no meu desenho. Com Miss Churm nunca tal acontecia, mas Mrs. Monarch

julgava que eu a escondia com cuidado por ser vulgar, quando na verdade, se a moça se perdia, era apenas no sentido em que os mortos se perdem quando vão para o céu: ganhava-se mais um anjo.

Por esta altura avançara bastante na ilustração de *Rutland Ramsay*, o primeiro romance da série projectada; quero dizer, já tinha feito uma dúzia de desenhos, vários com a ajuda do major e da mulher, e enviara-os para aprovação. O meu acordo com os editores, como atrás sugeri, dava-me liberdade de fazer para este primeiro livro o que muito bem entendesse; mas a minha ligação com o resto era meramente contingente. Havia momentos em que, com franqueza, era um alívio ter à mão a coisa propriamente dita, pois havia personagens em *Rutland Ramsay* que andavam muito perto disso. Havia pessoas tão emperdigadas como o major e mulheres tão elegantes como Mrs. Monarch. Havia muitas cenas em casas de campo — tratadas, é certo, de forma generalizante, fantasiosa, irónica —, abundando em calças de golfe e kilts. Algumas coisas tive que as definir de raiz, como por exemplo a exacta aparência do herói ou a precisa frescura da heroína. O autor, é claro, dava uma indicação, mas deixava margem para interpretar. Resolvi abrir-me com os Monarchs e dizer-lhes com toda a clareza o que me interessava fazer, falando-lhes das dificuldades e das alternativas.

— Oh, trabalhe com *ele*! — murmurava Mrs. Monarch docemente.

— Ora, acha que pode encontrar melhor do que a minha mulher? — perguntava o major, com aquele cândido à-vontade que agora vigorava entre nós.

Eu não sentia qualquer obrigação de responder a estes comentários — só tinha que fazê-los posar.

Mas não estava muito tranquilo e, talvez com

**44** alguma tibieza, adiei a solução do problema. O

livro era uma larga galeria, as outras figuras numerosas, e comecei por trabalhar com os episódios em que o herói e a heroína não entravam. Quanto a estes, uma vez estabelecida a respectiva aparência, teria que a manter até ao fim: o herói não podia ter dois metros num certo momento e um metro e oitenta noutra. Era para esta última altura que me inclinava, apesar de o major me ter recordado mais de uma vez que *ele* parecia tão jovem como qualquer outro. E era de facto perfeitamente possível desenhá-lo na figura do herói sem que se lhe percebesse a idade.

Passado um mês da chegada do espontâneo Oronte a minha casa, e depois de várias vezes lhe ter dado a entender que a sua exuberância natural acabaria por se tornar uma barreira intransponível entre nós, dei-me conta da sua heróica capacidade. Não tinha mais de um metro e setenta, mas os centímetros em falta estavam latentes. Comecei por experimentar trabalhar com ele quase em segredo, pois tinha realmente medo do que os meus outros modelos pensariam desta escolha. Se já achavam que Miss Churm era pouco menos que uma fraude, o que iriam pensar se escolhesse para representar o protagonista formado por uma escola pública um modelo tão longe da coisa propriamente dita como um vendedor ambulante italiano?

Tinha um pouco de medo do que pudessem pensar, não porque me intimidassem ou tivessem ganho algum ascendente sobre mim, mas antes porque, com aquele decoro perfeitamente patético, com a misteriosa persistência da inexperiência, dependiam muitíssimo de mim. Fiquei por isso bastante satisfeito quando Jack Hawley regressou. Era um mau pintor, mas tinha sempre um bom conselho para dar e não havia como ele a pôr o dedo na ferida. Saíra de Inglaterra por um ano — não me lembro para **45**

onde — a fim de arranjar um novo olhar. Eu tinha algum pavor do que daí viesse a resultar, mas éramos velhos amigos: durante os meses em que estive fora, foi-se insinuando na minha vida uma sensação de vazio. Há um ano que não era obrigado a defender-me!

Voltou com o novo olhar, mas com a velha camisa de veludo preto, e na primeira noite em que estive no meu estúdio ficámos a fumar até de madrugada. Não fizera qualquer trabalho, apenas arranjava o tal olhar, e por isso eu tinha o terreno livre para lhe mostrar as minhas pequenas coisas. Quis ver o que tinha feito para o *Cheapside*, e ficou desapontado com o que lhe mostrei, ou pelo menos era o que pareciam significar os dois ou três gemidos que soltou com o fumo do cigarro, enquanto via os meus últimos desenhos, sentado sobre uma das pernas, refastelando-se no divã.

— Mas o que é que tu tens? — perguntei-lhe.

— O que é que tens — *tu*?

— Nada, tirando que estou baralhado.

— E estás mesmo, bastante fora dos eixos. A que se deve esta nova mania? — E com manifesta irreverência atirou-me um desenho em que por acaso estavam os meus dois majestosos modelos. Perguntei-lhe se não o achava bom, e ele respondeu que o achava execrável, considerando o género de coisa que sempre lhe dissera que queria fazer. Deixei passar este comentário, tão ansioso estava por saber exactamente o que queria dizer. As duas figuras do desenho pareciam colossais, mas achei que não era a isso que se referia, até porque, tanto quanto ele podia saber, eu podia ter procurado justamente esse efeito. Insisti em que continuava a trabalhar exactamente como da última vez em que me dera a honra de me dizer que um dia eu podia vir

**46** a fazer qualquer coisa.

— Pois, há aqui qualquer coisa que não bate certo — respondeu. — Espera um bocado que já descobro o que é.

Eu dependia dele para isso: onde encontraria outro novo olhar? Mas não se saiu com nada mais esclarecedor do que isto:

— Não sei... não gosto dos teus tipos.

Vindo de um crítico que não se dignava discutir senão a questão da execução, da direcção das pinceladas, do mistério dos valores, isto era frouxo.

— Nos desenhos que tens estado a ver, os meus tipos são bastante elegantes.

— Ah, mas não servem.

— Tenho dois novos modelos.

— Estou a ver que sim, mas não servem.

— Tens a certeza?

— Absoluta, são estúpidos.

— Estúpido sou eu, então, que devia saber lidar com eles.

— Com gente desta, é impossível. Quem são eles?

Contei-lhe, tanto quanto necessário, e ele declarou, implacável:

— *Ce sont des gens qu'il faut mettre à la porte.*

— Mas tu nunca os viste! São muitíssimo bons — defendi-os, com pena deles.

— Nunca os vi? Mas este trabalho está todo estragado por causa deles. Não preciso de ver mais nada.

— Ninguém mais se queixou, e os do *Cheapside* estão satisfeitos.

— São todos uns burros, especialmente os do *Cheapside*. Ora, não me venhas nesta altura com ilusões sobre o público e muito menos sobre editores. Não trabalhas para esses animais, mas para quem sabe, *coloro che sanno*. Vê se andas na **47**

linha por minha causa, já que por ti não consegues. Dantes tentavas fazer certo tipo de coisa, e era uma coisa muito boa. Estas frioleiras não prestam para nada.

Mais tarde, quando falei com Hawley a respeito de *Rutland Ramsay* e possíveis sequelas, disse-me que ou eu voltava para o meu barco ou ia ao fundo. Numa palavra, fez-me um sério aviso.

Tomei devida nota do aviso, mas não mandei os meus amigos porta afora. Já me aborreciam bastante, mas isso mesmo me impedia de os sacrificar — se é que podia fazer alguma coisa com eles — apenas por causa da irritação. Quando olho para trás, parece-me que naquela época já impregnavam a minha vida, e não era pouco. Via-os a maior parte do tempo no meu estúdio, sentados, para não atrapalhar, num velho sofá de veludo encostado à parede, como dois pacientes cortesãos na antecâmara real. Estou convencido de que nas semanas mais frias do Inverno não arredavam pé porque assim poupavam carvão. A sua novidade ia perdendo o encanto, e era impossível não ver que estavam ali por caridade. Mal Miss Churm chegava, iam-se embora, o que acontecia com frequência quando eu já estava bastante avançado no trabalho de *Rutland Ramsay*. Deram-me a entender tacitamente que estavam convencidos de que eu preferia Miss Churm para ilustrar cenas de uma vida menos recomendável, e nada fiz para os contrariar, já que tinham tentado estudar o livro — havia um exemplar no estúdio — sem se aperceberem de que a acção decorria apenas nos círculos da alta sociedade. Deram uma vista de olhos pelo mais brilhante dos nossos romancistas sem conseguirem decifrar inúmeras passagens. Ainda os usava de vez em quando, apesar do aviso de Jack Hawley: teria oportunidade de os despedir, se tal chegasse a ser

necessário, assim que passassem os rigores do Inverno. Hawley chegou a conhecê-los — encontrou-os ao pé da estufa — e achou-os um casal ridículo. Quando souberam que era pintor, tentaram aproximar-se dele, para também lhe mostrar que eram a coisa propriamente dita. Mas ele, do outro lado do estúdio, olhava-os como se estivessem a quilómetros de distância: eram um compêndio de tudo o que achava de mais condenável no sistema social do país. Pessoas daquelas, feitas de convenções e de aparências, com exclamações que interrompiam qualquer conversa, não tinham nada que fazer num estúdio. Um estúdio era um lugar para aprender a ver: e como é que se podia ver através de dois colchões de penas?

O maior inconveniente que me causaram foi a relutância que a princípio senti em revelar-lhes que o meu habilidoso criado começara a posar para as ilustrações de *Rutland Ramsay*. Sabiam que eu fora suficientemente extravagante — estavam preparados para aceitar a extravagância dos artistas — para ir à rua buscar um vagabundo estrangeiro, quando podia ter um homem com suíças e credenciais; mas ainda levaram algum tempo a perceber até que ponto eu valorizava o que ele era capaz de fazer. Encontraram-no a posar mais de uma vez, mas pensavam que o usava como modelo do homem do realejo. Havia várias coisas de que nunca suspeitariam: uma delas era que, para um episódio decisivo do romance, em que um criado entra em cena por breves instantes, me ocorreu usar o major para modelo do laçai. Andava a adiar o momento de pôr em prática essa ideia, não me agradava pedir-lhe que pusesse uma libré, para já não falar da dificuldade de encontrar uma que lhe servisse.

Por fim, certo dia, trabalhava com o desprezado Oronte (que apanhava uma ideia ime- **49**

diatamente), entusiasmado porque tudo corria muitíssimo bem, quando eles entraram, o major e a mulher, com aquele riso de sociedade a propósito de coisa nenhuma (havia cada vez menos motivos para rir), como visitas da aldeia que atravessam o parque no regresso da igreja e são convencidas a ficarem para almoçar. Já tínhamos almoçado, mas podiam ficar para o chá — e era o que queriam. Porém, eu estava muito embrenhado, e começava a escurecer; não podia deixar arrefecer o ardor nem fazer o trabalho esperar enquanto o modelo preparava o chá. Então perguntei a Mrs. Monarch se não se importava de tratar disso, pedido que por instantes lhe fez afluir todo o sangue à cara. Olhou o marido por um segundo, e uma telegrafia muda passou entre eles. Mas aquela tolice também se desvaneceu depressa, porque a sensatez bem-disposta do marido logo lhe pôs termo. Devo dizer que, longe de me apiedar com o orgulho ferido do casal, estava disposto a dar-lhes uma lição tão séria quanto possível. Lá se mexeram os dois, foram buscar as chávenas e os pires e puseram água a ferver. Vi que se sentiam como se estivessem a servir o meu criado, e por isso, quando o chá ficou pronto, disse-lhes:

— Ele também vai querer uma chávena. Está muito cansado.

Mrs. Monarch levou-lhe o chá, e Oronte pegou na chávena como se fosse um cavalheiro numa festa, com o chapéu espalmado debaixo do braço. Acudiu-me então a ideia de que ela fizera um grande esforço por mim — e fizera-o com uma certa nobreza —, merecendo alguma compensação. Depois disto, sempre que a via perguntava-me que compensação podia dar-lhe. Não seria possível reincidir no erro só para lhes agradar. Porque era definitivamente

**50** um erro o tipo de trabalho para que tinham po-

sado — e Hawley não era o único a dizê-lo. Já tinha enviado muitos dos desenhos para *Rutland Ramsay* e recebera um aviso bem mais directo do que o de Hawley. O consultor artístico da editora achara que muitas das minhas ilustrações — e os *Monarch* figuravam na maior parte — não correspondiam ao que se pretendia. Deixando de lado a questão de saber o que se pretendia, era evidente que a continuar assim não seria incumbido de ilustrar os outros volumes. Agarrei-me em desespero a Miss Churm, pu-la por todo o lado e em todas as poses, e adoptei abertamente Oronte como o meu herói. Certa manhã, quando o major apareceu a perguntar se não precisava dele para terminar uma gravura do *Cheapside*, para a qual começara a posar na semana anterior, disse-lhe que tinha mudado de ideias e que faria o desenho usando o meu criado. O homem empalideceu, ficou a olhar-me sem se mexer.

— Ele corresponde à sua ideia do que é um cavalheiro inglês? — acabou por perguntar.

Eu estava desapontado, estava nervoso, queria andar com o trabalho para a frente, e por isso respondi irritado:

— Ora, meu caro major, não posso deixar-me arruinar por sua causa!

Era uma frase horrível, mas ele permaneceu imóvel por uns instantes; depois, sem uma palavra, saiu do estúdio. Respirei fundo, dizendo a mim mesmo que não voltaria a vê-lo. Ainda não lhe tinha dito com toda a clareza que estava em risco de ver o meu trabalho rejeitado, mas irritava-me que não percebesse a catástrofe a pairar, que não tivesse deduzido como eu a moral da nossa colaboração infrutífera, a lição de que, na atmosfera enganadora da arte, até a mais alta respeitabilidade pode revelar-se pouco plástica.

Não lhes devia dinheiro, mas voltei a vê-los. Reapareceram juntos três dias depois, facto que, dadas as circunstâncias, tinha qualquer coisa de trágico. Era para mim a prova de que não conseguiam encontrar outra coisa para fazer. Tinham dado voltas ao assunto num concílio sombrio, e acabaram por engolir a má notícia de que não seriam usados na colecção. E se nem para os folhetins do *Cheapside* serviam, era difícil saber que função poderia ser a deles, e por isso só podiam ter voltado, com indulgência e decoro, para uma última despedida. Isto fez com que, no íntimo, sentisse alguma alegria por não ter naquele momento tempo para uma cena: os meus dois modelos posavam juntos, e eu trabalhava com afinco num desenho de onde esperava que resultasse a minha glória. Fora sugerido pela passagem do romance em que Rutland Ramsay, puxando uma cadeira para junto do banco do piano de Artemisia, lhe diz coisas extraordinárias enquanto ela toca ostensivamente uma difícil peça musical. Já tinha desenhado Miss Churm ao piano antes disso, era uma pose em que ela sabia assumir uma graça absolutamente poética. Agora queria que os dois «compusessem» o quadro em conjunto, intensamente, e o pequeno italiano ajustou-se na perfeição à minha ideia. O piano tinha sido afastado, e o casal estava cheio de vida à minha frente: era uma cena encantadora, em que se misturavam a juventude e o amor murmurado, bastava-me apreendê-la e fixá-la no papel.

Os visitantes ficaram a ver, enquanto lhes dirigia algumas palavras simpáticas por cima do ombro. Não diziam nada, mas eu estava habituado a presenças silenciosas, e fui trabalhando, apenas um pouco desconcertado (apesar da grande excitação de fazer pelo menos a coisa propriamente ideal) por ainda não

**52** me ter visto livre deles. A certa altura ouvi a

voz doce de Mrs. Monarch por trás ou antes por cima de mim:

— O cabelo dela podia estar mais bem penteado.

Levantei os olhos: Miss Churm estava de costas para ela, que a olhava com uma estranha fixidez.

— Importa-se que lhe dê um jeito? — perguntou, o que me deixou um tanto inquieto, temendo que fizesse algum mal à rapariga. Mas tranquilizou-me com um olhar que nunca esquecerei — confesso que *aquilo* eu gostaria de pintar — e foi junto de Miss Churm. Falou-lhe suavemente, pondo-lhe a mão no ombro e inclinando-se para ela. Quando a jovem compreendeu e aceitou agradecida, com uns jeitos rápidos dispôs-lhe os cachos rebeldes de tal maneira que a cabeleira ficou muito mais graciosa. Foi um dos gestos mais heróicos a que já assisti. Mrs. Monarch afastou-se de seguida com um suspiro discreto, olhando em redor como se procurasse alguma coisa para fazer, abaixou-se com nobre humildade e apanhou do chão um trapo sujo que caíra da minha caixa de tintas.

O major, entretanto, também procurava alguma coisa para fazer. Foi até ao outro canto do estúdio e, encontrando a mesa com os restos do pequeno-almoço, perguntou:

— Ouça, posso tratar *disto*? — perguntou, com um tremor irreprimível na voz. Concordei com uma gargalhada, que me pareceu meio desastrada, e enquanto trabalhava fui ouvindo o bater das porcelanas e o tinir dos copos e dos talheres. Mrs. Monarch ajudou o marido. Lavaram a louça e arrumaram tudo. Depois foram para a copa: descobri mais tarde que tinham lavado as facas e que a minha escassa prataria estava com um brilho inusitado. Quando me dei conta da eloquência latente no que estavam a fazer, confesso que por um instante o desenho ficou **53**

turvo, a imagem vacilava. Tinham aceite o fracasso, mas não podiam aceitar o destino. Tinham baixado a cabeça, confundidos, perante a perversa e cruel lei segundo a qual a coisa propriamente dita podia ser muito menos preciosa do que a simulada. Mas não queriam passar fome. Se os meus criados eram modelos, os meus modelos podiam ser criados. Inverteriam os papéis, os outros posavam como senhoras e cavalheiros, enquanto eles trabalhavam. Continuariam no estúdio: era um imenso e mudo apelo que me dirigiam, para que não os mandasse embora.

— Deixe-nos ficar — queriam dizer, — faremos *o que for preciso*.

O lápis caiu-me da mão. A sessão estava estragada, e mandei embora os modelos, que evidentemente também estavam perplexos e abalados. Então, a sós com o major e a mulher, passei um mau bocado. Ele resumiu a súplica numa única frase:

— Deixe-nos só trabalhar para si, pode ser?

Não podia ser, seria terrível vê-los na cozinha a despejar os restos dos pratos. Mas fingi que podia mantê-los, só para lhes ser agradável, durante mais ou menos uma semana. Dei-lhes algum dinheiro para que se fossem embora e nunca mais os vi. Fiquei com o trabalho do resto da colecção, mas o meu amigo Hawley continua a dizer que o major e a mulher me causaram um dano permanente, levando-me para artifícios de segunda ordem. Se isso é verdade, então estou satisfeito por ter pago um preço — pela recordação.

Gertrude Stein

**Lição um**

*Tradução de Luísa Costa Gomes*

**Gertrude Stein** (1874-1946). Nascida na Pennsylvania, Gertrude Stein passou a infância na Áustria e em Paris. A família regressou à América e Stein foi estudar para Baltimore, na Johns Hopkins Medical School. Não acabou o curso por motivo do tédio profundo que lhe causava e estabeleceu-se, desde 1903, com o irmão, Leo Stein, em Paris, onde se tornaram colecionadores de arte. A casa dos Stein foi ponto de encontro de escritores e pintores que passavam ou viviam em Paris, e Gertrude Stein tornou-se, ao longo de décadas, numa das autoras mais faladas e menos lidas de todos os tempos. O que disse Ambrose Bierce dos seus próprios livros: "Vendas moderadas, louvor intenso", aplica-se por maioria de razão a Gertrude Stein, que do seu salão influenciou directa ou indirectamente várias gerações de escritores europeus e americanos. Infelizmente, a sua reputação — plenamente justificada — de ilegibilidade, tem mantido afastada dos leitores uma escrita cujo divertimento quase insano, espontaneidade quase infantil e espírito de nonsense são obscurecidos pelo terrível anátema do experimentalismo. A sua intradutibilidade não ajuda, naturalmente, à divulgação desta escrita plenamente original, pelo que optámos por incluir o texto em inglês e uma versão portuguesa assumidamente aproximativa. O texto encontra-se em *First Statement and Three Plays*, de 1948.

Um cão disse que ia aprender a ler. Os outros cães disseram que podia aprender a ladrar mas não podia aprender a ler. Não conheciam aquele cão, se ele dizia que ia aprender a ler, ia aprender a ler. Podia morrer afogado na água mas se dizia que ia aprender a ler ia aprender a ler.

Nunca se afogou na água nem morreu afogado e nunca aprendeu a ler. Haverá crianças assim. Uma duas três. Haverá crianças assim. Quatro cinco seis. Haverá crianças assim. Sete oito nove haverá crianças assim.

Dez. Sim há dez crianças assim e cada uma das dez tinha um cão assim. Dez cães assim e dez crianças assim, e os cães e as crianças jogaram taco a taco mas não se aprendia a ler assim, de facto nem que cada um fosse gordo de acordo mesmo assim gordo.

Ao pé disto havia uma lebre e ao pé da lebre um pássaro um pássaro diário. Um pássaro diário é só um terço de um pássaro ordinário, sendo o pássaro diário apenas um terço era muito provavelmente ouvido e quando era ouvido bem seria que era ler que ouvia, sim ouvia-os a tentarem aprender

### *Lesson one*

*A dog said that he was going to learn to read. The other dogs said that he could learn to bark but he could not learn to read. They did not know that dog, if he said he was going to learn to read, he would learn to read. He might be drowned dead in water but if he said that he was going to learn to read he was going to learn to read.*

*He never was drowned in water not dead drowned and he never did learn to read. Are there any children like that. One two three. Are there any children like that. Four five six. Are there any children like that. Seven eight nine are there any children like that.*

*Ten. Yes there are ten children like that and each one of the ten had a dog like that. Ten dogs like that and ten children like that, and the dogs and the children played tit for tat but there was no learnig to read in that, not even if they each one of them was fat, fat just like that.*

a ler os dez cães e as dez crianças e como ele, o pássaro, era um pássaro diário, e um pássaro diário é um terço de um pássaro, ouviu-os todos os dias a tentarem fazer menos de um terço do que ouviam, foi o que ele disse disse o pássaro, vou juntar dez pássaros diários e ver quem aprende a ler primeiro dez crianças dez cães ou dez pássaros diários.

O primeiro cão que tentou aprender a ler não o que disse que ia aprender a ler esse não precisava de ter dez cães para aprender a ler, ele era o único cão que tinha como grande necessidade aprender a ler. Mas se aprenderia a ler. Quem dirá, um sino aprende a ler, porque não um cão, porque não, o cão tinha lágrimas nos olhos, porque não. Um cão. Mas o primeiro cão que tentou realmente aprender a ler era um S. Bernardo um cão grande tão grande que se abrisse a boca era o mesmo que qualquer palavra e quando dizia uma palavra era uma palavra grande. Dizer uma palavra mesmo uma palavra grande, não é o mesmo que ler essa palavra. Oh não disse o pássaro diário não é não, não, n'ão n'ão.

Reparem só que se disserem não n'ão, como é que sabem se não sabem ler, qual é o não que é um n'ão, e qual é o não que não é um n'ão. Portanto vêm que têm de aprender a ler. O pássaro diário é que sabia qual era o que.

O pássaro diário estava todo excitado. Tinha ouvido um termo. Podia ter sido verme o termo que ouvira mas não fora. O termo que ouvira fora ba-ta-ta. Ba-ta-ta doce, um termo amoroso, um termo doce, foi o termo que o pássaro diário ouviu. E disse tá!, não eles querem dizer tá ou ta e ele disse ah! não eles querem dizer chá e disse tá, ah sim, então é isso. E depois disse não, não é tal, é batata e sorriu e sorriu e disse ah batata batata doce então é isso.

Os pássaros diários gostam de batatas do- 59

was a bird a daily bird. A daily bird is just the third of an ordinary bird, a daily bird being just a third was very likely heard and when he was heard well was it reading he heard, yes he heard them trying to learn to read the ten dogs and the ten children and as he the bird was a daily bird, and a daily bird is a third of a bird, he heard them every day trying to do less than a third of what they heard, so he said said the bird, I will get together ten daily birds and see how learns to read first ten children ten dogs or ten daily birds.

The first dog who tried to learn to read not the one who said he was going to learn to read that one did not need to have ten dogs to learn to read, he was the one dog who had it as a great need to learn to read. But would he learn to read. Who can tell, a bell learns to read, why not a dog, why not, the dog had tears in his eyes why not. A dog. But the first dog who really tried to learn to read he was a Saint Bernard a big dog so big that if he opened his mouth it was just the same as any word and when he said a word it was a big word. Saying a word even a big word is not the same as reading that word. Oh no said the daily bird no indeed it is not, not, not Knot.

Just notice that if you say not Knot, how do you know if you not know how to read, which knot has a knot, and which not was not a knot. So you see you have to learn to read. The daily bird knew what was what.

The daily bird was all excited. He had heard a word. It might have been worm the word he heard but it was not. The word he heard was po-ta-toe. Sweet Po-ta-toe, a lovely word, a sweet word, that was the word that the daily bird heard. And he said hoe, no they mean hoe or ho and he said ha  
**60** not they mean tea and he said toe, oh yes toe,

ces que crescem e se não sabia ler podia ouvir dizer que iam sachar batata doce naquela cama.

Cama Cama, claro que uma cama que é como afinal se chama é onde se dorme, onde os rapazinhos e as meninas se põem a dormir é numa cama. Mas uma cama é como afinal se chama é onde se põem as batatas a crescer, e o pássaro diário sabia que era assim. Cama cama quando um cão diz cama cama, quer dizer uma almofada um cesto um canil ou palha mas quando uma criança diz cama quer dizer cama plana onde se pode deitar sem se zangar e com uma almofada de penas dorme docemente até acordar e descer, descer as escadas. Que importa como se escreve descer ora escreve-se da mesma forma quer seja dentro da cama ou fora, lembrem-se de que as dez crianças eram fortes, e pese embora andavam dentro e fora. Mas para o pássaro diário uma cama afinal é como se chama onde se clama que se faz a sementeira é no canteiro porque é assim que as plantam e assim o pássaro diário quando ouviu batata soube que era um canteiro e assim disse cama de batata doce, é como se chama é tão doce uma cama de batata doce e ele ouviu o pássaro diário ouviu essa palavra. Batata foi o que ouviu e leu bem não sabia ler mas leu que iam plantar sementes de batata naquele canteiro e portanto disse oh como disse doce batata oh doce doce doce cama de batata. E estava tão contente de não estar morto, não estava de cama, sim disse, isto disse o pássaro diário.

Lembrem-se de que plantam batata doce na Primavera e comem-na no Outono e que é o fim quando as crianças não são gordas mas altas.

Ai, ai, é sim é mesmo o fim.

Pensem em soletrar sem gritar soletrem ah soletrem batata e saibam que é assim é que é. Batata, mesmo que assim não tenha um e e batata tenha um b no ba. Batata.

*toe is that so. And then he said no it is not so it is potatoe and he smiled and smiled and said oh potatoe sweet potatoe that is so.*

*Daily birds like sweet potatoes that grow and if he could not read he could hear it said that they would hoe sweet potatoes in the bed.*

*Bed Bed, of course a bed when all is said is where you sleep, where any little boy or girl is put to sleep in a bed. But a bed when all is said is where they put potatoes to grow, and the daily bird knew that was so. Bed bed when any dog says bed bed, he means a cushion a basket a kennel or straw but when any children says bed he means a bed stead where he can lay himself down without a frown and with a pillow made of down he sleeps sweetly until he wakes up and comes down, down the stairs. Who cares which way down is spelt but it is spelt the same whether it is in the bed or out, remember all little ten children were stout, but even so they did go in and out. But to the daily bird a bed when all is said is where the seeds are said to be in bed because they plant them so and so the daily bird when he heard po-ta-toe knew that that was a bed and so he said sweet potatoe bed, when all is said so sweet is a sweet potatoe bed and he heard the daily bird heard that word. Potatoe is what he heard and he read well he could not read but he read that they would plant potatoe seed in that bed and so he said oh how he said potatoe sweet oh sweet sweet sweet potatoe bed. And he was so pleased we was not dead, he was not in bed, and so he said, yes so he said, this the daily bird said.*

*Remember they plant sweet potatoes in the spring and eat them in the fall and that is all over when children are not fat but tall.*

**62** *Oh dear yes that is all.*

Ora bem, agora coser e cozer, cozer é cozer e coser não é cozer, estão a ver que para saber se coser é cozer ou cozer é coser como é necessário para ler como é necessário para ler é tão necessário lá isso é. E ler pensem só em ler se lido é ledado e lido é lido, vêem que afinal agora é ler há bocado era lido, vêem que mesmo que um rapazinho seja anafado ou uma menina se não lêem como podem saber se lido é ledado e ledado é lido. Como podem eles saber oh não como podem saber.

Cães a ladrar é diferente ladram mais alto quer dizer isto e isto e ladram mais baixo e quer dizer isto e isto e fazem um barulhinho e quer dizer isto e isto mas bem mesmo que um cão dissesse que ia aprender a ler não havia realmente necessidade e portanto bem, não, não aprenderia a ler, para que queria um cão saber se não não é não, não, se coser é cozer, se lido é ledado, credo para que havia um cãozito de precisar de saber, mas um pássaro diário bem um pássaro diário não canta mas pipila assim, é sempre mesmo assim, e se ler lido ou vir vir, ou mesmo ouvir ou ouvir mesmo, mesmo que esteja gravado numa cabana e o pássaro diário esteja em cima da cabana, não lhe compete saber a diferença entre ouvir e ouvir e houve ir.

Mas um rapazinho e uma menina com ou sem gaforina ou um rapazinho com ou sem brinquedinho mas com certeza que havia de ser para o menino um desatino não saber que não não é não que nós não é não a saber que cozer é cozer e à menina mesmo sem gaforina não pode convir que se vir uma vaca não lhe faça a vénia porque não saberia como ler uma vaca quando visse dito no papel ou numa cabana como se lida com uma vaca quando é lida. Pensem na menina com ou sem gaforina que não podia deixar uma vaca ser uma vaca porque não sabia **63**

*Think about spelling without yelling spell oh spell potatoe and know it is so. Potatoe, even if so has no e and potatoe has an e on toe. Potatoe.*

*So, now sew and so, so is so and sew is not so, you see to know wheter sew is so or so is sew how necessary it is so that is to read is so necessary so it is. And read just think of read if red is read, and read is read, you see when all is said, just now read just then read, do you see even if a little girl is very well fed if they do not read how can they know whether red is read and read is red.*

*How can they know, oh no how can they know.*

*Dogs barking is different they bark louder that says so and so and they bark lower and that says and so and they make a little noise and that says so and so but well even if one dog said he would learn to read there was really no need and so well no, he would not learn to read, what did a dog care to know whether know is no, whether sew is so, whether read is red, what indeed did any little dog need to know, but a daily bird well a daily bird does not sing he twitters so, it is always just so, and so if he reads red or sees sew, even sow or even so so, even if it is printed on a shed and the daily birds sit upon the shed, no it is not for him to know the difference between so and sew and sow.*

*But a little boy and a little girl with or without a curl or a little boy with or without a toy, it would annoy a little boy oh surely it would annoy a little boy not to know that no is know that no is know this knot is not sew is so and a little girl just even without a curl could not allow that if she saw a cow she would not bow because she did not know how to read a cow when she saw it said on paper or on a shed that a cow is read. Think of the little girl with or*

**64** *without a curl who could not allow a cow to*

ler uma vaca. Pensem, pensem lá agora na menina.

E o pássaro diário estava a ferrar o galho e foi assim que agora passou a ser agora.

Solitário o pássaro diário, é um pássaro diário, sabe-se que é um pássaro diário porque nunca se ouve. Diário diário pássaro diário.

Ora bem as dez crianças que eram fortes começavam a andar por ali e uma disse e a outra disse e todas dez disseram ora bem se contarmos vamos gostar mais de ver um pássaro um cão uma vaca ou uma galinha, e em dizendo em dizendo uma galinha, começaram a chorar e disseram não, eu não, eu quero ver um pássaro diário, um pássaro diário e foi o que se ouviu todas as dez criancinhas gordinhas, era só o que elas eram, e sendo gordinhas tinham medo e tendo medo não as puseram onde elas tinham visto um cão ou vaca ai meu Deus, agora não, antes queriam do que ler do que mondar, e então era o que sabiam, agora lembrem-se lá entre no ovo e novo. Lembrem-se, faz-nos pensar num gato num ápice, faz-nos pensar num cão ou numa rã faz-nos pensar num homem ou num abdómen e também nos faz pensar em correm. Pensem só, um pássaro pipila e canta e voa como tudo, mas um pássaro diário, bem um pássaro diário é um terço de um pássaro e comer não é tudo, há ler e escrever, há correr e marchar, há sentar e malhar, há ladrar e falar, há branco e preto. Ai, ai, ler branco e preto. Fica tão esquisito fica mesmo esquisito. Branco E Preto. Fica muito esquisito fica pois fica.

*be a cow because she did not know how to read cow. Think, oh, think of that little girl now.*

*And so the daily bird was asleep on the bough and that is how it came to be now just now.*

*All alone a daily bird, it is a daily bird you can tell it is a daily bird because it is never heard. Daily daily daily bird. Now the ten children who were stout were beginning to move about, and one said and another said and they all ten said now if we count will we like it better that we see a bird a dog a cow or a hen, and when when they said a hen, they all began to cry and say no not I, I want to see a daily bird, a daily bird and that was heard all the ten little children who were fat, they were just that, and being fat they were afraid and being afraid they were not layed where they had seen a dog or a cow oh dear not now, they would rather than read than weed, so that was that they knew, now remember about knew and new. Just remember, it makes one think of a cat just like that, it makes one think of a dog or a frog it makes one think of a man or a can it makes one think or also ran. Just think of that, a bird can twitter and sing and fly like anything, but a daily bird well a daily bird is a third of a bird, and eating is not everything, there is reading and writing, there is running and walking, there is sitting or hitting, there is barking and talking there is white and black. Oh dear to read white and black. It looks very funny indeed it does. White And Black. It does look very funny indeed indeed it does.*

Marcel Aymé

**O passa-paredes**

*Tradução de José Lima*

**Marcel Aymé**, nascido em 1902, na região do Jura francês, instala-se em Paris a partir de 1925, onde exerce os mais variados ofícios, enquanto escreve os seus primeiros livros. Em 1929, recebe o Prémio Renaudot pelo romance *La table aux crevés*, e a partir do sucesso alcançado por *La jument verte* (1933), dedica-se por inteiro à escrita. Aymé defende a provocação sistemática como único remédio contra a hipocrisia da sociedade, e não se priva de usar essa receita em obras como *Le Boeuf clandestin* (1939), *Travelingue* (1941), *Clérambard* (1950), *La Tête des autres* (1952). Noutro registo, pinta a mediocridade e o ridículo de um microcosmo cinzento, de personagens frustradas e solitárias, como o pequeno burocrata do conto que aqui se publica, extraído de *Le Passe Muraille* (Gallimard, 1947).

Havia em Montmartre, no terceiro andar do 75-A da Rua d'Orchamp, um excelente homem chamado Dutilleul que possuía o dom singular de passar através das paredes sem o menor incómodo. Usava lunetas, uma pequena barbicha preta, e era funcionário de terceira classe no Ministério dos Registos. No Inverno ia para o emprego de autocarro, e quando chegava o bom tempo fazia o trajecto a pé, sob o seu chapéu de coco.

Dutilleul acabara de entrar no quadragésimo-terceiro ano quando teve a revelação do seu poder. Certa noite, surpreendido no vestíbulo do pequeno apartamento de solteiro por uma curta falha de electricidade, pôs-se a tactear nas trevas e, assim que a corrente voltou, viu-se no patamar do terceiro andar. Como a porta estava fechada por dentro, o incidente fê-lo reflectir e, desafiando as objecções da razão, decidiu-se a entrar como tinha saído, passando através da parede. Esta estranha faculdade, que parecia não responder a nenhuma das suas aspirações, não deixou de o contrariar um pouco e, no sábado

seguinte, aproveitando a semana inglesa, foi ver um médico do bairro para lhe expor o caso. O médico pôde verificar ser verdade o que lhe dizia e, depois de o ter examinado, descobriu a causa do mal num endurecimento helicoidal do revestimento estrangular do corpo tiroideu. Receitou-lhe o excesso de trabalho e, à razão de dois comprimidos por ano, a absorção de pó de pireta tetravalente, mistura de farinha de arroz e de hormona de centauro.

Depois de tomar um primeiro comprimido, Dutilleul guardou o medicamento numa gaveta e não pensou mais no caso. Quanto ao excesso de trabalho, a sua actividade de funcionário regulava-se por usos que em nada se prestavam a qualquer excesso, e as horas livres, consagradas à leitura do jornal e à colecção de selos, tão-pouco o obrigavam a um imoderado dispêndio de energia. Ao fim de um ano, tinha pois mantido intacta a faculdade de passar através das paredes, mas nunca a utilizava, a não ser por inadvertência, sendo pouco dado a aventuras e refractário aos transportes da imaginação. Não lhe aflorava sequer a ideia de entrar em casa de outro modo que não fosse pela porta e só depois de devidamente aberta com intervenção da fechadura. Poderia talvez ter envelhecido na paz dos seus hábitos sem sentir a tentação de pôr à prova os seus dons, não fosse um acontecimento extraordinário ter vindo subitamente perturbar-lhe a existência. O Sr. Mouron, sub-chefe da repartição, chamado a outras funções, foi substituído por um tal Sr. Lécuyer, que tinha a palavra breve e um bigode à escovinha. Desde o primeiro dia, o novo sub-chefe não viu com bons olhos que Dutilleul usasse lunetas de corrente e barbicha preta, e tratava-o ostensivamente como uma velharia importuna e algo indecorosa. Mas o mais grave é que

se propôs introduzir no serviço reformas de uma certa envergadura e destinadas a perturbar a quietude do subordinado. Havia já vinte anos que Dutilleul começava as cartas pela fórmula seguinte: “Em referência à estimada carta de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> de tantos do corrente e tendo presente a nossa troca de correspondência anterior, tenho o prazer de informar V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>...” Fórmula essa que o Sr. Lécuyer entendeu substituir por outra com um ar mais americano: “Em resposta à sua carta de tantos do tal, temos a informar que...” Dutilleul não pôde acostumar-se a estes termos epistolares. Mau grado seu, voltava à sua maneira tradicional, com uma obstinação maquinal que lhe valeu a inimizade crescente do sub-chefe. A atmosfera do Ministério dos Registos tornava-se-lhe quase penosa. De manhã, dirigia-se para o trabalho aprensivo, e à noite, na cama, acontecia-lhe frequentemente ficar a meditar um quarto de hora inteiro antes de pegar no sono.

Desalentado por esta determinação retrógrada que comprometia o sucesso das suas reformas, o Sr. Lécuyer relegara Dutilleul para um cubículo meio às escuras, contíguo ao seu gabinete. Tinha por entrada uma porta baixa e estreita que dava para o corredor e que exibia ainda em letras maiúsculas a inscrição: Arrecadação. Dutilleul aceitara de ânimo resignado esta humilhação sem precedentes, mas em casa, ao ler no jornal o relato de um qualquer episódio sanguinolento, surpreendeu-se a imaginar o Sr. Lécuyer como sendo a vítima.

Um dia, o sub-chefe irrompeu pelo cubículo dentro empunhando uma carta e desatou aos berros:

— Volte-me a escrever esta porcaria! Volte-me a escrever esta porcaria inqualificável que desonra o meu Serviço!

Dutilleul quis protestar, mas o Sr. Lécuyer, a voz tonitruante, tratou-o de manga de alpaca rotineiro, e, antes de sair, amachucando a carta que tinha na mão, atirou-lha à cara. Dutilleul era modesto, mas tinha o seu brio. Ao ficar só no seu reduto, teve uma pontada de febre e, de repente, sentiu-se possuído pela inspiração. Levantando-se da cadeira, entrou na parede que separava o seu gabinete do do sub-chefe, mas com cautela, de maneira a que do outro lado emergisse apenas a cabeça. O Sr. Lécuyer, sentado à secretária, a caneta ainda nervosa, mudava uma vírgula no texto de um funcionário, apresentado para aprovação, quando ouviu tossir no gabinete. Levantando os olhos, descobriu com assombro indescritível a cabeça de Dutilleul, colada na parede como um troféu de caça. E a cabeça estava viva. Através das lunetas de corrente, dardejava sobre ele um olhar de ódio. E ainda por cima, a cabeça desatou a falar.

— O senhor — disse ela — é um patife, um grosseirão e um malandro.

Boquiaberto de horror, o Sr. Lécuyer não lograva desviar os olhos desta aparição. Finalmente, saltando do cadeirão, precipitou-se para o corredor e entrou a correr no cubículo. Dutilleul, de pena na mão, estava instalado no lugar habitual, numa atitude tranquila e laboriosa. O sub-chefe observou-o demoradamente e, após balbuciar umas palavras, voltou para o gabinete. Ainda mal se tinha sentado e a cabeça reaparecia na parede.

— O senhor é um patife, um grosseirão e um malandro.

Só durante esse dia, a temida cabeça apareceu vinte e três vezes na parede e depois, nos dias que se seguiram, a igual cadência. Dutilleul, que adquirira um certo à-vontade neste jogo, já não

se limitava a invectivar o sub-chefe. Proferia ameaças obscuras, clamando por exemplo com uma voz sepulcral, pontuada de risadas verdadeiramente demoníacas:

— Bicho-mau! Bicho-mau! Levas com um pau! (*risos*). Anda aí um arrepio a descornar o lacrau! (*risos*).

Ao ouvir isto, o pobre sub-chefe ficava um pouco mais pálido, um pouco mais sufocado, e os cabelos eriçavam-se-lhe na cabeça e corriam-lhe pelas costas horríveis suores de agonia. No primeiro dia, emagreceu meio-quilo. Na semana seguinte, além de começar a derreter a olhos vistos, apanhou o hábito de comer a sopa com o garfo e de fazer a continência aos polícias. Ao começar a segunda semana, uma ambulância foi buscá-lo a casa e levou-o para uma casa de saúde.

Dutilleul, liberto da tirania do Sr. Lécuyer, pôde voltar às suas queridas fórmulas: “Em referência à estimada carta de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> de tantos do corrente...” No entanto, sentia-se insatisfeito. Havia nele qualquer coisa que se insurgia, uma nova necessidade, imperiosa, que não era nada menos que a necessidade de passar através das paredes. É certo que o podia fazer facilmente, por exemplo em casa, e aliás não deixava de o fazer. Mas quem possui dons tão brilhantes não pode satisfazer-se durante muito tempo em exercê-los num objecto medíocre. Passar através das paredes, não podia aliás constituir um fim em si. É o ponto de partida de uma aventura, que pede um seguimento, uma sequência e, em suma, uma retribuição. Dutilleul compreendeu-o muito bem. Sentia uma necessidade de expansão, um desejo crescente de se realizar e de se ultrapassar, e uma certa nostalgia que era como que o apelo do outro lado da parede. Infeliz- **73**

mente, faltava-lhe um objectivo. Procurou inspiração na leitura do jornal, particularmente nas secções da política e do desporto, que lhe pareciam ser actividades dignas, mas apercebendo-se finalmente que não ofereciam qualquer saída para quem passa através das paredes, voltou-se para os casos do dia que se revelaram extremamente sugestivos.

O primeiro assalto que Dutilleul levou a cabo foi num grande estabelecimento de crédito da margem direita. Depois de atravessar uma dúzia de paredes e de divisórias, penetrou nos diversos cofres-fortes, encheu os bolsos de notas e, antes de se retirar, assinou a pilhagem a giz vermelho, com o pseudónimo de Bicho-Mau, com uma rubrica bastante bonita que no dia seguinte todos os jornais reproduziram. Passada uma semana, o nome de Bicho-Mau gozava de uma extraordinária celebridade. A simpatia do público ia sem reservas para o prestigioso assaltante que tão admiravelmente escarnecia da polícia. Todas as noites dava sinal de si com nova façanha levada a cabo em prejuízo ora de um banco, ora de uma joalharia ou de algum rico particular. Em Paris como na província, não havia nenhuma mulher um pouco sonhadora que não alimentasse o fervente desejo de pertencer de corpo e alma ao temível Bicho-Mau. Depois do roubo do famoso diamante de Burdigala e do assalto ao Crédito Municipal, realizados na mesma semana, o entusiasmo da multidão atingiu o delírio. O Ministro do Interior teve de se demitir, arrastando na queda o Ministro dos Registos. No entanto, Dutilleul, que se tornara num dos homens mais ricos de Paris, continuava a comparecer pontualmente na repartição e falava-se nele para receber os louros académicos. De manhã, no Ministério dos Registos, o seu maior prazer

**74** era escutar os comentários que os colegas fa-

ziam às façanhas da véspera. “Este Bicho-Mau”, diziam, “é um homem formidável, um super-homem, um génio.” Ouvindo tais elogios, Dutilleul corava de embaraço e, por trás da luneta de corrente, o olhar brilhava-lhe de amizade e reconhecimento. Um dia, esta atmosfera de simpatia fez com que se sentisse tão confiante que achou não poder manter o segredo por mais tempo. Com um resto de timidez, observou os colegas reunidos à volta do jornal que relatava o assalto ao Banco de França, e declarou num tom modesto: “Sabem, o Bicho-Mau sou eu.” Uma risada enorme e interminável acolheu a confiança de Dutilleul, a quem puseram, por troça, a alcunha de Bicho-Mau. À tarde, ao sair do Ministério, era objecto de incessantes piadas dos colegas e a vida parecia-lhe menos bela.

Alguns dias mais tarde, Bicho-Mau deixava-se apanhar por uma ronda nocturna numa joalharia da Rua de la Paix. Tinha deixado a sua assinatura no balcão e pusera-se a cantar uma canção de bêbados, estilhaçando várias vitrinas com uma taça em ouro maciço. Ter-lhe-ia sido fácil enfiar por uma parede e escapar desse modo à ronda nocturna, mas tudo leva a crer que queria ser preso e provavelmente com o único objectivo de espantar os colegas cuja incredulidade o deixara mortificado. Estes, com efeito, tiveram uma grande surpresa, quando os jornais do dia seguinte publicaram na primeira página a fotografia de Dutilleul. Lamentaram amargamente terem ignorado o camarada genial e prestaram-lhe homenagem deixando crescer uma pequena barbicha. Alguns, levados pelos remorsos e a admiração, tentaram mesmo deitar a mão à carteira ou ao relógio de estimação dos amigos e conhecidos.

Haverá certamente quem considere que o facto de se deixar apanhar pela polícia para **75**

deixar espantados alguns colegas revela uma grande leviandade, indigna de um homem excepcional, mas a mola aparente da vontade tem muito pouco a ver com uma tal determinação. Renunciando à sua liberdade, Dutilleul pensava ceder a um orgulhoso desejo de desforra, quando na verdade estava simplesmente a escorregar pela encosta do destino. Para um homem que atravessa paredes, não se pode falar de uma carreira de certa importância sem pelo menos uma vez ter passado pela cadeia. Assim que Dutilleul entrou na prisão da Santé ficou com a impressão de ser mimado pela sorte. A espessura das paredes era para ele um verdadeiro presente. Logo no dia a seguir à prisão, os guardas descobriram pasmados que o preso tinha espetado um prego na parede da cela e que nele pendurara um relógio em ouro pertença do director da prisão. Dutilleul não pôde ou não quis revelar como é que tal objecto entrara na sua posse. O relógio foi devolvido ao dono e, um dia depois, reencontrado à cabeceira do Bicho-Mau juntamente com o primeiro volume d' *Os Três Mosqueteiros* retirado da biblioteca do director. Além disso, os guardas queixavam-se de apanhar pontapés no traseiro, sem que pudessem explicar quem lhos dava. Era como se as paredes tivessem, já não ouvidos, mas pés. A detenção do Bicho-Mau durava há uma semana, quando o director da Santé, ao entrar de manhã no gabinete, encontrou em cima da mesa a carta seguinte:

“Senhor Director. Em referência à nossa conversa de 17 do corrente e tendo presente as instruções gerais de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> de 15 de Maio do ano passado, tenho o prazer de informar V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que acabo de terminar a leitura do segundo volume d' *Os Três Mosqueteiros* e que conto evadir-me esta noite entre as onze

**76** e vinte e cinco e as onze e trinta e cinco. Com

os protestos da minha elevada consideração, Bicho-Mau.”

Apesar da cerrada vigilância de que foi objecto essa noite, Dutilleul evadiu-se às onze e meia. Conhecida do público na manhã seguinte, a notícia suscitou por toda a parte um entusiasmo magnífico. Apesar de tudo, tendo levado a cabo um novo assalto que elevou ao cúmulo a sua popularidade, Dutilleul parecia pouco preocupado em se esconder e circulava em Montmartre sem a mínima precaução. Três dias após a sua evasão, foi preso na Rua Caulaincourt no Café do Sonho, pouco antes do meio-dia, quando bebia um vinho branco limão na companhia dos amigos.

Reconduzido à Santé e fechado a sete chaves numa masmorra sombria, Bicho-Mau escapou nessa mesma noite e foi dormir ao apartamento do director, no quarto de hóspedes. No dia seguinte pela manhã, por volta das nove horas, tocou a chamar a criada para lhe trazer o pequeno-almoço e deixou-se surpreender na cama, sem resistência, pelos guardas entretanto alertados. Ultrajado, o director mandou postar uma sentinela à porta da masmorra de Dutilleul e pô-lo a pão seco. Cerca do meio-dia, o preso foi almoçar a um restaurante vizinho da prisão e, depois de ter tomado o café, telefonou ao director.

— Está? Senhor Director, bem sei que é embaraçoso, mas há pouco, quando saí, esqueci-me de trazer a sua carteira, de maneira que me vejo num aperto aqui no restaurante. Quererá ter a bondade de mandar cá alguém pagar a conta?

O director acorreu em pessoa e exaltou-se ao ponto de proferir ameaças e injúrias. Ferido no seu orgulho, Dutilleul evadiu-se na noite seguinte para nunca mais voltar. Desta vez, tomou a precaução de cortar a barbicha preta e substituiu a **77**

luneta de corrente por óculos de tartaruga. Um boné desportivo e um fato aos quadrados grandes com calças de golfe remataram a transformação. Instalou-se num pequeno apartamento da Avenida Junot, para onde, antes de ser preso pela primeira vez, tinha mandado levar uma parte da mobília e os objectos de maior estimação. O brado da sua fama começava a cansá-lo e depois da passagem pela Santé, mostrava-se um pouco afectado quanto ao prazer de atravessar paredes. As mais espessas, as mais orgulhosas, pareciam-lhe agora meros biombos, e Dutilleul sonhava em mergulhar no âmago de alguma pirâmide compacta. Ao mesmo tempo que ia amadurecendo o projecto de uma viagem ao Egipto, levava uma vida das mais tranquilas, dividida entre a colecção de selos, o cinema e as demoradas passeatas por Montmartre. A sua metamorfose era tão completa que passava, glabro e de óculos de tartaruga, ao lado dos seus melhores amigos sem que o reconhecessem. Só o pintor Gen Paul, a quem não passava despercebida nenhuma mudança na fisionomia de um velho morador do bairro, acabara por desvendar a sua verdadeira identidade. Certa manhã em que se encontrou cara a cara com Dutilleul na esquina da Rua do Abreuvoir, não pôde impedir-se de lhe dizer no seu calão rude:

— Com que então, de albarda toda apinocada a ver se deixas à nora a judite — o que mais coisa menos coisa significa em linguagem corrente: estou a ver que te vestiste todo elegante para despistar os inspectores da judiciária.

— Ah! —murmurou Dutilleul. — Reconheste-me!

Isso perturbou-o e decidiu apressar a partida para o Egipto. Foi na tarde desse mesmo dia

**78** que se apaixonou por uma beldade loira com

quem se cruzou duas vezes na Rua Lepic com um quarto de hora de intervalo. Esqueceu imediatamente a colecção de selos e o Egipto e as pirâmides. Por seu turno, a loira tinha-o olhado com bastante interesse. Não há nada que diga tanto à imaginação das jovens de hoje como as calças de golfe e um par de óculos de tartaruga. Cheira a cineasta e faz sonhar com cocktails e noites californianas. Infelizmente, a beldade, soube-o Dutilleul por Gen Paul, estava casada com um homem brutal e ciumento. Este marido desconfiado, que aliás levava uma vida airada, deixava a mulher sozinha entre as dez da noite e as quatro da manhã, mas antes de sair tomava a precaução de encerrar no quarto, com duas voltas à chave, e todas as persianas fechadas com um cadeado. Durante o dia, vigiava-a de perto, chegando ao ponto de a seguir pelas ruas de Montmartre.

— Sempre ali debaixo dos faróis. É o género de traste que não admite que lhe deitem a luva à lambisgóia.

Mas o aviso de Gen Paul apenas serviu para inflamar Dutilleul. No dia seguinte, ao cruzar-se com a jovem na Rua Tholozé, ousou segui-la até uma leitearia e, enquanto ela esperava que a servissem, disse-lhe que a amava respeitosamente, que sabia tudo: o marido malvado, a porta à chave e as persianas, mas que nessa mesma noite estaria no quarto dela. A loira corou, a bilha de leite tremeu-lhe na mão, e, os olhos húmidos de meiguice, suspirou tenuemente: “Infelizmente, caro senhor, é impossível.”

Na noite desse dia radioso, por volta das dez horas, Dutilleul estava de sentinela na Rua Norvins e vigiava um robusto muro de vedação, atrás do qual se encontrava uma casita de que apenas conseguia ver o catavento e a chaminé. Abriu-

se uma porta no muro e um homem, depois de a ter fechado cuidadosamente à chave, desceu em direção à Avenida Junot. Dutilleul esperou até o ver desaparecer, muito ao longe, na curva da descida, e contou ainda até dez. E então atirou-se, entrou na parede com um passo atlético e, sempre a correr através dos obstáculos, penetrou no quarto da bela reclusa. Ela acolheu-o arrebatada e amaram-se até altas horas.

No dia seguinte, Dutilleul defrontou-se com a contrariedade de umas violentas dores de cabeça. A coisa não tinha importância e não seria por tão pouco que ia faltar ao encontro marcado. No entanto, tendo por acaso descoberto umas pastilhas espalhadas no fundo de uma gaveta, tomou uma pela manhã e outra à tarde. À noite, as dores de cabeça eram suportáveis e a excitação fê-lo esquecer-las. A jovem esperava-o com toda a impaciência que as recordações da véspera tinham despertado nela e amaram-se, dessa vez, até às três horas da manhã. Quando se ia embora, Dutilleul, ao atravessar as divisórias e as paredes da casa, teve a impressão de um arranhar desacostumado nas ancas e nos ombros. Porém, não lhe pareceu caso de maior. Aliás, foi só ao penetrar no muro de vedação que teve a nítida sensação de que lhe resistia. Tinha a impressão de se mover numa matéria ainda fluida, mas que se tornava pastosa e ganhava, a cada um dos seus esforços, maior consistência. Tendo conseguido enfiar o corpo todo na espessura da parede, apercebeu-se que não conseguia avançar mais e lembrou-se aterrorizado das duas pastilhas que tinha tomado durante o dia. Essas pastilhas, que pensara serem aspirina, continham na realidade o pó de pireta tetravalente receitado pelo médico um ano antes. O efeito do medicamento, crescendo ao excesso de actividade, manifestava-se daquele modo repentino.

Dutilleul estava como que paralisado no interior da parede. E ainda hoje lá está, incorporado na pedra. Os noctívagos que descem a Rua Norvins à hora em que o rumor de Paris se aquieta, ouvem uma voz abafada que parece vir do além-túmulo e que tomam pelo lamento do vento que assobia nos cruzamentos da Butte. É o Bicho-Mau Dutilleul que lamenta o fim da gloriosa carreira e se queixa dos amores demasiado breves. Certas noites de Inverno, pode acontecer que o pintor Gen Paul, sacando da sua guitarra, se aventure na solidão sonora da Rua Norvins para levar ao desgraçado prisioneiro a consolação de uma canção, e as notas, escapando-se dos dedos entorpecidos, penetram no coração da pedra como gotas de luar.



Margaret Atwood

**O homem de Marte**

*Tradução de Maria de Deus Duarte*

**Margaret Eleanor Atwood**, nascida em 1939 em Ottawa, no Canadá, estudou na Universidade de Toronto e em Harvard. Começou a escrever muito cedo, publicou um livro de poemas aos dezanove anos e *Double Persephone* em 1961. Obteve rapidamente o reconhecimento público e internacional com a publicação do seu primeiro romance, *The Edible Woman* (1969), seguido de muitas outras obras como *Surfacing* (1972), no qual se autonomizam os seus temas recorrentes, como a vitimização e a sobrevivência. Publicou ainda *Dancing Girls and Other Stories* (1977), de onde foi extraído o conto que publicamos, *Life Before Man* (1979), *Cat's Eye* (1989), *The Robber Bride* (1993), e finalmente, *The Blind Assassin* (2000), que ganhou o *Booker Prize*. Apesar de a crítica insistir na sua classificação como 'escritora feminista', Atwood tem sempre defendido a ideia de que os temas não têm este rótulo, nascendo antes da sua própria vivência numa sociedade que, a partir dos anos cinquenta, não podia deixar de veicular a libertação da mulher, as mudanças comportamentais dos dois sexos, a imagem do Outro, as causas anti-EUA, e o pensamento da esquerda liberal.

Há muito tempo, Christine ia a atravessar o parque. Ainda trazia o vestido de ténis; não tinha tido tempo para tomar duche e mudar de roupa, e o cabelo estava apanhado atrás com um elástico. O rosto, grande e vermelho, exposto sem uma franja que o suavizasse, parecia o de uma camponesa russa; mas sem o elástico o cabelo ia-lhe para os olhos. A tarde estava quente demais para Abril; os campos de ténis, interiores, estavam quentíssimos, sentia a pele a esquentar.

O sol tinha feito sair os velhos dos sítios onde passavam o Inverno: há pouco tempo lera uma história acerca de um que vivera três anos num buraco. Sentavam-se preguiçosamente nos bancos, ou deitavam-se na relva com as cabeças em cima de jornais velhos. As caras deles, esponjoisas e enrugadas, moviam-se sem pressa na sua direcção, conforme ela passava, atraídas pelo movimento do corpo; depois, voltavam-se novamente, desinteressadas.

Os esquilos também tinham saído, procurando alimento. Aproximaram-se dois ou três em pausas e corridas bruscas, de olhos fixos, esperançosos, focinhos de maxilares metidos para dentro, como

os das ratazanas, bocas abertas mostrando os dentes amarelecidos da frente. Christine andou mais depressa, não tinha nada para lhes dar. As pessoas não deviam dar-lhes comida, pensou; torna-os ansiosos e nunca mais nos largam.

Parou a meio do parque para tirar o casaco. Conforme se baixava para apanhar novamente a raqueta de ténis, alguém lhe tocou no braço agora descoberto. Christine raramente gritava; endireitou-se rapidamente, agarrando o cabo da raqueta. Mas, afinal, não era um dos velhos: era um rapaz de cabelo escuro, com cerca de doze anos.

— Desculpe — disse ele — procuro o edifício de Economia. É ali? — e apontou para oeste.

Christine olhou-o mais atentamente. Enganara-se: não era um miúdo, era apenas baixo. Mal lhe passava acima do ombro, mas também a altura dela era acima da média; “como uma estátua”, dizia a mãe quando se esforçava. Ele era também o que na família dela se descrevia como “uma pessoa de outra cultura”: oriental, sem dúvida, mas talvez não chinês. Christine pensou que devia ser um estudante estrangeiro e fez-lhe o sorriso oficial de boas vindas. Fora presidente do Clube das Nações Unidas no liceu; naquele ano a escola dela tinha sido escolhida para representar a delegação egípcia na sessão da Assembleia dos Jovens. Era uma nomeação impopular — ninguém queria ser os árabes — mas ela dera conta do recado. Fizera um discurso bastante bom sobre os refugiados palestinos.

— Sim — disse ela — é ali. Aquele com o telhado plano. Está a ver?

O homem sorria-lhe nervosamente o tempo todo. Usava óculos com armação de plástico transparente, através dos quais os olhos se esbugalhavam para ela, como se estivesse num aquário.

Não seguiu o gesto dela apontando o local. Em vez disso, estendeu-lhe um pequeno bloco de papel verde e uma esferográfica.

— Você fazer mapa — disse ele.

Christine pôs a raqueta no chão e desenhou um mapa pormenorizado. “Nós estamos aqui”, disse ela, articulando as palavras distintamente. “Vai por este lado. O edifício fica aqui”. E indicava o caminho com uma linha a tracejado e um X. O homem acercou-se, observando atentamente a feitura do mapa; cheirava a couve-flor cozida e a uma brilhantina de uma marca que não conhecia. Quando acabou, Christine devolveu-lhe o papel e a caneta, com um sorriso final.

— Espere — disse o homem. Tirou o pedaço de papel com o mapa do bloco, dobrou-o cuidadosamente e meteu-o no bolso do casaco. As mangas do casaco cobriam-lhe os pulsos e estavam desfiadas nas pontas. Começou a escrever qualquer coisa; ela reparou, com um leve sentimento de repulsa, que as unhas estavam de tal maneira roídas que as pontas dos dedos pareciam deformadas. Tinha os dedos azuis da tinta da esferográfica.

— Aqui está o meu nome — disse ele, mostrando-lhe o bloco.

Christine leu uma mistura estranha de Gs, Ys e Ns, muito bem escritos, em maiúsculas. “Muito obrigada!”, disse ela.

— Agora escreva *o seu* nome — disse ele, dando-lhe a caneta.

Christine hesitou. Se ele fosse uma pessoa da sua cultura, poderia pensar que estava a engatá-la. Mas as pessoas da cultura dela nunca tinham tentado engatá-la; era grande demais. O único que tinha tentado fora o criado marroquino do bar onde às vezes iam beber cerveja depois das reuniões, e tinha sido claro. Tinha-a simplesmente interceptado quando **87**

se dirigia para a casa de banho; perguntara, ela dissera que não; era tudo. Mas este homem não era um criado, mas sim um estudante; não queria ofendê-lo. Na cultura dele, qualquer que fosse, esta troca de nomes em pedaços de papel era provavelmente uma cortesia formal, como dizer obrigado. Aceitou a caneta.

— É um nome muito agradável — disse ele. Dobrou o papel e colocou-o no bolso do casaco que tinha o mapa.

Christine sentiu que fizera o seu dever. “Então adeus”, disse ela. “Muito prazer em conhecê-lo!” Dobrou-se para apanhar a raqueta de ténis, mas ele já o tinha feito e segurava-a com ambas as mãos, como um estandarte capturado.

— Eu levo isto por você.

— Oh, não, por favor. Não se incomode. Estou cheia de pressa — disse ela, articulando claramente as palavras. Sem a raqueta, sentia-se desarmada. Ele começou a andar indolentemente ao longo do caminho; agora não estava nada nervoso, parecia completamente à-vontade.

— *Vous parlez français?* — perguntou ele familiarmente.

— *Oui, un petit peu* — respondeu. — Não muito bem — Como é que lhe vou tirar a raqueta sem ser mal educada?, pensava.

— *Mais vous avez un bel accent* — Os olhos dele arregalavam-se por detrás das lentes: estaria a fazer-se a ela? Sabia muito bem que tinha uma pronúncia horrível.

— Olhe, — disse ela, revelando pela primeira vez impaciência — tenho realmente de ir. Dê-me a raqueta, faz favor!

Ele apressou o passo, mas não deu qualquer sinal de lhe devolver a raqueta. “Aonde é que vai?”

**88** — P’ra casa, — respondeu ela — para minha casa.

— Eu vou consigo agora — disse ele com confiança.

— *Não* — disse ela: tinha de ser firme com ele.

Fez um movimento brusco e agarrou a raqueta: depois de uma luta breve, soltou-a.

— Adeus — disse, voltando as costas à sua cara perplexa, e partindo num passo que esperava ser um meio-trote desanimador. Era como voltar as costas a um cão que rosna: não se deve mostrar que se está com medo. Porque havia de estar assustada? Tinha o dobro do tamanho dele, tinha a raqueta de ténis, ele não lhe podia fazer nada.

Apesar de não olhar para trás, sabia que ainda a seguia. Quem me dera um eléctrico, pensou, e lá vinha um, lá longe ainda, parado num semáforo vermelho. Ele apareceu ao lado dela, respirando audivelmente, logo depois de ela ter chegado à paragem. Olhou fixamente em frente, rígida.

— É minha amiga — disse ele, a medo.

Christine cedeu: afinal ele não tinha estado a tentar engatá-la, era um estrangeiro, queria apenas conhecer os habitantes; no lugar dele, teria feito a mesma coisa.

— Sim — disse ela, sorrindo-lhe.

— Que bom — disse ele. — O meu país fica muito longe.

Christine não conseguia pensar numa resposta adequada. “Interessante”, disse ela.

— *Très intéressant.*

Finalmente o eléctrico chegara; Christine abriu a carteira e tirou um bilhete.

— Agora vou consigo — disse ele. A mão dele agarrou-lhe o braço acima do cotovelo.

— Você... fica... *aqui* — disse Christine, resistindo ao impulso de gritar, fazendo pausas entre as palavras, como se estivesse a falar com um

surdo. Soltou a mão dele — não a agarrava com força e não podia competir com uns bícepes de tenista —, saltou do passeio para os degraus do eléctrico, ouvindo com alívio as molas a fechar as portas atrás de si. Lá dentro, e no quarteirão seguinte, permitiu-se olhar de relance por uma janela. Ele estava de pé onde o tinha deixado; parecia estar a escrever qualquer coisa no bloco.

Quando chegou a casa mal teve tempo para uma refeição ligeira, e mesmo assim quase chegava atrasada à sessão do Grupo de Debates. O assunto era: “Em discussão: A Guerra é Obsoleta”. O grupo dela ficou com a defesa e ganhou.

Christine saiu deprimida do último exame. Não era o exame que a deprimia, mas o facto de ter sido o último: significava o fim do ano lectivo. Foi até ao café, como era hábito, e depois foi para casa mais cedo pois parecia que não havia nada para fazer.

— És tu querida — perguntou a mãe da sala de estar. Devia ter ouvido a porta da frente a fechar. Christine entrou e afundou-se no sofá, estragando o primoroso arranjo das almofadas.

— Como correu o exame, querida? — perguntou-lhe a mãe.

— Bem — respondeu Christine, monocórdica. Correrá bem: tinha passado. Sabia que não era uma aluna brilhante, era conscienciosa. Os professores escreviam sempre nos trabalhos individuais frases como “Ensaio sério” e “Bem pensado, mas talvez com falta de *élan*”; davam-lhe *bom*, e, de vez em quando, um *bom mais*. Estava a estudar Ciências Políticas e Economia e esperava arranjar um emprego no Estado depois do curso; com os conhecimentos do pai tinha boas possibilidades.

**90** — Ainda bem.

Christine viu, ressentida, que a mãe tinha apenas uma vaga ideia do que era um exame. Estava a pôr gladiolos numa jarra. Tinha luvas de borracha para proteger as mãos, como usava sempre que estava a fazer o que chamava “a lida da casa”. Na opinião de Christine, a lida da casa consistia em fazer arranjos de flores: narcisos com tulipas, jacintos e gladiolos, lírios e rosas, até às sécias e despedidas-de-verão. Às vezes cozinhava, de forma elegante e a vapor, mas considerava-o um passatempo. A rapariga fazia todo o resto. Christine achava vagamente pecaminoso ter uma rapariga. Agora, as únicas disponíveis ou eram estrangeiras ou estavam grávidas; as caras delas normalmente sugeriam que se estavam a aproveitar delas de algum modo. Mas a mãe pergantara se poderiam fazer outra coisa; ou elas teriam de ir para um Lar, ou ficar nos países de origem, e Christine tinha de concordar que se calhar até era verdade. Era difícil, contudo, discutir com a mãe. Era tão delicada, com um ar tão composto, que um sopro mais forte faria estalar o verniz.

— Hoje telefonou um jovem interessante — disse a mãe. Tinha acabado os gladiolos e tirava as luvas de borracha. — Pediu para falar contigo, e, quando eu disse que não estavas, conversámos um bocadinho. Não me tinhas falado dele, querida —. Pôs os óculos que trazia numa corrente decorativa à volta do pescoço, um sinal de que se sentia mais moderna e inteligente do que com a sua disposição antiquada e caprichosa.

— Disse quem era? — perguntou Christine. Conhecia uma série de rapazes, mas raramente lhe telefonavam; falavam do que tinham a falar com ela no café, ou depois das reuniões.

— É uma pessoa de outra cultura. Disse que voltava a telefonar.

Christine teve de pensar um pouco. Dava- **91**

se vagamente com pessoas de outras culturas, britânicos sobretudo; eram do Grupo de Debates.

— Estuda Filosofia em Montreal — disse a mãe rapidamente. — Parecia francês.

Christine começou a recordar-se do homem do parque.

— Acho que não é bem francês — disse.

A mãe tirara de novo os óculos, ajeitando distraidamente um gladiolo tombado. “Bom, parecia francês”. Meditava, com as flores na mão. “Era simpático convidá-lo para um chá...”

A mãe de Christine fazia o que podia. Tinha mais duas filhas, que se pareciam com ela. Eram muito bonitas; uma já tinha casado bem e a outra não teria quaisquer problemas. As amigas consolavam-na acerca de Christine dizendo: “Ela não é gorda, tem os ossos largos, sai ao pai” e “A Christine é tão saudável!” As outras filhas nunca se tinham envolvido em actividades quando andavam a estudar, mas já que Christine nunca poderia ser bela, mesmo que emagrecesse, era bom que fosse politicamente empenhada e atlética, com interesses; a mãe tentara, sempre que possível, encorajar os interesses dela. Christine percebia quando ela estava a fazer um esforço adicional, havia uma ponta de censura na voz.

Sabia que a mãe esperava dela entusiasmo, mas não podia mostrá-lo. “Não sei, logo se vê”, respondeu indecisa.

— Pareces cansada, querida — disse a mãe. — Não queres um copo de leite?

Christine estava na banheira quando o telefone tocou. Não era levada por fantasias, mas quando estava na banheira fingia muitas vezes que era um golfinho, uma brincadeira que lhe deixara por uma das raparigas que lhe dava banho em pequena.

**92** Na entrada a mãe falava numa voz bem tim-

brada, amável; depois ouviu-se uma pancadinha na porta.

— Christine, é aquele simpático estudante francês — disse a mãe.

— Diz-lhe que estou na banheira — respondeu-lhe Christine, mais alto do que era preciso. — Ele não é francês.

Ouviu a mãe franzir a testa. “Seria falta de educação, Christine! Não sei se ele entenderia”.

— Está bem! — disse. Levantou-se e saiu da banheira, limpou o corpanzil cor-de-rosa a uma toalha e chapinhou até ao telefone.

— Está lá? — disse de mau humor. À distância, ele não era patético, era uma maçada. Não imaginava como é que a tinha localizado: provavelmente fora na lista, telefonando para todos os números com o apelido dela até acertar.

— É o seu amigo.

— Eu sei — respondeu. — Como está?

— Estou ótimo. — Houve uma longa pausa durante a qual Christine teve uma vontade danada de dizer “Bem, então adeus!”, e desligar; mas apercebeu-se da figura da mãe, parada à porta do quarto dela com pose de figurino. Então ele disse:

— Espero que também esteja ótima.

— Estou — disse Christine. Não ia colaborar.

— Vou aí lanchar — disse ele.

Christine foi apanhada de surpresa.

— Vem?

— Sua simpática mãe convidou-me. Vou quinta-feira, quatro horas.

— Ah! — disse Christine, desagradável.

— Então até lá — disse ele, com o orgulho evidente de quem tinha dominado um idioma difícil.

Christine pousou o auscultador e atravessou a entrada. A mãe estava no escritório, inocentemente sentada à secretária.

— Convidou-o para lanchar na quinta-feira?

— Não propriamente, querida — disse a mãe. — Mas mencionei, de facto, que ele poderia cá vir tomar chá...

— Bem, ele vem na quinta-feira, às quatro.

— Qual é o problema? — perguntou a mãe serenamente. — Penso que é um gesto muito simpático da nossa parte. Realmente, podias colaborar mais um bocadinho. — Estava satisfeita consigo mesma.

— Já que o convidou, — disse Christine — também pode muito bem ficar por cá, bolas!, e ajudar a recebê-lo. Não quero ficar a fazer gestos bonitos sozinha.

— Christine, *querida* — disse a mãe, longe de ficar ofendida. — Devias vestir um robe, vais apanhar um resfriado.

Depois de ter estado uma hora amuada, Christine tentou imaginar o lanche como uma mistura de um exame e uma reunião de executivos: não era agradável, certamente, mas tinha que ser levado a bom termo, o mais diplomaticamente possível. E *era* uma atitude simpática. Quando os bolos que a mãe encomendara na *The Patisserie* chegaram na quinta-feira de manhã, começou a sentir-se ligeiramente festiva; decidiu até pôr um vestido, dos bons, em vez de saia e blusa. No fim de contas não tinha nada contra ele, excepto a lembrança do modo como agarrara a raqueta de ténis e depois o braço. Afastou a rápida e impossível imagem dela fugindo, ao ser perseguida à volta da sala de estar, atingindo-o com as almofadas do sofá e as jarras com gladiólos; apesar disso, deu instruções à rapariga para um chá no jardim. Seria óptimo para ele e havia

Suspeitara que a mãe se esquivaria ao chá, e arranjaria forma de estar de saída exactamente quando ele chegasse; desse modo poderia avaliá-lo e deixá-los depois sozinhos. Já lhe tinha feito coisas assim: a desculpa desta vez era a Comissão Sinfónica. Mesmo a propósito, a mãe não sabia onde tinha as luvas, encontrando-as com um fingido murmúrio de alegria justamente quando a campainha tocou. Christine reteve durante semanas a imagem da mãe de queixo caído, recompondo-se impecável enquanto ela o apresentava: não era exactamente o potentado estrangeiro que o seu espírito optimista e frágil como um véu, tinha concebido.

Vinha preparado para festejar. Tinha alisado tanto o cabelo com brilhantina que parecia ter na cabeça um bóne, e tinha cortado os fiapos das mangas do casaco. A gravata laranja era de couro preto. Christine reparou, no momento em que ele apertava a mão da mãe com a luva branca, que ela rapidamente calçara, que a tinta da esferográfica nos dedos dele era indelével. O rosto estava radiante, provavelmente anteendo as delícias que lhe estavam reservadas; trazia uma máquina fotográfica a tiracolo e fumava um cigarro com um cheiro exótico.

Christine levou-o até ao jardim pela sala de estar fresca, suavemente decorada com flores, através das portas envidraçadas “Sente-se aqui”, disse. “Vou dizer à rapariga que traga o chá”.

A rapariga era das Antilhas. Os pais de Christine tinham ficado encantados com ela quando lá tinham estado no Natal e trouxeram-na com eles. Depois disso ficara grávida, mas a mãe de Christine não a tinha despedido. Disse que estava um pouco desapontada, mas também o que é que se podia esperar, e não via realmente nenhuma diferença entre uma rapariga que já estava grávida quando a contrataram e uma

que engravidara depois. Orgulhava-se de ser tolerante; e também havia muita falta de raparigas. Estranhamente, pouco a pouco, tornou-se mais difícil lidar com ela. Ou não partilhava o ponto de vista da mãe de Christine acerca da generosidade dela, ou sentia que conseguira levar alguma coisa avante, e era portanto livre de a desrespeitar à vontade. A princípio, Christine tentara tratá-la como igual. “Não me chame ‘Menina Christine’”, dissera, imitando um riso leve de alegre camaradagem. “Então quer que lhe chame?”, respondera a rapariga, mal-humorada. Tinham começado a ter breves discussões exaltadas na cozinha, que Christine decidiu serem como discussões entre uma criada e outra: a atitude da mãe perante ambas era semelhante, não a satisfiziam, mas era o que se arranjava.

Os bolos, brilhantes da cobertura açúcar, numa travessa, e o bule estavam prontos. No contador, a chaleira eléctrica fervia. Christine ia buscá-la, mas a rapariga, até aí sentada com os cotovelos em cima da mesa da cozinha e olhando para ela sem expressão, precipitou-se bruscamente e interceptou-a. Christine esperou até ela ter deitado a água no bule. Depois disse-lhe: “Eu levo, Elvira”. Acabara de decidir que não queria que ela visse a gravata cor de laranja da visita; sabia que aos olhos da rapariga a posição dela tinha sofrido, porque ainda ninguém tinha tentado engravidá-la a ela.

— Para que é que acha que me pagam, Menina Christine? — disse a rapariga insolentemente. Bambleou-se até ao jardim com o tabuleiro; Christine seguiu-a, sentindo-se grandona e desajeitada. A rapariga era pelo menos tão grande como ela, mas de uma forma diferente.

— Obrigada, Elvira — disse Christine, quando ela pousou o tabuleiro. A rapariga saiu sem uma palavra; olhando para trás, lançou uma olhadela desdenhosa às mangas do casaco, aos dedos com

tinta. Christine estava agora decidida a ser particularmente amável com ele.

— São muito ricos! — disse ele.

— Não, — protestou Christine, abanando a cabeça — não somos nada! — Nunca tinha pensado que a sua família era rica; uma das frases feitas do pai era que ninguém enriquecia a trabalhar no Governo.

— Sim! — repetia ele. — São muito ricos! — Estava sentado na cadeira de jardim, olhando pasmado à sua volta.

Christine pousou a chávena em frente dele. Não costumava dar muita atenção à casa e ao jardim; não eram nada de especial, estavam longe de ser os maiores da rua; e eram outros a cuidar deles. Mas naquele momento olhou para onde ele estava a olhar e viu tudo de uma perspectiva diferente: as grandes áreas, as flores dos canteiros, ardentes ao sol do princípio de Verão, o pátio de lajes e os carreiros, os muros altos e o silêncio.

O olhar dele deteve-se no rosto dela, suspirando. “O meu Inglês não é bom”, disse, “mas estou melhor”.

— Pois está — disse Christine, assentindo e encorajando-o.

Bebia o chá em golinhos rápidos e suaves, como se tivesse medo de fazer mal à chávena. “Gosto de ficar aqui”.

Christine passou-lhe os bolos. Só tirou um, e fez uma leve careta ao comê-lo; mas bebeu várias chávenas de chá enquanto ela acabava com os bolos. Conseguiu descobrir que ele estava ali com uma bolsa de uma Igreja — não percebeu qual — e estudava Filosofia ou Teologia, talvez ambas. Estava disposta a ser afável com ele: tinha-se portado bem, não lhe tinha causado nenhum incómodo.

O bule estava finalmente vazio. Ele sentou-se muito direito na cadeira, como se tivesse **97**

sido chamado por um gongo inaudível. “Olhe para aqui, por favor!”, disse. Christine viu que tinha posto a minúscula máquina fotográfica no relógio de sol de pedra que a mãe dela expedira de Inglaterra dois anos antes. Queria tirar-lhe uma fotografia. Ela sentiu-se lisonjeada e fez pose mantendo o sorriso.

Ele tirou os óculos e colocou-os ao lado do prato. Por um breve instante, viu-lhe os olhos, desprotegidos e míopes, cheios de algo trémulo e confiante a que ela não queria nem abrir-se, nem conhecer. Depois afastou-se e fez qualquer coisa à máquina, de costas voltadas para ela. Logo a seguir, estava agachado com um braço à volta da cintura dela, até onde chegava, e a outra mão cobrindo as mãos que ela cruzara no colo, com a bochecha esmagada contra a dela. Ficou demasiado surpreendida para se mexer. A máquina disparou.

Levantou-se imediatamente e voltou a pôr os óculos, que brilhavam agora num triunfo triste. “Muito obrigado, Menina”, disse-lhe. “Agora vou”. Voltou a pendurar a máquina ao ombro, pondo-lhe a mão por cima para lhe segurar a tampa e evitar que algo escapasse. “Eu mandar para a minha família. Vão gostar”.

Antes de Christine ter recuperado, já ele estava fora do portão, desaparecendo; então riu-se. Tivera medo de que a atacasse, tinha de admitir, e fizera-o, mas não da forma normal. Violara-a, *rapeo, rapere, rapui, por agarrar e levar* não a ela mas a sua imagem de celulóide, e, sem querer, a do serviço de chá em prata, que brilhava de escárnio quando a rapariga veio buscá-lo, levando-o majestosa, com a dignidade de quem transporta as insígnias ou as jóias da Coroa.

Christine passou o Verão como nos três anos anteriores: era instrutora de vela num campo de férias só para raparigas, no parque nacional de Algonquin. Já lá tinha acampado, tudo lhe era familiar;

praticamente, era melhor a fazer vela do que a jogar ténis.

Na segunda semana recebeu uma carta dele, com selo de Montreal e reenviada da casa dela. Estava escrita em maiúsculas numa das folhas do papel verde, duas ou três frases. Começava com “Espero que esteja bem”, depois descrevia o tempo em monossílabos e terminava com “Estou bem”. Assinara “O seu amigo”. Todas as semanas recebia uma carta daquelas, mais ou menos iguais. Numa, vinha uma fotografia a cores: ele, ligeiramente vesgo, com um sorriso rasgado, muito mais escanzelado do que ela se lembrava, num fundo de cortinados apanhados e folhos, flores explodindo à volta deles como petardos; uma das mãos dele era uma mancha equívoca em cima do colo dela, a outra ficara fora da vista; na cara dela havia espanto e indignação, como se ele lhe estivesse a espetar no traseiro o polegar que não se via.

Respondeu à primeira carta, mas depois as mais velhas começaram os treinos para as corridas. Ao fazer as malas de regresso a casa no fim do Verão, deitou fora as cartas todas.

Já tinha voltado há várias semanas quando recebeu outra das tais cartas verdes. Desta vez, trazia a morada do remetente escrita no topo e Christine reparou, com um mau pressentimento, que era na sua própria cidade. Todos os dias estava à espera que o telefone tocasse; estava tão convencida de que a primeira tentativa de contacto seria uma voz sem corpo, que quando ele apareceu inesperadamente no meio do campus, apanhou-a desprevenida.

— Como está?

O sorriso era o mesmo, mas todo o resto tinha piorado. Estava, se isso era possível, ainda mais magro; das mangas do casaco tinha brotado uma

nova colheita de fiapos viçosos, como se se destinassem a esconder as mãos que agora, de tão roídas, pareciam ter sido comidas pelos ratos. O cabelo caía-lhe para os olhos, sem brilhantina, comprido; na face encovada, um delicado triângulo de pele esticada sobre os ossos, os olhos saltavam detrás das lentes como os dos peixes no anzol. Tinha uma ponta de cigarro ao canto da boca e enquanto caminhavam acendeu com ela um outro.

— Estou bem — disse Christine. Pensava: não vou voltar a envolver-me, já chegou. Já tive a minha dose de internacionalismo. — Como está?

— Vivo aqui agora — disse ele. — Talvez estude Economia.

— Que bom. — Mas, não parecia matriculado em nada.

— Vim para a ver.

Christine não entendeu se ele queria dizer que tinha saído de Montreal para estar perto dela, ou se apenas queria ir visitá-la lá a casa, como tinha feito na Primavera; de qualquer modo, ela recusava comprometer-se. Estava em frente do edifício de Ciências Políticas e disse: “Vou ter uma aula aqui. Adeus!” Apercebeu-se de que estava a ser insensível, mas, no fim de contas, um golpe certo era mais piedoso, era o que diziam as suas belas irmãs.

Depois percebeu que fora estupidez ter deixado que ele soubesse onde eram as aulas. Mas, afinal, no exterior de cada um dos edifícios, estava afixado um horário: ele só tinha que vigiá-la, registando em letras maiúsculas no bloco verde todos os passos prováveis. A partir daquele dia nunca mais a deixou em paz.

A princípio, esperava que ela saísse dos anfiteatros. Primeiro, ela dizia-lhe um olá breve e continuava a andar, mas isso não resultou; ele seguia-a a uma certa distância, com o seu sorriso inalterável. Depois, **100** deixou de lhe falar de todo e fingia, mas não fa-

zia qualquer diferença, ele seguia-a na mesma. O facto de ter, de certa maneira, medo dele — ou seria apenas embaraço? — parecia até encorajá-lo. Os amigos começaram a reparar, perguntando-lhe quem era e por que andava sempre colado atrás dela; mal sabia responder-lhes, pois também não sabia porquê.

À medida que os dias passavam e ele não mostrava sinais de desistir, começou por ir a trote para as aulas e, finalmente, a correr. Ele não se cansava e tinha um fôlego espantoso para alguém que fumava tanto: acelerava quando ela o fazia, mantendo igual a distância entre eles, como se fosse um brinquedo de puxar, ligado a ela por um cordel. Christine percebia o espectáculo ridículo que deviam dar, atravessando a galope os recintos da universidade, como saídos de uma banda desenhada, um elefante pesadão posto em debandada por um ratinho sorridente e magricelas, ambos presos pelo padrão clássico da fuga e perseguição cómicas; mas a corrida punha-a menos nervosa do que andar calmamente a sentir um arrepio na nuca, com a sensação daqueles olhos postos nela. Ao menos, assim, usava os músculos. Melhorou rotinas e formas de escapar: no café, precipitava-se para a porta da casa de banho das senhoras, saía pelas traseiras, e ele perdia-lhe o rasto; até descobrir a outra entrada. Tentava despistá-lo com desvios por passagens interiores e corredores confusos, mas ele parecia conhecer tão bem aqueles labirintos arquitectónicos como ela. Como último refúgio, disparava para o dormitório feminino e observava em segurança a **cena** em que a voz austera da recepcionista o fazia parar, derrapando: os homens não podiam passar da entrada.

O almoço tornou-se difícil. Normalmente, estava sentada com outros membros do Grupo de Debates comendo calmamente a sua sandes, quando ele aparecia de repente, como se tivesse saído de um **101**

buraco invisível. Podia então escolher entre desatar a correr aos ziguezagues no meio do refeitório cheio de gente, de sandes meio comida, ou acabar de almoçar, com ele em pé por detrás da cadeira, com toda a gente constringida, e a conversa, forçada, a esmorecer. Os amigos aprenderam a topá-lo à distância; postaram sentinelas. “Aí vem ele!”, sussurravam, ajudando-a a juntar as coisas, preparando a corrida veloz que já sabiam que viria a seguir.

Por vezes, fartava-se de correr e voltava para o confrontar. “Que é que você quer?”, perguntava, chispando, olhando-o de cima a baixo, agressiva, quase cerrando os pulsos; tinha vontade de o abanar, de lhe bater.

— Gostava de falar consigo.

— Aqui me tem — dizia. — Quer falar de quê?

Mas ele não dizia nada; ficava parado em frente dela, ora num pé ora noutro e sorrindo, como quem pede desculpa (apesar de nunca ter definido o significado exacto daquele sorriso de lábios comidos e abertos sobre uns dentes amarelados da nicotina, elevando-se nos cantos, carne em pose rígida para um fotógrafo invisível), os olhos saltando de um lado para o outro da cara dela, como se a visse aos bocados.

Apesar de ser aborrecida e monótona, a perseguição teve um resultado estranho: misteriosa em si mesma, tornava-a igualmente misteriosa. Nunca ninguém a considerara misteriosa. Para os pais, era apenas uma gorducha musculosa e com peso a mais, marrona, com falta de intuição, normal como o pão de todos os dias. Para as irmãs era a feiosa, tratada com uma indulgência que não se permitiam entre elas: não a temiam como rival. Para os rapazes amigos era aquela em quem se podia confiar. Muito trabalhadora, útil, sempre pronta para um jogo de ténis contra os

**102** que eram atletas da modalidade. Convidavam-

na para ir beber uma cerveja para poderem ficar no bar na zona das senhoras, mais limpa e apetecível, sabendo de antemão que, na rodada, ela pagaria o que bebera. Em momentos de tensão, confidenciavam-lhe os problemas com as mulheres. Não tinha nada de interessante nem de desonesto.

Christine sempre concordara com estas apreciações. Durante a infância tinha-se identificado com a falsa noiva e a irmã feia: sempre que uma história começava com “Era uma vez uma menina, que era tão bela quanto boa...”, sabia que não era ela. Era assim mesmo, e não era assim tão mau. Os pais nunca tinham esperado que tivesse um sucesso brilhante em sociedade, e não ficavam muito desapontados quando realmente não o era. Fora poupada às tramas, à ansiedade e às expectativas que observava entre as outras jovens da sua idade, e tinha até uma espécie de posição especial entre os homens: era uma excepção, não cabia em nenhuma das categorias que usavam quando falavam de mulheres — não era uma sonsa; nem provocadora; nem para a cama; nem cabra; ela era uma pessoa de bem. Acabara por partilhar o desprezo deles pela maioria das mulheres.

Mas agora havia alguma coisa nela que não sabiam explicar. Um homem perseguia-a, um tipo especial de homem, é certo, mas ainda assim, um homem que se sentia sem dúvida atraído por ela e que não a deixava em paz. Alguns examinavam-na agora muito mais atentamente do que alguma vez tinham feito, avaliando-a, tentando descobrir o que seria que aqueles olhos cintilantes de vidrinhos viam nela. Começaram a convidá-la para sair, apesar de regressarem dessas excursões com a curiosidade insatisfeita, o segredo do encanto dela ainda intacto. Para eles, o rosto opaco e redondo como uma maçã e o contorno sólido de um corpo de urso tornaram-se parte de um enig-

ma que ninguém sabia decifrar. Christine pressentia-o. Na banheira, nunca mais imaginou que era um golfinho; pelo contrário, imaginava que era uma ninfa esquiva ou, às vezes, em momentos de audácia, a Marilyn Monroe. A perseguição diária estava a tornar-se um hábito; até já a desejava. Para além dos outros benefícios, estava a perder peso.

Nessas semanas ele nunca lhe telefonara ou aparecido lá em casa. No entanto, era capaz de ter pensado que as suas táticas não estavam a dar o resultado esperado, ou talvez se apercebesse de que ela estava a ficar maçada. O telefone começou a tocar bem cedo ou muito tarde à noite, quando tinha a certeza de que ela estava. Às vezes, só respirava (ela sabia reconhecer o tipo de respiração dele, ou pensava que era capaz disso), e, nesse caso, desligava. De vez em quando, repetia que queria falar com ela; mas, mesmo quando lhe dava montes de tempo, não se seguia mais nada. Depois, ele ampliou o raio de acção: via-o no eléctrico, sorrindo silencioso a pelo menos três lugares de distância dela; pressentia-o seguindo-a a descer a rua onde vivia, apesar de que, se ela quebrasse a decisão de não lhe ligar nenhuma e desse uma espreitadela para trás, não o via, ou apanhava-o a esconder-se atrás de uma árvore ou sebe.

Durante o dia, ou no meio de muita gente, nunca sentira realmente medo dele; era mais forte e ultimamente ele não tinha feito qualquer tentativa para lhe tocar. Mas os dias tornavam-se cada vez mais curtos e frios, era quase Novembro. Chegava muitas vezes a casa ao lusco-fusco, ou na escuridão apenas quebrada pelo fraco alaranjado dos candeeiros. Deixava-se ficar a empreender na possibilidade de navalhas, facas, pistolas: se ele arranjasse uma arma, podia num instante ficar em vantagem sobre ela. Evitava usar lenços

**104** ao pescoço, recordando as histórias dos jornais

sobre raparigas que tinham sido estranguladas com eles. Calçar as meias de manhã dava-lhe uma sensação estranha. O corpo parecia ter diminuído, ter-se tornado mais pequeno que o dele.

Seria louco, seria um tarado sexual? Parecia tão inofensivo, mas era exactamente esse o tipo dos que muitas vezes ficavam doidos varridos. Compunha a cena em que aqueles dedos cobertos de farrapos se atiravam à garganta e lhe rasgavam as roupas, apesar de não conseguir imaginar-se a gritar. Carros parados, os arbustos perto da casa, os acessos de cada um dos lados, transformaram-se; de cenário apagado a que nunca dera importância, passavam a palco sinistro e cheio de sombras onde todos os pormenores eram bem rígidos e distintos: eram lugares onde um homem poderia esconder-se, agachando-se, e saltar. E apesar disso, de cada vez que o via à claridade da manhã ou à luz da tarde (pois ele continuava com os velhos métodos de perseguição), aqueles olhos fugidios e o casaco gasto convenciam-na de que era ela quem o atormentava, era ela a perseguidora. De certa forma, era responsável; das pregas e fendas do corpo que tratara durante tanto tempo como uma máquina perfeita, emanava agora, contra a sua vontade, um cheiro potente e invisível, como o de fêmea ou de cães com cio, que o impedia de deixar de a perseguir.

A mãe, que andava demasiado ocupada com os inevitáveis divertimentos de Outono para prestar atenção ao número de chamadas que Christine recebia, ou às queixas da rapariga acerca de um homem que desligava sem falar, **anunciou** que ia viajar até Nova Iorque e passar lá o fim de semana. Christine entrou em pânico: via-se na banheira com a garganta cortada, o sangue jorrando do pescoço e correndo numa pequena espiral pelo ralo (pois nesta altura acreditava que ele era capaz de passar pelas paredes e estar em qual- **105**

quer lado ao mesmo tempo). A rapariga não faria nada para a socorrer; até poderia ficar em frente da porta da casa de banho olhando, de braços cruzados. Christine combinou ir passar o fim de semana a casa da irmã casada.

Quando regressou no domingo à noite encontrou a rapariga quase histérica. Contou-lhe que no sábado à noitinha tinha ido correr as cortinas das portas envidraçadas e dera com uma cara estranhamente contorcida contra os vidros, uma cara de homem, olhando-a do jardim, embasbacado. Dizia que tinha desmaiado e que quase tinha tido o bebé um mês mais cedo, mesmo ali na tapete da sala. Depois tinha chamado a Polícia. Quando chegara, já ele se tinha ido embora, mas ela reconhecera-o, daquela tarde do chá; informara-os de que era um amigo de Christine.

Segunda-feira à noite apareceram dois polícias para fazer a investigação. Foram muito educados, sabiam quem era o pai dela. O pai cumprimentou-os caloroso; a mãe adejava de um lado para o outro, agitando nervosamente as mãos de porcelana, para que percebessem como era frágil e como estava preocupada. Não gostava nada de os ter na sala, mas eram necessários.

Christine teve de admitir que ele andara a segui-la. Ficou aliviada por ter sido descoberto, e aliviada também por não ter sido ela a queixar-se, embora ele fosse um cidadão nacional, já teria chamado a Polícia há muito tempo. Repetia que não era perigoso e que nunca lhe tinha feito mal.

— Esses não fazem mal — disse um dos polícias. — Só matam. Tem sorte em não estar morta.

— Malucos — disse o outro.

A mãe propõe uma explicação, dizendo que o problema com as pessoas das outras culturas era

**106** o facto de nunca se poder dizer se eram normais,

ou loucos, porque os costumes eram muito diferentes. O polícia concordou com ela com deferência mas também com condescendência, como se ela fosse uma imbecil de sangue real, que não pudesse ser contrariada.

— Sabe onde é que ele vive? — perguntou o primeiro polícia. Há muito que Christine deitara fora a carta com a morada dele; abanou a cabeça.

— Então temos de o apanhar amanhã — disse. — Acha que o pode entreter falando com ele cá fora, caso esteja à sua espera?

Depois de a interrogarem, falaram na entrada com o pai, em voz baixa. Ao levar as chávenas do café, a rapariga afirmou que se não o prendessem ela se ia embora, não queria apanhar novamente um susto de morte, como daquela vez.

No dia seguinte, quando Christine saiu da aula de História Moderna, lá estava ele, mesmo em cima da hora. Pareceu intrigado quando ela não desatou a correr. Ela aproximou-se dele, o coração a bater da traição e da perspectiva de liberdade. O corpo retomou o tamanho normal: sentiu-se uma gigante, controlada, invulnerável.

— Como está? — perguntou, sorrindo abertamente.

Ele olhou para ela com desconfiança.

— Como tem passado? — arriscou novamente. Aquele seu sorriso permanente murchou; deu um passo atrás.

— É este? — perguntou o polícia, saltando subitamente de trás de um painel com avisos e anúncios, como aquele polícia do *Keystone Cop*, deitando uma mão eficiente ao ombro do casaco gasto. Os outros polícias ficaram ao fundo, indolentes; não era necessário usar a força.

— Não lhe *façam* nada! — pediu ela quando o levaram. Disseram que sim com a cabeça, **107**

fazendo um sorriso forçado, respeitoso, trocista. Ele parecia saber perfeitamente quem eles eram e o que queriam.

O primeiro polícia telefonou ao fim da tarde para fazer o relatório. O pai falou com ele, jovial e superior. Ela estava agora fora do jogo; tinha sido protegida, o seu papel terminara.

— O que é que lhe *fizeram*? — perguntou ansiosa, assim que ele voltou à sala de estar. Não sabia bem o que se passava nas esquadras.

— Não lhe fizeram nada — respondeu, divertido com a preocupação dela. — Podiam fazer uma participação por assédio e perseguição, e queriam saber se eu queria apresentar queixa. Mas não vale a pena ir a tribunal. Ele tem um visto que só o autoriza a permanecer no país para estudar em Montreal, por isso disse-lhes que o recambiassem para lá. Se voltar a aparecer aqui, deportam-no. Foram à casa onde estava hospedado, tinha dois meses de renda em atraso, e a senhoria disse-lhes que estava mesmo para o pôr fora. Pareceu satisfeito por lhe pagarem as rendas e um bilhete de combóio grátis para Montreal. — Fez uma pausa. — Mas não conseguiram arrancar-lhe nada.

— *Arrancar-lhe?! —* perguntou Christine.

— Tentaram saber porque é que fazia aquilo, quero dizer, andar a perseguir-te —. Os olhos do pai varreram-na de alto a baixo, como se para ele fosse também um enigma. — Disseram que quando lhe perguntaram, ele se limitou a encolher os ombros. Fingiu que não sabia inglês. Percebia-os perfeitamente, mas não lhes respondeu.

Christine pensou que tudo terminara; mas, entre o momento da prisão e a partida do comboio, ele conseguira iludir de algum modo a vigilância da escola colta o tempo suficiente para lhe telefonar.

— Vejo-a outra vez — disse. Não esperou que ela desligasse.

Agora que ele deixara de ser uma realidade presente embaraçosa, podiam falar dele, podia passar a ser uma história engraçada. De facto, era a única história engraçada que Christine tinha para contar e, ao contá-la, mantinha, para ela e para os outros, a aura do seu estranho encanto. Os amigos e os homens que continuavam a convidá-la para sair reflectiam sobre as motivações dele. Um sugeriu que ele queria casar com ela para poder ficar no país; outro disse que os orientais gostavam de mulheres bem constituídas: «É o teu tipo à Rubens...»

Christine pensava muito nele. Não se tinha sentido atraída por ele, bem pelo contrário, mas, como ideia, era uma figura romântica, o único homem que a tinha achado irresistível; ao inspeccionar no espelho de corpo inteiro a sua cara rosada e o corpo maciço, meditava contudo sobre o que haveria nela que o justificasse. Quando alguém propunha a teoria de que ele não era normal, recusava sempre; é que não havia uma, mas várias maneiras de ser normal.

Mas um novo conhecimento, ao ouvir a história pela primeira vez, tinha uma explicação diferente. “Então ele também te apanhou!”, disse, a rir. “É com certeza o mesmo tipo que andava lá a rondar o acampamento, no ano passado. Perseguiu assim todas as raparigas. Um tipo baixo, japonês ou coisa parecida, de óculos, sempre a sorrir”.

— Se calhar era outro... — disse Christine.

— Não pode haver dois assim, bate tudo certo. Era um tipo mesmo esquisito!

— Que ... *tipo* de raparigas seguia ele? — perguntou Christine.

— Oh, qualquer uma que passasse por ali.

Mas se por acaso lhe dessem atenção, fossem **109**

simpáticas ou qualquer coisa do género, nunca mais largava. Era mesmo uma praga, mas inofensivo.

Christine deixou de contar a sua história divertida. Afinal, tinha sido uma entre muitas. Voltou a jogar ténis, pois tinha deixado de treinar.

Alguns meses mais tarde, o agente que tinha o caso a seu cargo telefonou-lhe outra vez.

— Gostava que soubesse que aquele fulano que a importunou foi enviado para o país de origem. Deportado.

— Porquê? — perguntou Christine. — Tentou voltar aqui? — Se calhar ela fora mesmo especial, talvez ele tivesse tentado tudo por causa ela.

— Nada disso, — respondeu o polícia — andava a fazer o mesmo aqui em Montreal, mas realmente desta vez escolheu a mulher errada: a Madre Superiora de um convento. Aqui no Quebeque não suportam acções deste género; mandaram-no embora antes de ele perceber o que lhe estava a acontecer. Acho que onde ele está bem é na terra dele.

— Que idade tinha? — perguntou Christine, depois de um silêncio.

— Ah, cerca de sessenta, penso eu.

— Muito obrigada pela informação — disse Christine, no seu melhor tom de cerimónia. — É realmente um descanso! — Pensou que talvez o polícia tivesse telefonado para fazer pouco dela.

Estava quase a chorar quando desligou. Então que é que ele *tinha querido* dela? Uma Madre Superiora! Será que realmente aparentava ter sessenta anos, que se parecia com uma freira? O que significavam os conventos? Conforto, caridade? Refúgio? Será que lhe tinha acontecido alguma coisa, ou sofreria de uma tensão insuportável por estar na

**110** quele país? Talvez as suas pernas nuas e o ves-

tido de ténis tivessem sido demais para ele: corpos e dinheiro aparentemente disponíveis em todo o lado, mas fugiam dele, para onde quer que ele fosse. A freira era o símbolo de uma última distorção: o hábito e o véu lembravam, no seu olhar de míope, as mulheres da terra dele, as únicas que ele conseguia perceber? Mas voltara para o seu país, tão longe dela como outro planeta; ela nunca haveria de saber.

Contudo, não a esquecera. Na Primavera, recebeu um postal com um selo estrangeiro, na letra maiúscula já familiar. A parte da frente tinha uma fotografia de um templo. Estava bem, esperava que ela também estivesse bem, era amigo dela. Um mês depois chegou uma outra cópia da fotografia que tinham tirado no jardim, num envelope castanho, sem mais nada.

A aura de mistério de Christine desvaneceu-se rapidamente. De qualquer modo, já não acreditava nela. A vida tinha-se tornado de novo no que sempre tinha esperado. Licenciou-se com uma média medíocre e foi trabalhar para o Departamento de Saúde e Assistência; fazia um bom trabalho e raramente era discriminada por ser mulher, porque ninguém a via como tal. Podia pagar um apartamento de dimensões muito razoáveis, embora não gastasse muitas energias a decorá-lo. Cada vez jogava menos ténis; o que antes fora músculo com uma delgada camada de gordura, transformou-se gradualmente em gordura com um fino substrato de músculo. Começou a ter dores de cabeça.

Conforme os anos foram passando e a guerra começou a encher os jornais e as revistas, ela percebeu finalmente qual era o país do Oriente **111**

de onde ele viera. Já tinha ouvido o nome, mas na altura não o tinha fixado, era um lugar tão insignificante; na sua mente, nunca mais os conseguiu separar.

Apesar de tentar, não se conseguia lembrar do nome da cidade, e o postal tinha desaparecido há muito — seria do Norte ou do Sul, estaria na frente da batalha ou em segurança e longe dela? Comprou revistas de forma obsessiva e esquadrinhou as fotografias disponíveis: camponeses mortos, soldados em marcha, ampliações a cores de rostos assustados ou zangados, execuções de espíões; estudava mapas, via as últimas notícias do dia; o traçado daquele país distante tornou-se quase mais familiar do que o do seu. Uma ou duas vezes pensou que o tinha reconhecido, mas não servia de nada, todos se pareciam com ele.

Por fim, deixou de olhar para as fotografias. Incomodavam-na demasiado, era mau para ela; começou a ter pesadelos nos quais ele entrava pelas portas envidraçadas da casa da mãe, vestindo aquele casaco gasto e trazendo uma mochila, uma espingarda e um enorme ramo de flores magnificamente coloridas. Sorria da mesma maneira, mas o sangue raiava-lhe o rosto, apagando-lhe as feições. Deu o televisor e, em vez da televisão, passou a ler romances do século dezanove: Trollope e Galsworthy eram os favoritos. Quando, sem querer, se recordava dele, dizia a si própria que ele tinha sido suficientemente astuto e expedito para sobreviver, melhor ou pior, no país dela, e, por isso, devia ter conseguido fazer o mesmo no dele, onde dominava a língua. Não estava a vê-lo no exército, nem de um lado nem de outro, não era desse tipo e,

**112** que ela soubesse, nunca tinha acreditado numa

ideologia em especial. Talvez estivesse a fazer alguma coisa incharacterística, em segundo plano, tal como ela. Talvez se tivesse tornado intérprete.



Armando Silva Carvalho

**Nome de flor**

**Armando Silva Carvalho** nasceu em Óbidos em 1938. Poeta, contista e romancista, debutou em 1965 com *Lírica Consumível*, que ganhou o Prémio Revelação de Poesia. Foi jornalista e publicitário, dedicando-se presentemente à tradução e à escrita. Autor de cinco romances — o mais recente, *O Homem que Sabia a Mar*, saiu este ano na *Dom Quixote* — e de numerosos volumes de poesia, Armando Silva Carvalho constrói o seu universo literário na referência permanente ao quotidiano social, político e cultural português contemporâneo. A sua relação com a tradição literária nacional anda longe de ser paciente e seguidista, constituindo-se mais contra ela que com ela em permanente paródia e verve satírica. Marcas constantes da sua obra novelística serão a transversalidade cultural que encontra matéria tanto no fait divers jornalístico como no *Grande Mito Português* e, em termos formais, o uso conciso e exacto de várias linguagens correntes.

O homem fixara o olhar nos lavabos do café. E conseguia ver.

Na entrada da porta masculina, nítida, e a preto e branco, uma cabeça coberta de chapéu à d'Artagnan, com bigode e pêra. Não vivera ele em tempo algum, o século desses homens de farta cabeleira, chapeirão de foles e pluma alçada, bigode descaído sobre o pelame em bico que descia do queixo. Mas o homem sabia: D'Artagnan, o grande sedutor.

Na porta ao lado, o recato das damas era sinalizado num perfil de caracóis enfunados, os lábios gordos e de perversas formas, feitos para ciciar à beira da carne e da cama. Exemplar de cabeça que deixa marca no lençol, carne em ombros de cobre claro e deixa marca nos dedos de quem os apalpa: Antonietas.

Ele olhava as portas dos lavabos e remexia, sem baixar a vista, os dois pacotes de açúcar na chaveninha branca com o preto do café a transbordar para o pires. Um bica bem cheia, foi sempre o seu pedido.

Seriam, e ele que tão pouco tempo de-

morou na vida a contar o tempo, umas duas e pouco de uma tarde de outono.

Três domésticas, eram o seu pano de fundo.

Crocheteavam numa dobadoira da língua, e olhavam-no num tiro incerto de mistério que lhe chegava ao peito como uma medalha póstuma.

Açúcar, muito açúcar. Dois refinados pacotes para os amargos de boca dos seus noventa anos.

O homem tinha a unha comprida, como a do Minotauro do Sena, mas não lucubrava com ela o seu destino naquele líquido. Não descolava um selo, não rasgava nunca um envelope. Unha assim, só para coceira; nunca para futurar coisa com coisa, pobreza com riqueza. Ou outras fantasias.

O homem solta por fim os olhos das portas dos lavabos, e vê-se de través no espelho na parede que parece falar-lhe de banda.

Tenho o consolo dos filhos, pensou, que a fala é cada vez mais parca e caseira, e está num lugar público.

Filhos criados, recriados, mordomos do seu estar. Um estar, podia-se dizer, que tem o seu acordo já assinado pela mão da morte, benza-a Deus, mas que lhe dá margem para contabilidades.

Porque, para ele, a memória são contas. Só que os filhos, agora, rasgavam-lhe essas facturas. E vinham junto dele com um processo novo de somar sentimentos. E ele, no seu cadeirão de couro, do salão do apartamento da praia, via a sua vida escrita num papel timbrado e não reconhecia nele a sua letra.

Sempre foste um homem de mulheres, dizia-lhe a finada a qualquer hora do dia, em arrufos fúngados de choro e de outras eras. E também às freguesas, que recebiam o seu desabafo à medida que

**118** o rol dos seus fiados ia subindo.

Mas ele nunca soube se esse regougo de velha pomba de asa bamba era um trunfo ou uma carta de azar em cima do balcão.

A defunta, uma doente do útero. E está tudo dito.

Não durma tanto, pai. Sonha de mais. Diz-lhe agora o filho.

Sou um homem de mulheres, meu rapaz. Ainda to direi, antes de me partir de vez para o quintal do padre. O prazo de validade para mim já acabou, e eu ando por aqui como um perigo para a saúde dos outros. Noventa anos é tempo de velho bíblico; e faz-me enganar nas contas. Não me dêis mais mimos, meiguices de perdão e ralhos de patrão.

Um homem de mulheres.

Mulheres, mulheres sem fala, cabisbaixas, de lenço entrouxado na cabeça e meias de cordão por causa dos venenos que lhes rondavam as pernas. Vinham a mim, transidas, com a língua presa à navalha dos maridos. Mulheres da vindima ou da apanha da batata. Com os seus braços maciços, de boa madeira de trabalho, à volta do meu pescoço. Com os seus cus de banha branca a caírem-me no colo, debaixo do laranjal. Os cães, à vezes, eram os maiores inimigos. Tinham um ladrar de malícia e punham-se à nosa volta, mirones infantis, e chegavam a estender as patas para os lugares mais secretos. Eram animais de caça, e não sei que cheiro as mulheres deixavam no ar que os punham a salivar e de língua caída sobre os beiços de pêlo ralo. Eu fazia-lhes os sinais do costume, mas eles não obedeciam. E as boas das raparigas largavam a fugir, de saia à banda e blusa descosida por alguma investida canina, amuadas. E as cadelas eram sempre as piores. Que eu tinha um rancho de animais que metia respeito.

Andavam perto de uma légua, as belas criaturas, a encurtar caminho, para virem ter comigo a esse bonito laranjal que espanejava a verdura cúmplice por cima das alfaces e dos feijoeiros de cana engrinaldada. Era uma rica fazenda, essa Lagoa Chã de nome, esse pedaço de amanhã que me dava prazer maior que um corpo fêmeo. Um brinco — que a água molhava de luz como a uma pedra de se trazer no dedo. E eu, puxando o cambão pelo seu bico grosso de palmípede, trazia-a cá para cima e deixava-a correr num esbanjo de vida líquida por cima do chão fechado e sedento.

Tremiam, tremiam tanto, as boas das raparigas.

As mamas delas fugiam-me das mãos, escondidas, envergonhadas, nos seus coletes de pano cru. Mas com as pernas, bastava-me um arremesso de mão, e elas abriam-se, como um caminho de cabras em grotas de urze donde vinha o leitoso e sensual odor dos eucaliptos.

Gostavam do loiro do meu cabelo e do azul dos meus olhos. Eu era como os estrangeiros dos cinemas, galã no meio de gado macho escuro e sempre a escumar para o chão, bodes forçados à pequenez do cortelho.

Légua ou légua e meia até ao povo, que eu não atino já com tais lonjuras. Pinhais de areia e cascalho miúdo, ou algum canavial mal rebentado a demarcar extremas, cobriam-lhes a culpa quando se faziam ao caminho. Mas podia haver sempre um olhar maligno, uma má língua escondida por trás dessas janelas de cortinas de renda rala, nesses casais espalhados entre o campo e o povoado, cogumelos de veneno, capões de carne tenra, vaginas engelhadas pelo ciúme. Cios.

Aqui neste Café para onde me trazem para fingir que vivo, eu posso ouvir o mar para além

das dunas. Mas é a voz do campo que se alteia nas minhas velhas contas. Eu não gosto do mar.

Dessa água sem fim, que parece que não corre mas mata. Como dessa vez em que ela me quis levar consigo, num dia de verão de São Martinho. Que o verão de São Martinho eram as férias da gente do campo, antigamente. As mulheres traziam a roupa de chita colada ao corpo e os homens, de ceroulas, escondiam as canelas ao entrarem no gelo das ondas. E eu vi-me obrigado a agarrar-me a uma rocha como à barriga de mulher prenhada. Salvei-me. Mas fiquei-lhe ainda com mais ódio. A essa água do mar, salgada, sem princípio nem fim.

Porque à outra, à doce, eu sempre soube tirar a minha boina basca com respeito. Ao mais feliz olho de nascente eu rezava, à minha maneira, para que ele brotasse com uma força traquina, a gorgolejar, e se tornasse depois água menina, a descer a brincar das pedras, para depois crescer, já mulher feita, até chegar aos brejos de repolho lombardo e às camas de feijoais anões e de batata raiz de cana, a mais saborosa.

Olha para estas mãos, meu filho, que posso eu ver nelas?

O espelho de água doce que fazia arrebitar o viçoso e dava um verde transparente aos pés de morangueiros, o maior luxo da minha Lagoa Chã.

Aqui, neste Café ao pé do mar, não me deixo dormir.

Contabilizo o passado, já disse.

De parcela em parcela, somo o que a vida me trouxe e me levou. São contas entre mim e ela, que eu sempre fui avesso a fazer recados ou que mos fizessem. Nada de gente de permeio. E muito menos a família. Perder ou ganhar tudo era desporto, **121**

mas era só eu o jogador. Na camioneta de ir a Lisboa todas as semanas, levava, além da carga para a praça, sempre que podia, uma boa peça de carne viva. Se era casada, tinha o homem no hospital com alguma cirrose ou um mal nas partes baixas. Se era noiva de interesse ou solteira prendada, ia à prima a Lisboa em busca de enxoval da moda nas grandes lojas da Baixa.

Eu sabia arremedar mentiras de transportador com bom comportamento. Era um homem seguro, de vida bem amanhada. E a defunta, a coitada, a própria me ensinava a mentir para não me perder na cama quando eu regressava, saciado.

Nesses tempos, ir a Lisboa era um luxo, era um luto, ou uma doença grave. Dizem que tudo se sabe nas aldeias. E que até os cães cheiram o mês-truo. Talvez isso assim fosse. E assim se visse.

Mas hoje e agora, o que eu vejo ao levantar os olhos para a televisão, pendurada do tecto como uma catatua, é uma fulana a apregoar os modos de cobrição, a mostrar a boa performance de um catraio de músculos desmaiados, ou a gritar que o sexo é uma droga benigna e bem acondicionada em camisas de vénus, com perfumes que ela faz correr pela assistência para lhes sentir o cheiro.

Caraças. Eu contabilizo à minha moda.

Sempre tive uma bonita letra de empregado da Câmara e um papel escrito pela minha mão era um contrato aceite sem regateio que eu deixava no avental dalguma mais esquiva.

— O pai disse alguma coisa? Ou sou eu que oiço o que não devo?

Digo tanto para mim, que para ti já nada chega.

Que eu não esqueço a cara do doutor, depois  
**122** de me apalpar, de ver e rever as chapas. Quando

acabou a consulta levou-me para um casinhoto para eu me abotoar mais à-vontade, disse, e fechou a porta. Mas eu estava de orelha alçada e abri devagar uma greta no cacifo. Fiz-me surdo e mudo, mas ele falava de um tio dele de Coimbra, um femeeiro com guita e quintas em Condeixa e a quem puseram o maldito açaimo. O doutor ria e dizia que o fidalgo do tio começou a murchar por todas as bandas do corpo e da alma e que não quis esperar pela morte naquele preparo. Obrigou-a ela a chegar quando lhe apeteceu a ele, e chamou-a com um tiro debaixo da queixada.

Querido filho. Eu não tenho à mão a caçadeira que ficou na outra casa à espera de óleo, como tu me disseste. E aqui não há perdizes, só as malditas das gaiivotas. E eu não me vou atirar à rua de um primeiro andar numa casa na praia, com gente toda em cuecas e de peito ao léu a sorrir para o céu empanado à espera que o sol chegue. Seria mariquice: duas costelas partidas ou mais uma manqueira a somar à outra.

— O pai já não quer ouvir a rádio?

Queria, filho, queria. Mas só se fosse essa casete de cantadeira moira que o árabe te deu quando foste a Atenas por causa da política. Já não há gargantas assim, depois da Amália. São vozes de mulheres, não são bonecas de som. Ao ouvi-las, a gente vê. Vê a vida, o sangue todo da vida, as tripas todas do medo, os braços da nossa cruz.

— O pai não quer ir molhar os pés à praia?

Obrigado, filho. Vai tu, não percas este sol que acabou por meter medo ao nevoeiro que andava por aí a cobrir o céu da tarde. Vai trabalhar o teu bronze. Assim to lambam à noite, com a língua da cor das rosas. Que eu não tenho já bocas à mão para nada. Nem mão para bocas nenhuma. Nem mão, nem coisa nenhuma para as bocas do corpo. **123**

Mas o homem fecha o olho direito, aquele que vê. O outro, sem retina e glauco, perdera a visão num acidente absurdo, de encontro a um semáforo. Mas o homem não dorme, deixa subir essa espécie de asma que lhe vem da alma e lhe faz companhia. E abre a boca. O café está às moscas, que não são nenhuma nesta altura do ano. Foram-se as alcoviteiras, levando consigo o mal dentro das alcofas. Só ficou lá em cima, numa palestra obscena, a catatua.

E a dona do café vem junto dele, nos seus pés de silêncio, coloca-lhe na boca um pastel de feijão, daqueles que ele gosta. E o homem sorri manso e a mulher ri devagar e alto. Deuses.

Ele há formas de amor que devem ser cantadas por fadistas menores ou por gente da escrita que tenha emoções fora de moda. Esdrúxulas.

Algália podia ser o nome desta prosa florida.

*Peniche, Maio de 2001*

Hélia Correia

**Vilegiatura**

**Hélia Correia** nasceu em 1949 em Lisboa. Licenciou-se em Filologia Românica e foi professora de Língua Portuguesa no Ensino Unificado. Abandonou o ensino para se dedicar à tradução, à escrita e ao cultivo de seu jardim em Janas. Publicou poemas e crónicas em jornais e revistas, durante vários anos e, em 1981, iniciou a carreira de ficcionista com *O Separar das Águas*, que a revelou como uma das romancistas mais originais da década de oitenta. Acaba de publicar, na editora Relógio d'Água, Lillias Fraser, um romance situado no século XVIII, na Escócia e em Portugal. *Vilegiatura* foi escrito para a "Ficções".

Eu não me supusera influenciável. E, no entanto, quando os vi desaparecer, um após outro, em direcção do ocidente ou dos ermos a sul, enfraqueci. Eles voltavam, por vezes, a Lisboa e pareciam, de facto, iluminados, tão arrogantes do exílio como os outros, os dos anos sessenta. Realmente, estavam cheios de ideologia. Tinham as unhas sujas. Apesar dos trabalhos campestres, engordavam, embevecidos com os cozinhados. E, de repente, os bares onde passaram os quinze últimos anos atiravam ao seu encontro o sopro do inferno. Sacudiam as mãos junto ao nariz, como quem espanta o cheiro do enxofre. Porém fumavam afincadamente, condenando o tabu americano. Enojavam-me um pouco, sou sincero, pelo menos ao princípio, quando ainda tomava aquilo por doença passageira.

Resisti muito tempo a visitá-los. Mal me encontrava na auto-estrada, transpirava, antecipando uma sufocação. Talvez já tenha órgãos de mutante, mas não consigo respirar senão Lisboa a meus plenos pulmões. O ar fervido no asfalto, mis-

turado com os vapores da combustão e ondas de rádio, é para mim uma droga estimulante. É, melhor dizendo: era. Pois tamanha insistência fizeram, concertados uns com os outros estes neo-rústicos, que hesitei. De começo levemente, porque a sua euforia me intrigava. Tinha-a como uma espécie de mistério que tencionava em quinze dias decifrar. Mas a verdade é que eu os procurava com mais e mais frequência, ainda que tudo naquele modo de vida me irritasse. Compreendi que na cidade não restava nenhum amigo desses, cujas casas nós conhecemos e desrespeitamos tanto quanto eles o fazem com a nossa. Um à-vontade de família, reconheço, que vem dos tempos da revolução e é mais antigo que mulheres e filhos. Talvez a coisa me repugne um tanto, agora. Mas, comparando-a à consanguinidade, espero ter dado ideia do que existe de incorrigível nestas relações.

Rendi-me em fins de Junho. Estava farto do assédio das amigas do meu filho que, ao saberem-me redactor em chefe de uma revista de audio-visuais, viam em mim um Pigmalião pronto a lançá-las em qualquer carreira. «Pode perfeitamente trabalhar-se longe da confusão», dizia o Gil. «Tratas de tudo pela internet».

Era o que ele fazia, escrevinhando crónicas culturais num semanário dedicado aos fanáticos da bola. Tinha alugado a norte de Lisboa um pardieiro que reconstruía por suas próprias mãos, lendo folhetos, desperdiçando tempo e materiais, de modo que gastara mais dinheiro do que erguendo uma casa de raiz. O senhorio vivia um pouco acima e, aos domingos, assistia àquele labor, algo desconfiado com a sorte que lhe parecia muito generosa. Nunca

**128** vira um rendeiro fazer obras, mudar janelas, re-

bocar paredes, calafetar telhados, sem queixumes, sem exigências de homens e despesas. Quando se fosse embora, Gil deixava todas as melhorias no lugar. «Há-de ser parvo», comentavam no café. E todos lhe sorriam, descarados, o que ele tomava por candura natural. Noutros lugares, mais próximos das praias, os velhos já tratavam de vender, pressionados pelos descendentes, na maior parte construtores civis. Bem os ouvia e via eu, aqueles olhares enviesados de xenofobia, aquele resmonear atrás das mãos. Porém, o Gil e os outros estavam cegos, e surdos, como bem aventurados. Semelhante ao ateu que inveja os crentes, senti desejos dessa paz de espírito, dessa denegação da lucidez que apenas conhecera quando jovem, disposto a dar a vida pela Albânia, convencido de que era o paraíso, apesar dos relatos dos viajantes. Ia roçando na felicidade sem que ela me passasse para a carne, visitando-os aos sábados, jantando nas cozinhas tão pouco iluminadas que as raras quarentonas que restavam, gordas e certamente assexuadas, resplandeciam como mães ao pé dos tachos. As jovens namoradas e as filhas mostravam consciência de que iriam desentender-se em breve, e aplicavam-se em manifestações de simpatia. Tratava-se de um estranho paraíso onde se era feliz por decisão e já não por bondade do destino. Quando o Gil disse: «Há uma casa vaga», fê-lo em tom de mobilização. Eu não tinha projecto para as férias e estava pronto para obedecer, ainda não sei se por curiosidade se por memória de outra disciplina .

Não foi difícil a instalação porque o Gil e os outros me mimaram, quer concertando as coisas que falhavam, quer providenciando-me a comida em que estavam tornados especialistas. Como em tempos antigos, as cozinhas eram o centro anímico **129**

da casa. Lá se lanchava e lá se discutia sobre o lúgubre estado da nação e o lúgubre estado do planeta. A globalização e os transgênicos substituíam temas esgotados, e a veemência das imprecações reproduzia um fogo adolescente. Eu esforçava-me por acompanhá-los, se mais não fosse para retribuir o modo fraternal como traziam carapaus de escabeche e vinho tinto, engarrafado pelas suas mãos.

Os locatários que me antecederam tinham decerto retirado à pressa, sem removerem muita peça de mobília. O senhorio levava isso em conta para o estabelecimento da mesada. Vi-me com uma casa acolhedora, com louças penduradas na cozinha, como se tudo em volta conspirasse para me facilitar a transição. «Tira já o sentido das saloias. Andam a concorrer às faculdades, mas querem rapazinhos para casar», aconselhou, logo de início, o Gil.

«Sabes bem que não gosto de morenas.»

«É que as há loiras», teimou ele. «Para mulheres, convém que te forneças em Lisboa. Estas ainda levam tudo a sério».

Falava com severidade. Acreditei que já não se saltava por janelas. Aliás, havia cães em toda a parte. O que eu imaginava ser a noite, com passeios à lua, não chegava sequer a existir. Quem se atrevesse, escorregava em bosta amolecida com a água dos regueiros para, em desequilíbrio, se apoiar num muro onde rugiam mastodontes. Sapos saltavam sob os nossos pés. E das casas fechadas vinha o som dos passatempos da televisão, o mesmo som subindo em toda a aldeia, como dantes subiam orações, convidando os cristãos a recolher. «Sair? Quando escurece ninguém sai». Idealmente, adormeciam cedo, os neorústicos e os velhos residentes, para se levantarem com a aurora. Mas uns e outros prolon-

gavam os serões, a pretexto das últimas notícias, comungando de angústias desportivas. Eu não deixava de me aborrecer, mas a verdade é que Lisboa me parecia igualmente muito aborrecida. Já que ali estava, ali ia ficando. Experimentávamos jipes, reuníamos com mais refugiados aos domingos, e essa espécie de jogo de crianças tornava-os realmente mais felizes. Pensariam no fundo, como eu, que se tratava de um fazer de conta? Não cheguei a saber. Aquela paz, aquele quotidiano complacente foram-se insinuando nos meus nervos como uma anestesia. Findas as férias, retomei o meu trabalho, mas aquilo que distingue um neo-rústico, como os tiques de fala numa seita, já se notava em mim. Via os olhares dos meus subordinados desviarem-se, depois focarem-se outra vez com indulgência. A sede da revista foi mudada para um grande edifício ao pé de Sintra e ao entardecer era mais fácil voltar para o campo que para a cidade. O meu filho soava agradecido nos telefonemas, por herdar a casa sem que tivesse de morrer alguém.

No mês de Agosto considerei-me adaptado. Continuava a não compreender o que havia de tão gratificante naquele modo de vida, numa aldeia a norte de Lisboa, entre pequenos montes que se esgueiram para os lados do mar, como a fugirem das urbanizações que os vão cobrir. Eu atingira enfim a indiferença, a acalmia de uma meia idade que não julgara tão apreciável. Então, a lixarada começou.

No que decerto fora um quintalinho com um poial e árvores de fruto, alguém plantara relva e uma palmeira, o que, no entender do senhorio, valorizava grandemente a casa, ajeitando-a aos gostos dominantes. A relva precisava de atenções que eu de modo nenhum lhe dedicava. Estava seca e espigada, disputando o alimento com raízes parasitas. **131**

Segundo o Gil dizia, um tal desleixo tornava-me bastante desprezível como elemento da comunidade. Vi, pelo seu empenho no assunto, quanto ele tinha saudades daqueles tempos em que pautámos o comportamento pela ética operária que, aliás, era pura invenção de alguns ociosos. Eu limitava-me a sorrir e a pisar superiormente os tufos. Não queria, na minha idade, sujeitar-me a escravidões, muito menos criar um compromisso entre mim e um montão de clorofila. Quando os sapatos começaram a cair, pensei que a vizinhança se exprimia com o que tinha à mão, manifestando o desagrado pelo meu jardim, que o baixo muro não dissimulava. Manhã após manhã, mal eu saía pela porta envidraçada da cozinha, deparava com os restos de calçado atirados a oito por alguém. Para começar foi uma bota de homem, de biqueira abrindo os pregos como dentes de espadarte. No outro dia, uma sandália de piscina. Depois, uma chinela de fazenda. «O que diabo é isto?», perguntei.

«Pura coincidência», disse o Gil. Mas não parecia nada convencido.

Nos primeiros dias recolhi as coisas para dentro dos sacos de despejo. Passei depois a fase reactiva, atirando os sapatos para o caminho, fazendo-os afundar entre as urtigas. No estado melindroso dos meus nervos, esperava reprimendas dos vizinhos. Eles, porém, se calhavam em passar, lançavam-me uma sóbria saudação, ‘bom dia’ transformado em monossílabo. Dir-se-ia que não viam os projecteis, mas também não tentavam reprimir um sorriso neles pouco habitual. «São eles que atiram com aquilo para aqui».

«Porquê, para quê, saber-me-ás dizer?»

Não sabia, de facto. Outro dos nossos, escutando a notícia do fenómeno cujo mistério nos

**132** estimulava como os casos de amor, anos atrás,

lançou na mesa a explicação plausível. «Havia ali provavelmente uma estrumeira. Talvez, sem querer, mantenham velhos hábitos, se andarem bêbedos ou estremunhados». Era um sociólogo com opiniões. Trabalhava na vila, no turismo, renunciando a cargos que em Lisboa lhe conferiam direito a motorista. «Basta uma pequenina distração e voltam a fazer o que faziam».

«Mas porquê só sapatos?», perguntei.

Boa pergunta. Na manhã seguinte, espertando bem mais cedo que o costume devido à ira e à curiosidade, dei não só com sapatos mas com meias. Sapatos eram três, desirmanados: um branco, já estalado, de enfermeira, que calçara um pequeno pé direito; outro de salto esfacelado, às tiras lilases e azuis, que, mesmo ali, tombado sobre dentes-de-leão, trazia uma fadiga de boémia; e outro, de pala, um tanto carcomido, de quem andasse descuidado à beira-mar e o encharcasse alguma vez de água salgada. Seria de esperar que tal visão me enchesse de asco e de repugnância. A familiaridade da imagem consolou-me, porém. De certo modo, pareceu-me que ganhavam o direito de serem atirados para quintal, por contraste com as meias, essas, sim, redondas, amarelas como um vômito. Eram, ao que entendi, collants rolados sobre si mesmos no momento de os despirem. Avistei dois, na zona dos sapatos, depois mais três, espalhados rente ao muro. Por momentos, fiquei paralisado, sem qualquer pensamento no meu cérebro. «...Mdiiii...», lançou-me um velho, do caminho. Sorria-me, sem sombra de vergonha. Dei-lhe os bons dias, com indignação. Depois, peguei no carro e fui à vila, queixar-me ao delegado de saúde.

O delegado era mulher. Baixa e escurinha, um puro sangue de avoengos muçulmanos **133**

que os cristãos expulsaram de Lisboa há mais de nove séculos atrás. A privação de sexo fez-me efeito absolutamente a despropósito. Ela chegou-se mais para trás na secretária, a defender-se do meu bafo lúbrico. Eu próprio estava siderado com o facto de aquele padrão de fêmea ter acção tão violenta sobre os meus tecidos. De modo que a visita deu em nada. Ela receberia com frieza todas as queixas que eu lhe apresentasse, mesmo até de cadáveres na lareira: «O campo tem particularidades. Não é disso que vêm à procura?»

Eu antipatizava com morenas, e quase ter violado a delegada numa irrupção extemporânea de desejo não alterava em nada o sentimento. Saí, batendo com a porta. A empregada sorria ousadamente para o ar.

«Dizem que isso é um caso de bruxedo», comunicou-me o Gil.

«Quem diz?»

«As velhas».

Andava o caso já de boca em boca. Não só os transeuntes matinais mas toda a gente da aldeia me estudava, com o canto da boca repuxado, numa troça geral. «Que lhes fiz eu?»

«Gostam de intimidar os estrangeiros», adiantou-me o sociólogo. «Ainda não se satisfazem totalmente com as novelas. Apreciar-te-ão, se fores à bruxa. Dás um bom seguimento à narrativa».

«Era o que mais faltava», retorqui. Imaginei uma mulher de unhas azuis e impecavelmente penteada, como as que se auto-anunciam na tv. Não me apanhavam numa bruxa assim.

«Que querias tu? Uma sibila desgrehada? Necessita-se imagem, higiene».

**134** Compreendi que estava só. Fechei-me em casa.

O verão ia avançado e o telefone tocava sem cessar. Provavelmente, queriam-me de regresso na revista. Eu ocupava os dias recolhendo o lixo do quintal em grandes sacos, negros e fortes, como os que a polícia usa para embrulhar mortos em rixas. Deixava-os junto ao contentor, e olhava em volta para mostrar que cumpria a minha parte.

Por muito cedo que me levantasse, jamais surpreendi o lançador. Ele requintava na variedade, misturando, com botas de borracha, cabeleiras de Barbie, luvas, cintos, pernas e olhos arrancados a bonecos que pareciam ex-votos extraviados. «Então a coisa continua?», perguntavam o Gil e os outros, claramente feitos com os aldeões. Sorriam e atiravam com o mesmo olhar oblíquo dos passantes.

Tudo o que eu queria era gastar o tempo rapidamente, à espera da manhã. Comia pão com ovos estrelados, via televisão horas seguidas, indiferente aos apelos do telefone que me parecia um pássaro estridente. Dedicava-me a um jogo de adivinhas, querendo prever o que me esperaria no encontro seguinte com o lixo. Algumas vezes, senti desejos de me apropriar de um ou outro despojo. Foi o caso de um colar de missanga, e de uma fita que prendera cabelos muito claros e retinha, no nó, uns fios doirados. Porém, fazia honradamente a entrega do saco cheio, a cada pôr-do-sol.

Os meus amigos tinham, finalmente, tomado o caso a sério. Muito tarde. Organizavam-se para me visitar, faziam turnos, dedicados como freiras. Queriam levar-me para suas casas, fazer-me partilhar aqueles jantares onde as mãos calejadas se agitavam, numa arrogância, censurando o mundo. Estavam preocupados. No entanto, o seu conceito de fraternidade desviara-se um tanto desde o início. **135**

Comungavam sessões de agricultura e caldeiradas que as peixeiras rematavam, em saldos, ainda frescas sobre a areia. Mas a misantropia que eu mostrava não arrancava deles mais que um suspiro e o deprimido cumprimento do dever. Parecia singular e mesmo ingrato que em vez da redenção rural eu encontrasse na pura aldeia uma questão de lixo e me deixasse endoidecer com ela.

Chamaram o meu filho. Ele recolheu-me num domingo ainda quente de Setembro. Verdade seja dita, não mostrava contrariedade em dividir o apartamento. As discussões territoriais ficavam para quando ele não receasse ver-me deitar arsénico no chá. Andava mesmo cautelosamente, como em bicos de pés, o meu rapaz. Quando eu voltei de tomar banho e lhe sorri, revigorado pela poluição e pelo inestimável cheiro a pizza, ganhou coragem para me interrogar. «Que foi aquilo, ó velho?», perguntou.

«Aquilo o quê?»

«Que endoideceste», disse o Gil. «Que não comias e não falavas, obcecado com uns lixos.»

«O Gil disse isso?»

«E quase que chorou. Que nem saías. Que foi aquilo, ó velho?», repetiu.

Eu reclinei-me no sofá, pedi um whisky que ele me respondeu ter-se acabado. Nem que jurassem que chovia ouro eu tornaria a pôr os pés no campo:

«Eles estranharam o meu comportamento porque mantive a lucidez», expliquei. «Andam ao sol, lá nas agriculturas, e aquilo referveu-lhes as cabeças. Não vim mais cedo porque lhes parecia mal. Disse-ram-te essas coisas?»

«Pois disseram».

«Estão realmente loucos», concluí.

Tiago Salazar

**O caso da bicha solitária**

**Tiago Salazar.** Nasceu em 1972. Eterno finalista de Relações Internacionais. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura no King's College, em Londres. Debutou no Semanário, como jornalista, em 1991, e mantém-se no activo, nas revistas Arte Ibérica e Agenda Cultural, escrevendo sobre artes plásticas, livros, cinema e pessoas célebres. Publicou contos no DN Jovem, no Expresso e no DNA, fez guiões para televisão, foi assessor do gabinete de Imprensa do Instituto Camões, comissário de um Salão Internacional de Artes Plásticas e é cronista no Jornal de Monchique, onde assina a coluna «Pirilampo Trágico». O conto que se publica foi escrito para a «Ficções».

— Recapitulemos. Infusões várias de madressilva, sais de fruto marca Ananase, uma peúga branca enrolada sem par, duas resmas de pedra pomes, uma côdea seca de pão para os maus cheiros e humidades, um cabide de veludo almofadado e... creio que não escapa nada.

O delegado Melícias guardou o caderninho de apontamentos tanatológicos na algibeira, compôs a melena, vestiu a camurcina e despediu-se da viúva com renovadas condolências. Ao cruzar a ombreira, avisou que voltaria no dia seguinte, «pelas dez», acompanhado de um assistente criminologista, cujo nome desconhecia, e do detective Cid Paris, a quem chamavam o buldogue da Judite, decerto pela latitude de orelha a narina. Disse isto em parte para desanuviar, embora a verdadeira intenção fosse acalentar a viúva. Esta sorriu-se nuns sumidos olhos amassados e empurrou a porta, fechando-a com três voltas no trinco. Uma prudência que, diga-se, algumas horas antes, lhe poderia ter salvo o marido.

Passou meditabundo no vestíbulo, onde

um híbrido de porteiro e mulher-a-dias ouvia música a altos berros golpeando o ar de vassoura no sovaco enquanto a mão desocupada limpava o pó das campainhas. O eco fenomenal ainda ressoava quando Melícias entrou no Austin Cooper preto estacionado a dois quarteirões dali. Arrancou às pressas, como quem foge da Polícia, e só parou no Cais, depois de limpar três vermelhos. Mal chegado, ligou o rádio no posto nostálgico, abriu uma mão travessa de janela, acendeu um cigarro e pôs-se de lado, à etrusca, desabotoando no final do preparo o incomodativo colarinho. Tirou então o caderninho do bolso e rescreveu a caligrafia infantil:

Folha um. *Descrição do cadáver, aparentados a par de notas explicativas. Exame «in situ».*

Macho, Leopoldo Alexandre Fafe, 1,82 m de altura, 54 anos, 123 kg (excelente estado de nutrição), n. em Lisboa. Agricultor aposentado com actividade independente no ramo livreiro eclesiástico (revendedor autorizado da *Nova Bíblia dos Capuchinhos*). Particularidades externas: pilosidade abundante em todo o corpo — muito abundante nas zonas do peito, costas e entre pernas — em caracóis grisalhos de tipo centro-africano; parcialmente calvo; orifício anal dilatado (provável recurso a laxantes, não se descuando a hipótese de homossexualidade passiva); três verrugas na omoplata direita (com pêlos saídos e recurvos); cicatriz no apêndice. (Nota 1: Deixa mulher, Natércia — também conhecida por Nené — Gualdim Lopes Fafe, 46 anos, doméstica).

Corpo encontrado no chão do quarto do casal, de borco, ainda sem rigidez cadavérica, às 19 horas e 47 minutos de 28 de Dezembro (ano 2000), lanhado no decúbito esquerdo (área oblíqua de 8 mm **140** de comprimento), no esfóago (3 mm), temporal

e bolsas testiculares (2 mm), com esmagamento posterior/anterior? do occipito-parietal direito apresentando perda abundante de substância encefálica; ferimento ligeiro no sexo, nodoso, com ligeiro hematoma (provável entalamento de carcela ou beliscadura. (Nota 1: a arma (armas?) não foi encontrada no local do crime. Pela conjugação de perfurações no cadáver crê-se ter sido utilizado um facão de matar porcos. O achatamento da calote craniana sugere a utilização de martelo de orelhas ou objecto similar). (Nota 2: o sangue espalhou-se a vários metros tendo esguichado os pés dianteiros da cama, um par de chinelos de lã com pequinês, uma peúga branca enrolada sem par, dois rolos de cabeleireiro e vários (seis) exemplares da *Nova Bíblia dos Capuchinhos* encostados a uma parede).

Folha dois. *Outros objectos identificados em cima de móveis ou espalhados pela casa que possam interessar às investigações.*

Toucador – caranguejo marca Cauny de instrumentação à vista parado nas 18.46 horas, *Livro de São Cipriano* com duas folhas rasgadas, infusões várias de madressilva, sais de fruto marca Ananase, um cabide de veludo almofadado sobre uma banquetta ao lado de dois nacos de pedra pomes e uma côdea seca de pão para os maus cheiros e humidades envolta em papel celofane.

Mesa de cabeceira (uma só, de mobiliário rústico) – um vaso-dilatador marca Vic Vaporubs, lenços de papel usados (quatro), candeeiro de pintantes rachado na aba.

Cama – multiplicidade de pêlos (púbicos e de outras procedências) com abundante dispersão de cores. Anotadas: ruivos, amarelados, beijos, acastanhados e lilases. Nódia antiga de mens- **141**

truação no fundo do lençol. (Nota 1: pêlos e cabelos retirados com pinça e colocados em saco de plástico opaco para análise. Nota 2: recorte da nódoa do lençol feito a x-ato). Embalagem de cereais Kellog's Special K comida a metade e espalhada pela colcha: algumas partículas caídas no chão (estas últimas, na sua maioria, mordiscadas).

Guardou o caderno na algibeira e recostou-se, de olhos semiabertos, a inalar os vapores da noite que se podiam dizer embriagantes. Cheiros de rua, a estuário podre, familiares a um ex-polícia de ronda desabrido. Nisto, de hálitos nocturnos, aroma estonteante a cardume descarnado, lastro oleoso de cacilheiro na brida, o telefone tocou, vivace de Mozart. Era o Cid.

— Campeador... ainda bem que ligas, há serviço amanhã no 27, à Rua das Trinas.

— (...)

— Pela pinta, é coisa de principiante... comoções serôdias da matança do porco...

— (...)

— A viúva?

— (...)

— Que tal me pareceu? É pá... abananada, talvez seja o termo... tinha os olhos num pão de ló... Se de fingimento?, a estaleca é de actriz... também quase não falámos, guardei o paleio para amanhã, já contigo e com o criminologista. É verdade, já sabes quem vem desta vez?

— (...)

— O Almeida Curto... foda-se! Só me faltava um amãnuense míope e arrivista. Entendes-te tu com ele. E já agora, não estranhes se à viúva lhe der para rir.

**142** — (...)

Guinou para casa, encapelado, polvilhando o caminho de esfuziante vernáculo em honra do estimado Almeida. Antes, já no bairro, bateu ao ferrolho do Naia, abasteceu a loja e abalou escada acima, a golfadas de absinto. Bijagós foi o primeiro a assomar, vindo do quarto, ainda bambo, espreguiçando-se entre passadas. Alheio às fúrias do patronato, estanca-se-lhe aos pés, espiga-se, de pata alteada, astúcias alimentícias. «Cava, interesseiro», disse, enxotando-o, e emendou com atabalhoado carinho, «já te dou o ensopado de marisco». Pendurou a camurça, limpou a cara a um toalhete e sentou-se aos pés da cama. A conversa perceptível de homem e felino. «O que se chama a um tipo destes Bijagós?», referindo-se ao assassino. O gato, de pata esperta na coxa, solta um miado, a marcar presença, embora, no íntimo, trocasse o paleio de cirroso por uma pratada de comida. Melícias prossegue, chegando-se à cabeceira, tirando os sapatos, um após o outro, instalando-se na perpendicular. Estaca de repente, com movimentos bruscos do cenho, de quem foi para o mar por aviar em terra. Rebusca os bolsos à cata de fósforos, verga-se ao chão, abre alas a rotações de farol do Bugio entre beatas, livros e sapataria odorante, Eis, um, solitário, quebradiço, em caixilho de lixa gasta. Ajeita-se, travesseiro contra a parede, SG entre lábios, o punho de garrano e um só tiro de precisão. Sopra a primeira baforada em passas arreladas antes de retomar o diálogo. «Custa-me a crer que alguém ainda mate um tipo a golpes de facalhão. Irá por cima um mastim daqueles, com algum metro e meio de largo. Só o trabalho de distribuir naifada não vale o serviço. Além da cagada, o sangue todo esparrinhado, a roupa dum gajo para o galhé... e há sempre a probabilidade do tipo não ficar bem morto, de começar para

ali a estrebuchar como um besugo... chiça, então às postas... Com tanta pistoleca a três tostões. Pum, pum... e está feito. Silenciador no gargalo, um tipo raspa-se de manso, como se tivesse ido aliviar-se à moita, e os bófiás que puxem pelos neurónios. Depois: porque é que um gajo não há-de arquivar quem o entala se o verbo até está na moda?!» Com a deixa em aberto, aliás imprópria do ofício, esmaga a beata, bebe outro gole e arremata. «Acaba as falinhas mansas que amanhã tens um dia complicado». Enquanto isto, dá-lhe às pernas o Neves, ondeando a alvura de baptismo chamuscada e um bafo de afugentar. «Já cá faltava este, ainda por cima aviado», sentenciou. Pô-lo ao colo, de supetão, como uma estola velha, e amaciou-o a festas de mão pesada. «A quem sairás tu com esta maldita tendência para a vadiagem?» Apagou a luz e esticou-se, o gato agora teso de sentinela, adormecendo com a imagem desfocada de um centurião de minifalda a baloiçar decapitado no tecto do aposento.

Eram uma vez uma manhã de nevoeiro com um amolador de nome Sebastião Afiadinho a bolinar a gaita de beijos estridente e dois namorados de arrufos (pretéritos) a resolverem a quezília de penachada. Melícias arregala o olho no *grand finale*, acordado a uivos de coiole e bemóis de cio compensado. Arrastase à escada, zaranzo, com pálpebras de peru e hálito a doninha reformada, e rezinga um «ponham-se nas putas». Vem nu da cintura aos peúgos quando esbarra com a vizinha do lado, regressada das compras, atafalhada de sacos. Confusão de talho e mercearia, as mãos ágeis no baixo ventre e a frase desenrascada «desculpe lá Dona Piedade, mas saí desarmado». A velha, ainda a ofegar do atropelamento, responde sem hesitar: «Ó senhor Vicente, olhe que

não parece nada». Com este drible, zaca paca veterana, recolheu a casa, a passo estugado, não fosse a velha insistir no diálogo. Meteu-se a banhos desencantado, a remoer a ideia (negra) de ter sido topado nu e como isso lhe mexia na virilidade. Demasiados meses a vida de eunuco era o que dava, extremismos de sensibilidade abalada. Saiu da banheira a ruminar o pensamento numa ténue desolação de macho encahado. Coçava as virilhas, em reflexão, quando lhe ocorreu um preceito popular do estilo «mais vale só que mal acompanhado». A que se juntou um derradeiro argumento marcial: «Antes isso que assinar compromissos vergonhosos com o inimigo».

A conversa com a viúva iniciou-se pontualmente às dez, servida de chá, licoreiro, bolinhos secos e um prato de filhós cuja aparência as diria fritas no Natal de 1820. O detective Cid Paris, nessa manhã particularmente aparentado a Pit-Bull, preparava-se para a inquirição quando foi acometido por súbitos *loopings* de varejeira, às mocadas nos vidros e reposteiros. Como o moscardo não estafasse as acrobacias, vovejares oblíquos, pediu licença, armou-se de *magazine* corriqueiro e abeirou-se a pézinhos de lã. Mal se achou a jeito — a mosca parara em asseios — recuou o braço, como um archeiro, e desferiu a estocada. Catrapus, cacos de bule aeroplanantes, o casal Bárbara e Manuel Maria lambuzado de tília e filhós e a dita a zombar, vivinha, baloiçando-se num **corn**o de alce. Melícias desatou às gargalhadas de bardo, agarrado à barriga, saindo-se com uma achega elementar: «Este tipo se não nascesse tinha que ser inventado». A viúva foi-lhe atrás, em falsete, regozijando ao quadrado, pela fronha do Cid e o funesto desenlace. Ninguém diria que horas antes, no quarto ao lado, um homem fora cruelmente as-

sassinado. Mas Cid não se dava por derrotado. A questão era agora pessoal. Num ímpeto atlético, abriu a janela, recolheu o cortinado e enxotou a varejeira em triplo salto, com êxito apreciável, embora quase aterrando as carnes no quintal. Enquanto isso, o apoucado Almeida Curto, de calça *tweed* lilás e sapatinho *marron* de verniz (com ripinhas), passeava-se de gatas, alheio a tudo (por ordem estrita do Cid), desandando para cá e para lá, lupa na mão esquerda e teodolito na algibeira, entoando, a cada achado digno de registo, um sibilar de cascavel. Na sala de estar, o detective-archeiro voltou a sentar-se, um tudo nada embaraçado, e retomou o interrogatório com trejeitos de maxilar, desta feita à Basset.

— Minha senhora, antes do mais, conte-me a sua versão dos acontecimentos.

A viúva, subitamente imersa na fatalidade, apertou o véu de luto ao peito e desatou a bradar aos céus, de olhos fixos num retrato em sépia do defunto, debruçada na cornija da chaminé.

— Ó Deus!, tanta missa ao domingo para nada. Que vai ser de mim sem o meu fafinho... (e nisto, de alterações com o Divino, evidentes manguitos mentais, desfalece).

Cid e Melícias levantaram-se de estirão e rodearam a mulher, com «prontos» prali e «calma» pracolá. Como quem queria a coisa, pegaram-lhe nos braços, um de cada lado, e, a pretexto dos abaixamentos de tensão, arregaçaram-lhe as mangas a comprovar o tom da pilosidade. Ora, a viúva era do tipo estivador, e tinha-os, aos pêlos, semeados a paleta completa, do cinza plúmbeo ao amarelo torrado, o que levou Melícias a regurgitar dois sonoros «Ah's». A recolha a pinça da véspera confirmava-se.

**146** — Vamos lá então, um esforçozinho. Isto não

passa de hoje... Basta dizer-me o que viu, tira-se umas notas e já está. E não se aflija que havemos de apañhar o canalha. — Confortou o Cid, com velo esmerado de bófia.

Acalmada a viúva a copos de água e filhós (estas, desviadas com educação para o pires), o detective colocou o caderninho a postos, pigarreou de aviso e a viúva recomeçou.

— Cheguei a casa pelas sete e meia, mais coisa menos coisa... demorei-me mais do que o costume. Ainda passei pelo *shopping*... a *Caverna* como lhe chama o nosso Nobel... tínhamos um *vernissage* este sábado e...

— ... E o que viu precisamente quando entrou em casa? — interrompeu o detective, agitando as bochechas para cima e para baixo.

— Ai, estava tudo virado do avesso, como se ali tivesse passado um furacão... fui direita ao quarto e dei logo com o coitadinho naquele estado... todo amassado, uma papa. Já nada havia a fazer... Só enterrá-lo.

Dito isto, Melícias reabasteceu a chávena de tília, salpicou-a de açúcar, levou a colher ao fundo e mexeu suavemente. Preparava-se para o primeiro trago quando lhe apareceu reflectida no fundo do caldo, em bojo de réptil chinês, a cabeça triturada do morto. Deu um pinote, como se o fantasma lhe tivesse espetado um coice (preventivo), espirrando a tília nos queixos. Para não apoquentar a viúva, desculpou-se com calafrios involuntários, rebates primevos de gripalhada. Cid, de lápis vezeiro e olho coruscante, prosseguia desatento, num esplendor de avidez criminal.

— E estranhou alguma coisa, a falta de qualquer objecto, dinheiro, jóias, pratas?...

— Estranhei que houvesse Corn-Flakes **147**

por todo o lado. Não se comia disso cá em casa. ... E que a porta não estivesse trancada, como era hábito, sem sinais de ter sido arrombada.

— Hum... Estou a ver. Julga então que o assassino possa ser alguém conhecido, alguma visita inesperada? – indagou Cid com o seu ar circunspecto número três.

— Pelas janelas não entrou, estavam todas fechadas, e também quem é que se aventuraria a trepar ao quinto andar... só o trabalho?!

— Sabe como é, casa na Lapa. Nem que fossem os Himalaias.

— Pois, as aparências...

— Nesse caso, inclinemo-nos para as possibilidades clássicas: dívidas de jogo, enriquecimento ilícito, agiotagem e peculato.

— Não lhe terá escapado nenhuma, senhor Cid?

— Assim de repente é só.

— Quanto a isso, fique desde já descansado. A relação do Vicente com o dinheiro sempre foi muito prática: cada um para seu lado.

— Hum. E, diga-me, data de quando a ligação ao ramo da agricultura?

— Refere-se certamente ao quintal que o pai lhe deixou no Alentejo.

— Consta que era... (consulta o caderninho)... «agricultor aposentado».

— Ele, de facto, vendia-se aos amigos do *yacht* como um latifundiário espoliado do Ultramar.

— (Pensou: «A seguir vem a Política») E familiares, além da senhora e dos filhos?

— Havia uma tia, irmã do pai, que fugiu para a América com um mórmon – constatou a viúva.

— Um mono, diz vossa excelência? — perguntou o Cid, numa surdez interessada.

— Um mórmon, um Elder loiro, americano, assim altinho, lixivioso, de olho azul... andava a espalhar a mensagem de Cristo pelo mundo.

— (ao que o Cid atalhou) Ah, estou a ver, a tia aprendeu depressa o catecismo. E essa tia, deu notícias?

— Nunca mais ninguém lhe pôs a vista em cima.

Melícias, refeito do susto, que tomou por coisas de fantasma há pouco, juntou-se num acrescento.

— O seu marido era homem de rixas, de se entornar? (e respondeu-se na mesma tirada). Lá corpulência não lhe faltava. Imagino aquilo traduzido em estalada...

— Do mais pacato, havia até quem o achasse virado.

— O porte *viking* não diria.

Por descargo de consciência ainda perguntou, ao encontro do tema:

— E... já agora... Eh... como direi... O falecido cumpria os deveres conjugais?

— Nesse capítulo devo confessar-lhe que o fafinho nunca foi um grande aficionado. – esclareceu a viúva, recompondo o xaile.

— Estou a ver, estou a ver. Exclui-se então a hipótese seis: amantes.

— Com o meu fafinho?! Duvido. Só se fosse por passatempo, assim como quem vai ver pássaros para a mata.

Pausa.

— Agora que fala nisso; um dia confessou-me que gostava de as ver nos buxos do Parque Eduardo VII.

— *As* ou *Os*? Ou haverá aí algum equívoco geográfico?

— Isso de geografias, não lhe sei responder. Sei que um dia lhe pedi para me levar, que talvez nos pudesse inspirar nos nossos... diferendos... mas ele ficou danado, disse que eu era «doida», que nem pensasse nisso, que era «programa de sopeira», e eu, dizia ele, «era uma senhora de família». Que, enfim, tínhamos de nos dar ao respeito. Perante tais argumentos, condescendi.

— Hum... (abanou a cabeça, de assentimento, a despistar uma possibilidade de repente mais provável). Pensou um bocado, tomando notas, isto é, garatujando, a ganhar tempo, antes de rematar a pergunta fatal. Coisas destas, matutou o Cid: («C'oa breca! O tipo rabiou-a. Está visto. Querem-me lá ver que o gajo pegava de empurrão... terá sido um ajuste de contas, alguma bicha desembestada? São hipóteses, são hipóteses, meu caro Cid...»).

No entretém, Melícias investigava a virilha, quando Cid disparou à queima, num assomo de veracidade.

— Ó senhora Dona Natércia, poderia dar-se a hipótese, ainda que académica, de o seu marido ser paneleiro?

— (a viúva engoliu em seco e devolveu com solenidade aristocrática) Bem, a prova física não a tenho... agora que dava para desconfiar, dava.

Cid e Melícias não trocaram palavra antes de entrarem no salão de chá ao fim da rua (por prudência, Almeida Curto ficara em casa da viúva em atavios de última hora). «Já que estamos numa de cházi-nho...», adiantou-se Melícias, com a sua proverbial inclinação para desentorpecer maus climas. Sentados, agora a lúcia-lima e scones com framboesa, cruzaram as primeiras impressões. Melícias tomou a

— Cheira-me a crime de sexo... a panelinha com a viúva. O silogismo perfeito: marido paquidérmico, impotente, teso e cornudo procura quem o alivie de tão completo sofrimento. A viúva safa-se com o alibi da *Caverna* e o matador arrecada o *cachet* da venda do negócio das Bíblias.

— Não vás em futebóis. Era demasiado simples. E um crime é assunto de relojoaria. O problema do gajo estava nos recalcamientos de infância, a insuperação da fase anal. O Freud explica isso.

— Lá vens tu com o fraudes.

— Digo-te mais. Está tudo nos orgasmos perenes. Repara: à falta destes, um tipo vira-se para o alimento. E aí tens o cachalote em potência. Para mais... e aqui deixa-me citar... *O alimento é a grande metáfora do plano sexual.*

— Que é que o cu tem a ver com os jines? — espantou-se Melícias.

Cid ergueu-se exclamativo, como um cangaieiro heróico de chávana empinada nos ares e atirou com o empenho de toda a energia mental acumulada em longos anos de ociosidade.

— Palpita-me que a história mete magala! Há lá coisa pior que um magala enciumado?

Melícias, ainda a desembuchar do scone, lembrou-se então de dizer, arrepiando um desfecho plausível para o caso.

— Pior, pior, só um magala viúvo, larilas e medido no chilindró. É o que se poderia chamar o triste fim de uma bicha-solitária.

O magala chamava-se na realidade Rodolfo Valentim e era empregado de uma chapelaria no Chiado. Usava saias travadas pretas com botas lilases de cano alto e dizia-se herdeiro dos Garibaldi.

Não os de linhagem italiana, mas por via de **151**

um casal de pasteleiros de Vila Nova da Barquinha. Que não era um homem muito varonil ninguém duvidava. Ninguém compreendia, porém, a sua insistência em adornar a cabeleira à Dietrich de bivaque militar. Rodolfo tinha cara de muitos amigos, uma cara rebo-luda e afável que os franceses designam por *beaux-ténébreux*. «Embora o *beaux* estivesse ali deslocado», escreveria Melícias no seu caderninho. O primeiro contacto deu-se no Dia de Reis, numa manhã varrida de nuvens como em Lisboa havia muitas por esses dias. Rodolfo adornava o manequim de bandelete e plumagem quando Cid e Melícias lhe estancaram à vitrina. A saia travada numa perna à Luís Figo atraía as atenções de Cid que olhava para Rodolfo como quem olha uma aberração de circo. Este, convencido que Cid o desfrutava, alçou a saia acima da coxa e puxou lubricamente do alfinetinho. Aplicou então o seu sorriso mais desinibido, mas ao procurar retorno embateu na franha máscula de Cid como se espetasse a felicidade num paredão. Cid entrou pela loja implacável.

— Oiça lá, você estava para ali a galar-me?

Rodolfo agachara-se atrás do balcão, na esperança de passar despercebido. À pergunta, que pelos decibéis indiciava algum desassossego do interlocutor, espreitou, de chapeleira no cocuruto, e disse com voz tremida.

— Às vezes os mais masculinos são os mais disponíveis...

— Disponível uma ova — saraivou Cid —, uma tábua de carroça pelo cu acima era o que você precisava, sua bicha. Havia de ser meu filho.

Rodolfo, embora satisfeito com a observação, arguiu em sua defesa.

— Se vivesse na minha condição não era tão  
**152** lesivo nas suas palavras.

A conversa de manicómio ficaria por ali não fosse Cid vir em serviço.

— Importa-se de chamar o senhor Rodolfo Valentim?

— O próprio. Em carne e osso — e saracoteia-se —, um criado ao seu serviço.

— Calculo que sim... Oiça lá, que tipo de relação mantinha com o senhor Leopoldo Fafe? E pode dispensar os pormenores.

— Era um grande amigo da loja. Fazia muitas compras... tantas quantas ficava a dever. Mas, para esse tipo de homem fazemos sempre o jeitinho. Tapamos o buraco... que é como quem diz.

— Pode saber-se onde é que o cavalheiro andava na tarde de 28 de Dezembro?

— Bem, na tarde do dia 28 de Dezembro, se quer que lhe fale com franqueza, estava a fazer um broche...

— Não lhe disse para não entrar em pormenores?

— O senhor não me deixou terminar. Um broche não é só esse comprazimento feliz da Natureza.

— Quer então dizer que o senhor além dos barretes também se dedica aos broches?

— Exactamente. E faço-os de todo o tipo, embora tenha um carinho especial pelos de cultura chinesa. Enquanto para ali ando de volta deles é uma tortura. Mas depois de feitinhos, não há quem se queixe.

— Não duvido... E onde fazia vossa excelência esse broche?

— Em casa do Marquês de Açucena e Pampulha, o mecenas — ao qual acrescentou, após um instante de reflexão —, um pulha armado ao fino!

Cid mandou-o continuar e abster-se de apartes políticos.

— Tenho lá uma oficinazinha. Por cada seis broches ao mês recebo uma avença de 100 mil escudos, fora os descontos é claro. Se quiser mostro-lhe o recibo.

— Tem portanto um alibi.

— Um alibi? Mas... Mataram o senhor Fafe?!

— Mataram é como quem diz... Cortaram-no às postas, como um vitelo.

— Ai, um homem tão bom. No bom sentido, evidentemente. Religioso que eu sei lá. Vendia Bíblias. Comprei-lhe duas. E recomendava-o sempre.

— Como está agora é que já não se recomenda.

— E há suspeitos?

— Palpita-nos que foi ajuste de bicha enfurecida — informou Melícias, fitando-o fixamente, como que a testá-lo.

— Se julga que estou metido nisso, tire já o ponezinho da chuva. O Marquês passou toda a tarde comigo de roda do broche. — defendeu-se Rodolfo, com os quebrantos da voz dissipados.

— Esperemos bem que sim — e levantou o tom —, pela sua saudinha.

Os resultados do laboratório chegaram às mãos de Cid duas semanas após o crime, já com a viúva de luto despido e o morto enterrado nos Prazeres... Tirando a nódoa de menstruação, atribuída a Genoveva Pires Anacleto, a mulher-a-dias que se descobrira manter intimidades concupiscentes («e bovinas», acrescentaria Melícias) com a viúva e as impressões digitais de Rodolfo Valentim encontradas na bisnaga do vaso-dilatador (que embora o aproximassem do defunto nada provavam quanto à sua veia assassina), os dados eram, na sua lata maioria, inconclu-

«O caso da bicha solitária» teria caído na volumosa pasta de arquivados não fosse Cid lembrar-se de passar em revista os seis volumes da *Nova Bíblia dos Capuchinhos*. Vira numa sessão do Olímpia a história entre o lúdico e o intelectual de um tipo que se inspirava nos versículos dos Macabeus para capar e sodomizar as suas vítimas. E, por portas e travessas, isto é, por atalhos obscuros e oblíquos do pensamento, achava ser possível residir ali o busílis do crime. Quando o agente Flores lhe arribou à secretária com as Bíblias ensacadas num plástico, ouviam-se umas buzinas felizes na rua, de católicos recém-escapados a homilia. «Ora cá estão os Capuchinhos», observou o agente, despejando os cartapácios sobre a mesa. «Vamos lá ver se trazem lobo mau», recambiou o Cid. Dispensado o Flores sem mais considerações, dispôs os volumes na mesa, mirou-os e remirou-os, sentiu-lhes o peso e farejou-os, de curiosidade a um tempo inquieta e inflamada, como se estivesse em presença de um abundante pasto para meditação. Mas, por mais voltas que desse, os malditos missais nada lhe diziam, a nenhuma conclusão o levavam, nenhuma pista descobriam. Sentia-se um completo imbecil com vinte anos de currículo. De franja nos nervos, levantou-se brusco, enrubescido, como touro que era, e só à custa de um extraordinário domínio de si mesmo não defenestrou os canhenhos. Foi então, num abrir e fechar de olhos, que se fez luz, isto é, que um clarão o ofuscou, vindo da rua, de dois potentes holofotes suspensos no cenário de um filme. Deteve-se à janela e olhou o corrúpio de gente em ataranto de formigueiro. De repente qualquer coisa lobrigou dentro de Cid, e, por estranho que parecesse num homúnculo do seu calibre, vista do prisma do defunto: se é que seria pos- **155**

sível a um gladiador vestir a pele de bicha?! Cid, até aí desarticulado e confundido como numa carambola de pensamentos, onde a sua cabeça calva e reboluda era apenas mais uma bola errante no pano, aclarou as ideias, despido de preconceitos. Pensou: «E se fora crime desesperado, na improbabilidade do amor assumido, das malditas convenções, da farsa colectiva, e não ajuste de contas, o que visto de outro ângulo podia bem ser o caso... e se o fosse, o sobrevivente seria por esta altura o mais digno de pena; só uma grande tristeza levaria àquela calamidade... E qual dos dois, vítima ou carrasco, teria mais motivos para tristeza? O morto já era, e nem as visões de Melícias, a cabeça reverberada na xícara e o coice de sobre-aviso, obviavam que aquele estivesse agora em piores condições. Um bicha, clandestino, nutrido como uma salamandra siberiana, vendedor de Bíblias e falido, eram demasiados fardos para um homem só, e para mais com ambições políticas. No fundo, o país livrara-se de um biltre. De mais a mais, quem se lembraria, no seu perfeito juízo, de usar um par de chinelos ornado de trombil de pequinês e dormir de tanga tigresa?». Na cabeça de Cid alternavam agora os motivos, poucos, e as coincidências, muitas. Naquelas duas semanas, juntara ao processo um aparatoso número de recidivos hábitos do defunto. Além de falho de fortuna e carácter, tanto quanto lhe sobrava em corpulência e amizades sórdidas, tinha entre os seus múltiplos prazeres furtivos uma predilecção pelas salas de cinema de ínfimo escalão. Primeiro pensara ser esse apenas um apelo da Natureza, um paliativo de minorias, a que se veio juntar a hipótese de ser esse o ponto de encontro para a venda das Bíblias, afinal um negócio encapotado de indecorosa

**156** literatura. Refutadas estas suposições, Cid viera

a saber por via de Rodolfo Valentim de um desejo secreto do «fafinho». Como se lhe não bastassem as tantas ambições já citadas e transcritas, aspirava o dito ao estrelato de Hollywood, não aos píncaros da fama, pois esses estavam-lhe vedados por uma inaptidão belfa para as línguas a par de alguma falta de ascendente pessoal, e o mais certo seria acabar os seus dias como um actor português celebrizado a quem davam apenas papéis de mafioso colombiano e chulo da Quinta Avenida. Aspirava, dizíamos, à modesta categoria de figurante, que o poupava a falas comprometedoras e onde o seu quilate não passaria despercebido. Quando o foco da rua lhe embateu uma segunda vez nas ventas e o fez recuar ao sofá de napa, um terrível capricho de adivinhação perpassou-o de alto a baixo. Era sobrenatural e ao mesmo tempo plausível que, apesar de todo o aparato macabro, do sangue espichado, da cabeça lanhada, do sexo nodoso, do enterro espampanante com cobertura de Imprensa e da presença de um manancial de amigos, tudo não tivesse passado de uma encenação e como as grandes imposturas, o corpo de Leopoldo fosse um simulacro para o pior dos crimes. A cobardia.



### **FICÇÕES nº 1 (1º semestre 2000)**

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekhov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa -Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

### **FICÇÕES nº 2 (2º semestre 2000)**

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente.

### **FICÇÕES nº 3 (1º semestre 2001)**

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto.

### **FICÇÕES fora-de-série (Julho 2001)**

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge.

### **FICÇÕES nº 4 (2º semestre 2001)**

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar.

### **FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)**

Heinrich Von Kleist | Isaac Bashevis Singer | J. D. Salinger | Tommaso Landolfi | Susan Sontag | Rui Zink | Nuno Artur Silva.

**Os autores que pretendam enviar contos para a revista FICÇÕES podem fazê-lo por correio electrónico (escrevendo o nome e contacto na primeira página do conto) para o seguinte e-mail:**

tintapermanente@mail. pt

**Ou pelo correio, para a seguinte endereço:**

TINTA PERMANENTE  
Revista "Ficções"  
Av. Igreja, 9-3º Esq.  
1700-230 Lisboa

*Parker Adderson, Filósofo*, de Ambrose Bierce, abre este número da Ficções. É um conto simples e admirável de um dos maiores e mais influentes contistas americanos de finais do século XIX, autor de textos tão importantes como *An Occurrence at Owl Creek Bridge*. Abel Barros Baptista apresenta a elegante tradução de *The Real Thing* de Henry James, absolutamente contemporâneo nos temas e nas reflexões. O conto *Lesson One*, de Gertrude Stein, incluído no original, é acompanhado de uma tradução necessariamente aproximativa de Luísa Costa Gomes. Do esquecido Marcel Aymé, em tradução de José Lima, a história de *O Passa-Paredes*, o pacato funcionário que descobre em si um dom extraordinário. Maria de Deus Duarte traduz *O Homem de Marte*, da canadiana Margaret Atwood, mais conhecida em Portugal como romancista. Armando Silva Carvalho escreveu para a Ficções *Nome de Flor*, cujo protagonista é um velho de idade bíblica, antigo “homem de mulheres”, desfiando seu rosário de memórias. Hélia Correia revela veia fresca e sarcástica em *Vilegiatura* e Tiago Salazar, o jovem da companhia, conta *O Caso da Bicha Solitária*.

